

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
CONVÊNIO
UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO
ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL**

**ARQUITETURA E PAISAGEM: UMA LEITURA DAS
POUSADAS NO PANTANAL**

SELMA MARIA RODRIGUES

**CAMPO GRANDE, MS
MAIO/2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
CONVÊNIO
UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO
ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL**

**ARQUITETURA E PAISAGEM: UMA LEITURA DAS
POUSADAS NO PANTANAL**

SELMA MARIA RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura do Convênio Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Fernando Freitas Fuão.

**CAMPO GRANDE, MS
MAIO/2005**

*Ao Isaac, Paola e Cauê, pela
paciência e carinho.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Fernando Fuão, orientador deste trabalho, cujo apoio e paciência foram fundamentais na sua realização.

Ao colega e amigo Angelo Arruda, na disposição de fornecer material e apoio em questões fundamentais.

Ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UNIDERP, que possibilitou a realização desta jornada.

Aos amigos e colegas que juntos enfrentamos um período às vezes difícil e outros, divertidos, em especial Izabella Mercante, Heloisa Mesquita, Vanda e Maria Luiza.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de delinear as condições de implantação e adequação dos edifícios a regiões especiais de arquitetura de pousadas, desenvolvidas na região do Pantanal, através de levantamento das condicionantes básicas que precisam ser levadas em conta nesta situação, a fim de fornecer subsídios referenciais para o desenvolvimento de uma arquitetura voltada e adaptada à natureza local.

Palavras-chave: Arquitetura. Regionalismo. Ecoturismo. Adaptabilidade. Pousadas.
Pantanal.MS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	15
1.1 ECOTURISMO.....	15
1.2 PANTANAL: MEIO AMBIENTE.....	25
1.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MEIO FÍSICO.....	25
1.3 REGIONALISMO.....	33
1.4 ESPAÇO E AMBIENTE.....	44
CAPÍTULO II - CONTEXTO HISTÓRICO.....	48
2.1 HOTELARIA.....	48
CAPÍTULO III - ASPECTOS TIPOLÓGICOS.....	59
3.1 ÁREA DE ESTUDO.....	59
3.2 CONDICIONANTES DE IMPLANTAÇÃO.....	62
3.3 POUSADAS NO PANTANAL.....	76
3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	80
3.4.1 ANÁLISE.....	82
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DAS POUSADAS.....	87
4.1 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES ANTIGAS.....	87
4.1.1 POUSADA AGUAPÉ.....	87
4.1.2 POUSADA BARRA MANSA.....	89
4.1.3 POUSADA CAIMAN.....	90
4.1.4 POUSADA FAZENDA RIO NEGRO.....	93
4.2 APRESENTAÇÃO DAS FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES NOVAS.....	96
4.2.1 POUSADA ARARA-AZUL.....	96
4.2.2 POUSADA CURUPIRA.....	98
4.2.3 POUSADA MARTIM-PESCADOR.....	100
4.2.4 PANTANAL PARK HOTEL.....	101
4.2.5 POUSADA REFÚGIO DA ILHA.....	102
4.2.6 HOTEL SALOBRA.....	104
CAPÍTULO V - ANÁLISE DAS POUSADAS.....	106
5.1 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES ANTIGAS:CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SÍTIO, PROGRAMÁTICA E TIPOLÓGICA.....	106
5.2 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES NOVAS: QUANTO AO SÍTIO, PROGRAMÁTICA E TIPOLÓGICA.....	116

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXOS.....	135
ANEXO A - Organismos e fontes de informações na questão do turismo.....	136
ANEXO B – Estrada-Parque.....	138
ANEXO C - Meio físico – Pantanal.....	139
ANEXO D – Gráfico solar.....	144
ANEXO E - Tipos e categorias de meios de hospedagem.....	145
ANEXO F - documentos necessários para legalização de instalação de um hotel ou pousada na região do Pantanal.....	146

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade expressa de se pensar em uma arquitetura de pousadas e hotéis adaptada para a região do Pantanal, com o mínimo de impacto ambiental. Atualmente, essa região sofre um rápido processo de transformação pelo crescente povoamento e pela aproximação de novos conceitos e pela moderna tecnologia.

O Turismo em Mato Grosso do Sul tem sido bastante explorado e cada vez mais vem ganhando adeptos por causa da grande diversidade e exuberância de fauna e flora existentes no Estado. Os tipos de turismo praticados são de aventura, de pesca, ecoturismo e de contemplação, atraindo turistas brasileiros e estrangeiros.

A organização do ambiente e sua devida conservação são condição básica para o desenvolvimento do turismo e de qualquer atividade humana. A associação e organização de cultura e arquitetura são possíveis e vantajosas para as duas áreas, porém complexa, e até o momento não recebeu importância dos agentes, produtores, empresas e órgãos responsáveis (BENI apud PIRES, 2002).

A exploração do turismo de forma organizada e consistente, além de proporcionar satisfação para os visitantes, também recupera a identidade histórica e o orgulho de um povo.

O homem pantaneiro, seja proprietário da fazenda, peão ou o índio, não fica imune a tão fortes modificações. Essas modificações estão chegando ao Pantanal pelo Turismo. A cada ano são construídas novas pousadas ou velhas, e tradicionais fazendas são transformadas para receberem turistas, de todas as partes do mundo. O turista vem ao Pantanal em busca de atrativos naturais e culturais que não estão presentes no seu cotidiano e, por isso, a comercialização de aspectos regionais e a cultura local tornaram-se um dos pontos mais fortes para o turismo.

A educadora Marlei Sigrist demonstrou em pesquisas que um dos objetivos é o de estimular os turistas a conhecerem os habitantes da região, seus modos de vida, atividades profissionais, atividades sociais, atividades estéticas, marcas históricas e sua gastronomia.

É objeto deste trabalho a arquitetura de variantes ambientais, geográficas e culturais que devem ser observadas para projetar em áreas especiais, como o Pantanal Sul-Mato-Grossense. Dentro dessa problemática, a intenção principal foi a investigação e busca de uma arquitetura adaptada com a região. Essa relação será verificada principalmente sob os critérios dos condicionantes construtivos, conforto térmico e de adaptação formal produzida no

Pantanal, e para isso julgou-se importante retratar os aspectos arquitetônicos, apresentar, mesmo que superficialmente, aspectos físicos, ambientais, históricos e regionais que influenciam na arquitetura dessa região.

A forma define uma paisagem. Se compreendermos o turismo como uma mudança de entorno cultural e a arquitetura como uma manifestação cultural, então fica visível a importância que a forma tem na imagem final que se deseja obter (FRANCO, 1997).

É objetivo deste trabalho analisar um conjunto de obras (pousadas), levantadas *in loco* e registradas por meio de fotos e projetos arquitetônicos, instalados na região, em áreas específicas diferenciadas. As obras estão oportunamente organizadas para verificação das condicionantes existentes na região, como sua localização, integração da forma com o meio, uso, conforto ambiental, aplicação e identificação de materiais locais, posição geográfica, tecnologia construtiva aplicada, reiterando os edifícios e proporção entre a construção e o entorno.

O levantamento foi baseado em: classificação pelo sítio, classificação programática e classificação tipológica.

Observou-se que as pousadas existentes são construídas ou reformadas sem levar em conta as particularidades ecológicas e ambientais do Pantanal, gerando assim verdadeiros "elefantes brancos", em meio a uma natureza rica e vasta que poderia fornecer todo o material construtivo sem que com isso houvesse desequilíbrio e disfunções no ecossistema local.

Além das questões de integração da arquitetura por meio da utilização de materiais locais, do conforto ambiental e dos aspectos formais, há ainda tópicos em voga como a questão cultural, ou mesmo a busca por uma arquitetura regional.

O conceito de Regionalismo é apresentado de várias formas por diversos autores que diferem entre si. Em função dessas várias correntes, obviamente não há como chegar a uma definição universal. No entanto, a noção de regionalismo na arquitetura torna-se mais concreta quando se passa a analisar algumas teorias que tratam desses assuntos, como as de Alan Colquhoun, Paul Ricoeur, Jorn Utzon, Oriol Bohigas, Alvaro Siza Vieira, Kenneth Frampton, entre outros. O regionalismo sempre esteve presente de várias formas na arte e na cultura no Brasil, ressaltando mais ativamente na Semana da Arte Moderna, onde este sentimento nativista esteve mais acirrado, visando a assumir a nossa realidade física e, simultaneamente, as expressões culturais até então menosprezadas pelas elites intelectuais que se identificavam com a Europa. O regionalismo foi, assim, um dos primeiros sinais, visível na literatura como na pintura, a acusar essa preocupação, focalizando, pela primeira vez, o

homem brasileiro da área rural com sua cultura peculiar.³ Com os preparativos da Comemoração do Centenário da Independência em 1922, aumentaram ainda mais os ânimos nacionais, o nacionalismo, os quais o regionalismo sempre bem atrelado. A Fundação da Liga de Defesa Nacional, comandada pelo poeta Olavo Bilac, chamava atenção para a importância do sentimento cívico. O intelectual e escritor Oswald de Andrade, com um artigo, também no ano de 1922, sugere características nacionais para a arte que estava sendo realizada no país, “reivindicando uma forma de expressão que não fosse a arte acadêmica consagrada na Europa”.⁴

O regionalismo, hoje, liga-se às tradições culturais da região, mas não prescinde do desenvolvimento tecnológico disponível mundialmente. Apesar da globalização, fenômeno que se alastra por todos os continentes, padronizando tudo, o regionalismo reaparece como uma forma de manutenção da identidade cultural.

Inicialmente não existe uma definição, conceito ou modelo para uma arquitetura regional para o Pantanal, nem é o objetivo deste trabalho definir modelos ou uma classificação tipológica. A própria arquitetura vernacular, mesmo apresentando um bom nível de adequação, não consegue absorver novas tecnologias. Por exemplo, a madeira e o barro, que eram material básico nas edificações, começam a ser substituídos por outros materiais sem critérios de adequação.

O processo de um planejamento, de uma adequação de materiais e formas arquitetônicas apropriadas à região, é a necessidade filosófica e ética que deve estruturar o ecoturismo e fornecer subsídios para a identificação de “produtos de viagens” que sejam consistentes com as metas, objetivos e limitações ambientais, sustentabilidade ambiental e social, assim como de desenvolvimento.

A crescente necessidade de se construírem hotéis que reúnam conforto, tanto para o hóspede executivo quanto para o turista que deseja conhecer outras culturas, faz com que os projetos arquitetônicos cada vez mais busquem soluções e lugares diferenciados, que satisfaçam a todas as exigências. No Brasil, o ecoturismo já representa 5% de todas as viagens de lazer, segundo cálculos da EMBRATUR. Cerca de meio milhão de estrangeiros esteve no país em 1999 para visitar lugares como a Amazônia, Pantanal Mato-Grossense e Sul-Mato-Grossense (INTERPAN, 1989).

O Brasil é um país com ecossistema riquíssimo e variado. As áreas ecológicas brasileiras somam 3,6 milhões de quilômetros quadrados, 43% do território nacional, dos

³ AMARAL, Aracy A. **Artes plásticas na Semana de 22**. (S. l.: s. n., s. d.).

⁴ AMARAL, op. cit., s. d.

quais 3,3 milhões apenas a Amazônia. Oficialmente, o país tem 134 parques e reservas nacionais, que ocupam 4% do território nacional. Estão protegidos apenas nos documentos, mas em muitos não há preservação.

Até alguns anos atrás, havia formas distintas de tratar a preservação no Brasil, sempre de maneira desastrosa. Grosso modo, era deixar que as belezas naturais fossem destruídas pela especulação imobiliária e pelo turismo predatório. Os piores exemplos podem ser observados na costa brasileira bastante agredida pela ocupação desordenada. Uma outra maneira de tratar a ecologia era desapropriar uma área, expulsar seus moradores, impedir o acesso dos turistas e colocar fiscais para protegê-la. Em vez de turistas, entravam caçadores profissionais, madeireiros e toda a sorte de predadores.

A concepção de ecoturismo começou em meados dos anos 1960 e 1970. Os primeiros movimentos ambientalistas no Brasil são de caráter preservacionistas e remontam a 1958, data da criação da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza. Mas com a pouca importância dada na época de seu desempenho no espaço público traz para os anos 1970 o processo de constituição do ambientalismo brasileiro, quando começam a configurar propostas provenientes tanto do Estado como da sociedade civil.

A emergência do ambientalismo ecológico no país não aparece como um fenômeno isolado, ainda que faça parte de um amplo processo de mudanças políticas, econômicas e sociais. A profundidade das mudanças modernizadoras dos anos de 1970 brasileiros explica inclusive o maior espaço de atenção que aqui tiveram as novas questões ambientais, em relação a alguns países da América Latina que se afastavam gradualmente da dinâmica do sistema internacional e, praticamente, adormeciam repetindo os mesmos debates das últimas décadas. Devemos entender que a economia mantém um vínculo indissociável com o meio ambiente. A redução de um impacto construtivo no ambiente acompanha em geral a redução dos custos dessa intervenção. Por exemplo, a implantação de uma edificação será tanto ou mais cara quanto maiores forem as modificações realizadas no sítio, ou ainda se não forem observadas as condicionantes ou possibilidades que o local oferece para redução de custos.

Referente à forma arquitetônica dos hotéis, Leão (1995) faz uma leitura de Rafael Moneo⁷ quanto ao processo de projeto como manejo dos elementos de uma tipologia (estrutura formal) na situação concreta e precisa que caracteriza a obra como singular e única. Esses elementos, que possuem uma continuidade e uma identidade própria, podem atuar uns sobre os outros, dando origem a uma nova estrutura formal e com um custo menor.

⁷ MONEO, R. De la tipologia. *Sumários*, Buenos Aires, n. 79, p. 14-25, 1984.

A discussão entre significados de modernidade, identidade, tradição, globalização e vernáculo não passa exclusivamente pelos termos arquitetônicos. A identidade cultural depende também de uma situação financeira estável, na qual a divergência que nos separa das críticas arquitetônicas está na impossibilidade de aceitar tanto definições artificiais de processos históricos como categorias estéticas genéricas na caracterização da arquitetura da região. De acordo com Fuão (2004), referente à sensação de espaço:

O sentido de orientação e desorientação do espaço-tempo pode ser melhor compreendido com o auxílio dos conceitos de tempo cíclico e de tempo linear. No tempo circular, característico dos povos primitivos, a arquitetura e os espaços são quase imutáveis, a cultura de um modo geral permanece a mesma. Na cultura ocidental, linear e acumulativa, os espaços e a arquitetura mudam freqüentemente, e se reserva à arquitetura o papel de monumento, de reservatório da história. No tempo cíclico as orientações espaciais arquitetônicas permanecem as mesmas devido à permanência das formas; já no tempo linear elas estão constantemente mudando, provocando não só um estado de constante desorientação, conforme a sociedade vai mudando, mas essas desorientações são graduais, e na maioria das vezes permitem que só possamos compreendê-las através das gerações. Por isso, utilizamos flechas, placas, sinalizações para nos orientarmos no tempo e no espaço.

Entretanto, é lícito recuperar fatores constantes que expressam a identidade em termos ecológicos, sociais, econômicos e culturais, mesmo tendo que lutar contra as barreiras econômicas para chegarmos a uma arquitetura com identidade própria, normalmente negada pelo desenvolvimento das estruturas sociais vigentes nos países desenvolvidos.

Por isso, é necessária uma releitura que supere os antagonismos estéticos, sendo importante definir as circunstâncias gerais e específicas de cada processo caracterizador das estruturas ambientais e valorizar sua significação cultural em relação aos grupos locais, que usam códigos simbólicos, transformando-os em correntes de desenvolvimento que se manifestam nos diferentes meios de expressão, seja na arquitetura ou na cultura local.

Uma má interpretação, além de ser de mau gosto, também traz um prejuízo visual, onde o turista espera encontrar harmonia entre o meio ambiente e a instalação onde se encontra. Em anos recentes, praticamente todos os países que se situam em faixas tropicais, de clima quente, houve uma retomada de consciência de que problemas ambientais exigem soluções apropriadas ao meio onde está inserido. Não é mais “politicamente correto” o estímulo do turismo de massas.

Muito praticado na década de 1950, esse estilo de turismo foi intensificado, tendo como os mais significativos representantes as praias de Punta del Leste, na Argentina, as praias da costa dos Estados Unidos e também a praia de Copacabana, no Rio de Janeiro,

Brasil. Como exigência, tinham-se grandes hotéis e restaurantes, transportes e sistemas viários ágeis, para transportar e acomodar cada vez mais pessoas em um mesmo local e no mesmo espaço de tempo, atingindo assim sua capacidade máxima⁷.

Com o passar dos anos, o turismo trouxe outras opções como a diminuição do turismo de praia e surgimento de novos destinos, criando assim uma nova tendência de mercado para o turismo de baixo impacto, valorizando lugares mais distantes do cotidiano urbano e iniciando, na década de 1960, estilos de turismo alternativo⁸.

O futuro do meio ambiente, melhores condições de vida e qualidade de saúde foram questões novas inseridas nos anos de 1970, onde vários grupos organizaram-se em defesa do meio ambiente, como o Green Peace⁹, com movimentos ambientalistas, inspirando outras organizações não-governamentais (ONGs) em todo o mundo (ANEXO A).

Hoje se observa uma valorização por destinos mais afastados e primitivos, com infraestrutura rústica, integrada ao meio ambiente, aproveitando os materiais e as técnicas construtivas locais, crescendo também a valorização dos edifícios antigos, adequando-os para hospedagens, restaurantes, museus e outros.

A percepção projetual coexiste em uma distinção, que assume vários estilos e diversas formas vernaculares de construção, que empregando um termo de Walter Benjamin¹⁰, já não são mais auráticas. Dizer que o edifício tinha uma aura é dizer que proclamava sua própria originalidade e singularidade, que era único e possuía um propósito de ser destinado a um objetivo. A arquitetura desenvolvida para um determinado espaço ou ambiente é antiaurática, tais formas não proclamam que são únicas, mas que podem ser reproduzidas de acordo com as esferas culturais que regem o espaço onde o edifício será implantado. As formas culturais não são mais consumidas em um estado de contemplação, mas sim de distração, no sentido de alienação.

⁷“[...] ocupar densamente uma área, implica alterar as condições anteriores, [...] e degradar as condições originais. Contraditoriamente, este estilo de turismo vai destruindo o seu próprio atrativo - desde a rede de edificações necessárias para acomodar os turistas, até o acesso aos lugares privilegiados pela natureza, passando por uma infra-estrutura que permita a circulação de pessoas, mercadorias e serviços, apropriados através de lucros, assunto, rendas e juros, privadamente.” (RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.). **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: HUCITEC, 1997.).

⁸Oposto ao turismo de massa, alternativo é aquele tipo de turismo que, quanto ao volume da demanda, se caracteriza pelo afluxo, que diferem entre si a partir dos objetivos e motivações de viagens. (PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Editora SENAC, 2002. p. 109.).

⁹Organização Não-Governamental inglesa que luta pelo meio ambiente e pela paz no mundo.

¹⁰Walter Benjamin - *Áurea na arte*. A definição de aura (dos objetos naturais) como o fenômeno único de uma distância por mais próxima que ela esteja nada mais é que a formulação do valor do culto da obra de arte em categorias da percepção do espaço e do tempo. A distância é o oposto da proximidade. O objeto essencialmente distante é o inatingível. A inatingibilidade é de fato uma qualidade capital do valor do culto. (apud OSBORNE, Peter. **Filosofia de Walter Benjamin**. (S. l.: s. n., s. d.) . p. 196.

A tarefa do arquiteto ao projetar em áreas especiais não é apenas satisfazer as aspirações tradicionais da estética e função, precisa também conhecer as manifestações físicas e simbólicas do impacto ambiental do projeto proposto. Como diz Martínez (1998, p. 172):

[...] a dificuldade se apresenta com a representação dos materiais, muito mais variados que antes da Revolução Industrial; essa variedade se refere tanto a suas propriedades sensoriais como as diferentes técnicas de uso, pertencendo a uma multiplicidade de especialidades que fazem de uma obra um campo de batalha com distintos grupos de construtores e no cenário de uma harmonia e concordância de artefatos bem organizados.

Para projetar de uma maneira “ecologicamente correta”, responsável e sensível, é preciso adotar um planejamento globalizador, mas não globalizado. É necessário compreender alguns dos aspectos básicos da ecologia, da sociologia e da arte, incluindo a estrutura e função dos ecossistemas onde irá atuar. Deve incentivar acima de tudo a economia local (materiais de construção da região, mão-de-obra local), promover a economia solidária e popular, isto é, a sustentabilidade social deve acompanhar a sustentabilidade ambiental. A região é uma construção antes de tudo humana e, portanto, submetida a uma determinada historicidade. Como disse Lynch (s. d.):

Uma estrutura física viva e integral, capaz de produzir uma imagem clara, desempenhando um papel social, fornecendo a matéria-prima para os símbolos e memórias coletivas da comunicação entre grupos. A simbologia desperta na humanidade co-relações inconscientes, criando uma estrutura de familiaridade e identificação por tais ornamentos, sendo estes constantemente eleitos como símbolos marcantes de uma região.

Para concluir essa apresentação, enuncio sua estrutura, onde apresento a primeira parte como caracterização do objeto de estudo onde serão descritos os conceitos básicos do Ecoturismo, Regionalismo e Espaço e Ambiente, assuntos pertinentes da pesquisa. São abordados o turismo e o segmento de instalações construídas no contexto de ambiente frágil da natureza; as noções e conceitos sobre o regionalismo e como deve ser aplicado em cada região e o espaço e ambiente - como o arquiteto e o turista observam, usam e desenvolvem atividades nesses ambientes.

Na segunda parte será apresentado o contexto histórico, fazendo um breve histórico do hotel e como se desenvolveu até hoje com novos conceitos e usos. Ainda alguns arquitetos e sua relação com o projeto de hotéis para áreas especiais e como caracterizaram a forma com o contexto regional.

A terceira parte, o cerne dessa estrutura — os Aspectos Tipológicos — apresenta as Pousadas no Pantanal e sua relação com o meio onde estão inseridas e as condições básicas de implantação e adequação dos edifícios. Serão propostas recomendações de análise considerando o sítio, a arquitetura, os requisitos ambientais e a adaptabilidade.

Por fim apresenta os meios utilizados para a realização da pesquisa, as informações e dados obtidos, respondendo ao problema levantado inicialmente, que será precedida de considerações gerais sobre o tema - principais problemas encontrados e soluções adequadas.

A pesquisa realizada teve como principal objetivo e desafio apontar a possível viabilidade de implantação e adequação dos edifícios a regiões especiais, com destaque para as pousadas no Pantanal. O tipo de estudo desenvolvido poderá trazer benefícios para o Estado, para a localidade estudada e também para a sociedade em geral.

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas, exploratória, pesquisa de campo, levantamento fotográfico *in loco* e descritiva, para analisar a viabilidade de implantação edilícia de pousadas, tendo como partida as fontes e os conceitos expostos.

Com base nas considerações e classificações citadas são analisados dez hotéis/pousadas: Pousada Fazenda Rio Negro (Aquidauana), Pousada Aguapé (Aquidauana), Pousada Caiman (Miranda) Hotel Salobra (Corumbá), Pousada Refúgio da Ilha (Miranda), Pantanal Park Hotel (Porto Esperança), Pousada Curupira (Corumbá), Pousada Arara-Azul (Corumbá), Pousada Barra Mansa (Aquidauana) e Pousada Martim-Pescador (Corumbá).

A sistemática da pesquisa coloca como proposta as condicionantes básicas para serem observadas na implantação de edifícios onde o impacto ambiental pode ser controlado e amenizado.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

1.1 ECOTURISMO

Neste capítulo serão vistos conceitos e definições de turismo, ecoturismo, com um breve histórico para situar-nos ao longo da pesquisa.

O turismo ainda não é tratado como uma ciência, mas sim como um fenômeno socioeconômico e político-cultural. Para a definição de turismo optou-se pela conceituação feita por Andrade (1998, p. 38):

Turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas lazer e entretenimento.

Para Eufrásio (1981):

O turismo é uma atividade humana internacional que serve como meio de comunicação e como interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visitando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas.

A Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR, s.d.) define o Ecoturismo como um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente (FIGURA 1).

Quando o turismo se relaciona com o meio ambiente passa a ser conceituado como ecoturismo. A terminologia ecoturismo e sua interpretação possuem controvérsias. Por possuir conceituação recente, qualquer definição mais rígida correrá o risco de ser superada pelo próprio amadurecimento conceitual.



Figura 1 - Exemplo de Ecoturismo no Pantanal
Fonte: www.pantanal.br

Nesse sentido, o termo ecoturismo, segundo Pires (2002), é a realização de uma viagem a áreas naturais que se encontram relativamente sem distúrbios ou contaminação, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar da paisagem juntamente com suas plantas e animais silvestres, assim como qualquer manifestação cultural (passada ou presente) que ocorra nessas áreas. Mais detalhadamente, o conceito de ecoturismo, conforme Pires (2002), revela os seguintes princípios:

- a) viagens recreativas responsáveis para áreas de significativo valor natural com a finalidade de apreciar, desfrutar e fundamentalmente entender tanto os problemas ambientais no sentido físico, quanto os valores culturais que encerram;
- b) o apoio à conservação ambiental, com o uso dito sustentável dos recursos;
- c) a participação das populações locais para obtenção do máximo de benefícios econômicos do turismo, usando recursos de maneira racional;
- d) a máxima diminuição de possíveis impactos físicos e culturais que esta atividade pode gerar;
- e) a educação ambiental visando à formação e aprofundamento da consciência ecológica e respeito aos valores, tanto para a comunidade anfitriã, quanto para os turistas.

O interesse por lugares relativos a meio ambiente peculiar, independente das causas que os busquem e das práticas sociais dele decorrentes, permite a interpretação de indícios

como um desejo contemporâneo de “retorno à natureza” (FIGURA 2). Como diz Serrano (apud ABDEL WAHAB, 1977, p. 23):

Desejo que vem se traduzindo em algumas buscas como, por exemplo, a obsessão pela proteção da natureza, a valorização e a tentativa de salvaguarda dos saberes de comunidades tradicionais - considerados como elementos necessários para a reformulação das posturas predatórias da sociedade mais ampla em relação ao ambiente - ou, ainda, a tentativa quase literal de reencontrar a natureza por meio do turismo, especialmente em sua variação ecológica ou ambiental.



Figura 2 - Exemplo de Ecoturismo no Pantanal.
Fonte: www.pantanal.br

Para colocar o turismo como um agente impactuante da cultura, é preciso antes definir que tipo de cultura é esta que está sendo afetada. O turismo como agente externo, ao se instalar e se desenvolver, causa um impacto no núcleo, entre eles, a própria cultura local.

Esse relacionamento entre empreendimentos e muitas vezes região resulta perdas para a parte representada pelo homem e meio ambiente. Há a idéia ainda de que quando duas culturas distintas entram em contato se produz uma terceira, resultante de ambas as culturas, o que pode ser boa ou má, dependendo do choque das culturas; será predominante aquela com mais característica, a que for mais desenvolvida e mais forte prevalecerá. Nessa perspectiva, a troca cultural é tida como normal, mas, se tiver a função de transformar qualquer apelo referente à tradição em mercadoria para ser vendida, pode ser maléfica. A absorção original uma incorporação cultural que poderá deturpar e poluir a cultura local, implantando uma aculturação descaracterizante, como também se transformando em um fator incômodo à comunidade nativa, fazendo-a sentir-se violentada na intimidade de seu cotidiano, perdendo a liberdade de movimento em seu próprio meio.

A paisagem geográfica constituída pelos povos do local com simples habitações diferentes é o principal indicador para mostrar que o turista está realmente mudando o lugar, vendo e sentindo emoções diferentes. A própria paisagem é produto da sociedade, da cultura que se desenvolve de forma diferente em todo o lugar.

A importância disso pode ser avaliada ao examinar o significado econômico do turismo enquanto indústria. Um exemplo significativo é o caso da Espanha, o turismo foi o motor essencial que permitiu alcançar a cifra de 800 dólares de renda *per capita*, quando há dez anos o país dispunha somente de 200 (RODRIGUES, 1999).¹

No Brasil, ainda não há uma política nacional de turismo à altura de seus recursos naturais e artificiais.

De acordo com o art. 1º do Decreto-Lei nº 55, de 18 de novembro de 1966, no Brasil, a política nacional de turismo é a atividade decorrente de todas as iniciativas ligadas à indústria do turismo, sejam originárias do setor privado ou público, isoladas ou coordenadas entre si, desde que reconhecido seu interesse para o desenvolvimento econômico do país (CARVALHO; BRITO, 1997).

O parágrafo 1º do art. 2º do Decreto-Lei nº 55 afirma: “O Governo federal orientará a política nacional do turismo, coordenando as iniciativas que se propuserem a dinamizá-lo, para adaptá-la às reais necessidades de desenvolvimento econômico e cultural”.

No parágrafo 2º, o Governo Federal se propõe, por intermédio dos órgãos próprios, a coordenar “todos os programas oficiais com os da iniciativa privada, garantindo um desenvolvimento uniforme e orgânico à atividade turística nacional” (EMBRATUR, s.d.).

Com a criação do Conselho Nacional de Turismo (CNTur)² e da EMBRATUR, à CNTur foi atribuída a tarefa de formular, coordenar e dirigir a política nacional de turismo, sob a presidência do Ministro da Indústria e do Comércio, e para a EMBRATUR, a função de fomentar o desenvolvimento da indústria de turismo, executando as diretrizes traçadas pelo Governo.

Após duas décadas de existência, a EMBRATUR demonstrou pouca mobilidade e desenvolveu um trabalho lento e desconhecido do grande público. Hoje cabe às empresas privadas e organizações não-governamentais (ONGs) que dão suporte ao desenvolvimento do turismo a função de vistoriar e exercer os méritos pelo progresso turístico nacional, tanto por sua ação persistente como pelos altos investimentos que com grandes riscos faz no setor.

¹Em 1945, saíram para o exterior 300.000 espanhóis e cinco anos mais tarde, em 1950, fizeram turismo para o exterior mais de 4 milhões de pessoas. (RODRIGUES, 1999, p. 43.).

²O Conselho Nacional do Turismo rege as diretrizes para o desenvolvimento do Turismo no Brasil.

O turismo não pode descuidar das legislações ambientais e, sobretudo, da Lei nº 6.513/77, regulamentada pelo Decreto nº 86.176/81 que dispõe sobre áreas especiais e locais de interesses turísticos (KUAZAQUI, 2000).

As comunidades não podem deixar de exigir o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA)³ para os empreendimentos turísticos e exercerem uma intensa fiscalização de suas áreas. Um turismo planejado e integrado com a natureza poderia beneficiar o meio ambiente, assim como o meio ambiente favorece o turismo, o que significa a implementação de um turismo ecológico consciente.

Segundo o Diagnóstico do Turismo no Brasil (apud CARVALHO; BRITO, 1997, p. 66-67):

Cerca de 70% dos visitantes são realmente turistas, que vêm atraídos pelas belezas naturais país, e não utilizam agências de viagens nas suas excursões. As viagens de negócios representam 21,4%. Os fatores que levam às visitas são os atrativos turísticos que representam 70% e aumentam a cada ano, seguindo-se pelas informações de parentes e amigos, que somam 21%.

O turista estrangeiro tem uma média de permanência de 14 dias, gastando US\$ 56 *per capita*/dia, sendo que estes valores ascendem a US\$ 106 quando há utilização de hotel como meio de hospedagem. Somente o hotel representa um adicional de US\$ 50/dia para 84% dos visitantes. O uso de casas de parentes e amigos decresce a cada ano.

Apenas 40% faziam sua primeira viagem ao país, sendo que a grande maioria anunciou o desejo de voltar. As cidades mais visitadas continuam sendo o Rio de Janeiro (41%), São Paulo (27%) e Foz do Iguaçu (20%), seguindo-se com Florianópolis (12%).

O interesse crescente pelo ecoturismo entre governos dos países em desenvolvimento, os operadores comerciais, as organizações assistenciais e os conservacionistas dão a dimensão de seu enorme potencial econômico e conservacional. Os ecoturistas gastam bilhões de dólares todos os anos. Mas sua importância vai além desses números. Uma das mais relevantes é o uso da mão-de-obra e recursos locais.

As questões discutidas de aplicação da sustentabilidade social e da arquitetura com o meio ambiente, muitas vezes, ultrapassam aos problemas ligados à tipologia ou instalações. Isso é um reflexo da complexidade da experiência do ecoturismo e da necessidade de se envolver a conservação e a cultura local e está atrelado às políticas de desenvolvimento local e regional. Embora seja apenas um componente do ecoturismo, o projeto das instalações pode

³ Relação que as empresas desenvolvem sobre o impacto que o empreendimento irá causar no local no qual será instalado.

reforçar e aumentar a satisfação do turista e sua compreensão do local. Proporcionar um alojamento confortável, com baixo impacto ecológico é a chave para o sucesso das instalações ecoturísticas, porém estas deveriam também servir como janelas para o mundo natural e como meio para conhecer e compreender a natureza.

A preocupação com as instalações ultrapassa o âmbito do ecoturismo e pode ser percebida em outros setores da indústria do turismo. Importantes redes hoteleiras, como a Marriott Corporation, estão tentando oferecer apartamentos "que não agridam o meio ambiente", isto é, estão utilizando materiais e técnicas de construção que resultam em baixo impacto ambiental. A Choice Hotels está equipando os quartos com recipientes para a coleta de materiais recicláveis e encorajando os hóspedes à conservação (RUSCHMANN, 2002).

Para que o ecoturismo seja um sucesso, os empresários e governos locais não devem considerar apenas as instalações isoladamente - não importa quão bem projetadas ou planejadas elas possam ser. A adequação das instalações deve ser julgada dentro do contexto de um planejamento global da área. Tal planejamento deve ser resultado de pesquisas entre população local, governo e comunidade científica interada sobre a região (SILVEIRA, 1999).

O Ecoturismo configura-se como uma importante alternativa de desenvolvimento econômico sustentável, proporcionando a promoção do desenvolvimento social nas comunidades em que se desenvolve em bases sustentáveis, promovendo a proteção e conservação no ambiente natural de suas belezas cênicas e seus exemplares da flora e fauna.

Todavia, constatamos que o Brasil possui uma diversidade de ecossistema que poderia ser considerado um verdadeiro tesouro da humanidade, abrangendo a Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrados, Pantanal (FIGURAS 3 e 4), Caatinga, Floresta de Araucárias, Manguezal e as Zonas Costeiras e Insulares, com seus campos de dunas, ilhas, arrecifes, baías, estuários, brejos, falésias (RODRIGUES, 1999).

Convém destacar que o Ecoturismo é o segmento que apresentou o maior crescimento nos últimos dez anos em todo o mundo. Calcula-se que nos últimos cinco anos o número de ecoturistas aumentou cerca de 20% . No Brasil, ele vem sendo admirado e praticado pelo mercado externo, onde a preservação já é parte da concepção de turismo e globalização. Tal procura, portanto, possibilita o crescimento do fluxo internacional e o de divisas.



Figura 3 - Ecoturismo.
Fonte: www.pantanal.br



Figura 4 - Ecoturismo.
Fonte: www.pantanal.br

Cerca de 3,9% do território nacional está sob a proteção federal na forma de diferentes categorias, distribuídas em 35 Parques Nacionais, 23 Reservas Biológicas, 21 Estações Ecológicas, 16 Áreas de Proteção Ambiental, 9 Reservas Extrativistas e 39 Florestas Nacionais (PINTO, 1982).

Há, ainda, as Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPNs), que são áreas de conservação em propriedades privadas, para as quais existe uma legislação federal específica. A intenção da lei é a criação de uma rede particular de conservação onde o proprietário, por sua livre iniciativa, grava de perpetuidade parcela representativa de sua propriedade como Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Nas unidades de conservação tem-se trabalhado o Ecoturismo em uma aproximação com a Educação Ambiental. Muitos programas têm sido adaptados a roteiros turísticos, tais como visitas monitoradas, palestras de campo e exibição de filmes. Essas visitas têm-se

tornado uma fonte de renda importante para as reservas e áreas de conservação, que contam com orçamentos exíguos para todas as suas atividades.

Em algumas dessas áreas protegidas, em especial nos Parques Nacionais, Estaduais e Municipais, nas Florestas Nacionais, nas Áreas de Proteção Ambiental (APAs) é que se opera o Ecoturismo. São elas, o primeiro destino ecoturístico procurado pelos fluxos nacionais e internacionais. É importante assinalar que em algumas áreas protegidas, como as Reservas Biológicas e Estações Ecológicas, não se opera o Ecoturismo por causa da fragilidade desses ecossistemas cuja visitação é incompatível com os objetivos de manejo preconizados para essas unidades de conservação (PINTO, 1982).

Mesmo com a falta de tradição ambiental, o Brasil elaborou uma legislação à proteção do meio ambiente, preservando-o para o uso coletivo; é o que estabelece, entre outras disposições o Capítulo VI do Título VIII da atual Constituição (BRASIL, 2000).

Essa preocupação começou em 1981 com a Política do Meio Ambiente, que passa a discutir com os governos estaduais uma ação mais preventiva de planejamento por meio de Estudos de Impacto Ambiental (EIA)⁴ e do RIMA.⁵

A cidade de Corumbá, MS, abriga a maior concentração de hotéis na região e conta com agências de turismo especializadas que oferecem todo o tipo de atividades ligada ao meio ambiente. A atividade de pesca também é forte na região, representada pela presença de pequenas embarcações de barcos-hotéis que navegam pelo rio Paraguai em busca de locais conhecidos como pesqueiros.

O acesso à região é feito pela BR-262, com asfaltamento feito em 1981, e com isso surgiram novos empreendimentos turísticos, possibilitando dessa forma maior oferta de leitões, porém voltados mais para o lazer da pesca amadora.

Depois da declaração do Pantanal como Patrimônio Nacional pela Constituição de 1988, passou a ser visto como uma área propícia ao Ecoturismo. Formou-se assim uma nova forma de turismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense, voltado não só para o setor da pesca de lazer, mas também para contemplação da paisagem característica da região tão bem divulgada pela mídia.

Com essa nova modalidade, forma-se para o *trade* turístico uma nova opção de investimento.

Um planejamento turístico para o Pantanal pressupõe, previamente, um registro sistemático de dados e informações relacionados com os procedimentos envolvidos pela

⁴ É um relatório técnico sobre a região onde será implantado um novo empreendimento ou atrativos turísticos.

⁵ É um relatório simplificado de linguagem acessível ao grande público.

atividade turística, a qual deverá ser a base geral para a formulação de uma avaliação dos principais impactos que na atividade, por meio de um desenvolvimento planejado, poderá contribuir para um plano global de maneira sustentável na região.

O Plano Nacional do Meio Ambiente (PNMA) tem a sua componente “Proteção de Ecossistemas” constituída por quatro subcomponentes: Amazônia, Gerenciamento Costeiro, Mata Atlântica e Pantanal (GARMS, s.d.).

Está sendo desenvolvido um planejamento para a região do Projeto Pantanal, que foi criado com o objetivo de reduzir o ritmo e retificar os processos atuais de degradação ambiental nas partes altas e baixas da Bacia do Alto Paraguai, por intermédio de programas coordenados e integrados pelos Estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, compostos de medidas de proteção imediata e melhorias estruturais em longo prazo (MATO GROSSO DO SUL, 1999).

O projeto tem a preocupação de diagnosticar, de maneira integrada, os aspectos físicos, bióticos e socioeconômicos, para elaborar as diretrizes e estratégias de ação, para o planejamento ordenado das atividades e incentivos às atividades, e que sejam compatíveis com a capacidade de suporte dos ecossistemas existentes.

A falta de planejamento no uso do solo e dos recursos naturais, baseada na exploração imediatista, gerou para a região graves conseqüências: erosão e assoreamento das bacias dos rios tributários do Pantanal como fruto das atividades antrópicas, principalmente nas suas cabeceiras - o uso indiscriminado de agrotóxicos, descontrole das atividades mineradoras, a presença do turismo de maneira desordenada e às vezes predatória.⁶

O contexto local, representado pela fauna, flora, hidrografia e geomorfologia, é a principal mercadoria da atividade turística na região. A União Internacional de Conservação da Natureza (IUCN), com sede na Suíça, em um inventário sobre planícies inundáveis, coloca o Pantanal “entre as mais vulneráveis do mundo e talvez a mais exposta, nas próximas décadas, a mudanças tão drásticas, que poderão levar à sua completa destruição” (GARMS, s.d.).

Com um ambiente especial e exótico (FIGURAS 5 e 6), o Pantanal atrai uma significativa demanda externa e interna, surgindo, assim, implantação de uma infra-estrutura de alojamento nem sempre adequada à região, como também programas, equipamentos e atividades para o turismo, que muitas vezes comprometem seus recursos naturais.

⁶ Reunião de textos apresentados no 14º Encontro anual da ANPOCS/1991.



Figura 5 - Ecoturismo.
Fonte: www.pantanal.br



Figura 6 - Ecoturismo.
Fonte: www.pantanal.br

Para que haja uma relação de harmonia entre turismo e conservação ambiental no Pantanal, o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (PCBAP) prescreveu algumas ações consideradas imprescindíveis para seu desenvolvimento, entre as quais, sugere (BRASIL, 1997):

- a) estudos para a determinação da capacidade de carga, a mais próxima possível, dos recursos naturais e culturais da BAP, os quais vêm sendo utilizados e passíveis de utilização pelo turismo;
- b) inventário e zoneamento detalhado dos recursos naturais e culturais da BAP de interesse para o turismo;

- c) avaliação das ações e impactos ambientais promovidos pela atividade turística;
- d) programas de Educação Ambiental, voltada diretamente para o turismo, enfatizando os impactos negativos e positivos pela atividade;
- e) capacitação dos recursos humanos que trabalhem, direta e indiretamente, com o turismo;
- f) intensificação da fiscalização e controle nas atividades do turismo;
- g) implantação da Estrada-Parque (Rodovia MS-228 e MS-178) (ANEXO B);
- h) recuperação e reordenamento das áreas ribeirinhas degradadas pelo turismo de pesca;
- i) recuperação e ordenamento do Porto de Corumbá;
- j) elaboração do Plano Diretor de Turismo para a BAP.

O turismo no Pantanal deve ser implantado a partir de uma visão multidisciplinar que envolva os aspectos físicos e humanos. Deve ser oferecido àqueles que visitam a região, elementos para conhecê-la, não somente quanto as suas belezas, mas também seus problemas e dificuldades que lhe são inerentes.

O turismo na região ainda possui problemas de ajustes e sustentabilidade. O crescimento acelerado com campanhas direcionadas ao ecoturismo vem de encontro à falta de planejamento, modificando o equilíbrio encontrado nos modos de vida tradicionais. Além disso, sob o ponto de vista da cultura, verifica-se, de uma maneira geral, uma indiferença às técnicas construtivas regionais, à adequação ao clima e às práticas populares.

1.2 PANTANAL: MEIO AMBIENTE

1.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MEIO FÍSICO

O Pantanal do ponto de vista científico é uma das áreas menos estudadas no Brasil. Existem apenas pesquisas superficiais sobre os tipos de espécies que se podem encontrar (salvo exceções às pesquisas feitas pelas universidades de MT e MS e outros órgãos governamentais), pois são pouco conhecidos os números, a área e os hábitos da fauna, flora e outros elementos que o constitui.

A complexidade das condições ambientais e a conseqüente variedade de vegetação atribuem à região a designação de Complexo do Pantanal (ANEXO C) a sua variedade de vários pantanais (FIGURAS 7 e 8).



Figura 7 – Mapa das sub-regiões ou Pantanaís.
 Fonte: Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Pantanal

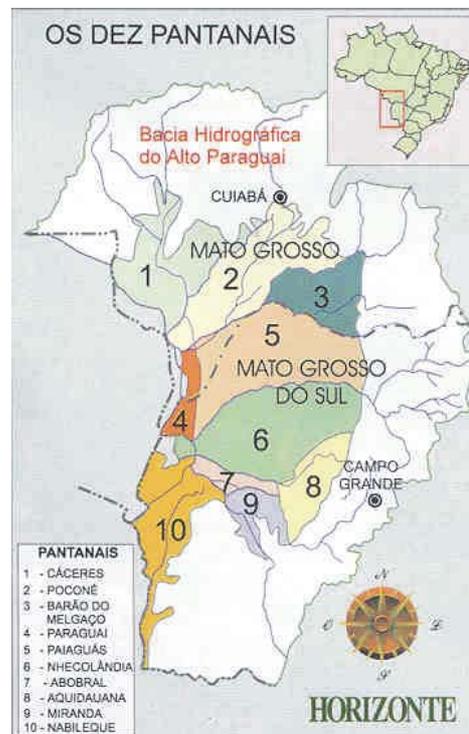


Figura 8 – Mapa da região do Pantanal.
 Fonte: Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Pantanal

O professor paulista Ab'Sáber diz como não se pode juntá-los em uma só definição, como também não se pode pensar na vegetação que os reveste como algo uniforme. As águas que beiram as "cordilheiras"⁷ como são chamados os compactos bosques que, alinhados em ligeiras elevações arenosas, acompanham os rios e os "corixos".⁸ Mas outras paisagens, radicalmente diferentes, como as campinas sem árvores, só com arbustos, ou as matas densas, onde se erguem aroeiras, angicos e outros. Também não faltam palmeiras de diversos tipos, como o carandá e os aguapés que bóiam nas águas.

Ao norte e a noroeste, cresce uma vegetação de tipo amazônico, não faltando sequer vitórias-régias. Ao sul, certos tipos de palmeiras, diferentes das brasileiras, indicam inequivocamente que a vegetação do Chaco⁹ se estendeu até ali. Nas demais regiões imperam cerrados e cerradões que, segundo Ab'Sáber, vieram do leste, e ainda acrescenta na borda oeste do Pantanal, para o lado da Bolívia, uma genuína vegetação da caatinga.

Também o clima do Pantanal está longe de ser uniforme. A variação da temperatura no decorrer do ano indica nitidamente a existência de duas estações, uma quente e outra fria.

O rio Paraguai figura como o principal responsável pelo fenômeno cíclico das cheias, desempenhando, no dizer de Souza¹⁰ (apud MAGALHÃES, 1992b): "O papel de calha coletora do sistema pantográfico regional".

Como os demais rios da planície, nasce fora da região. Seus limites: ao norte, com a Bacia Amazônica pelas elevações da Chapada dos Parecis; a leste, divide águas com a Bacia do Paraná e a oeste e sul, com as Repúblicas da Bolívia e do Paraguai. A sudoeste completa-se o contorno a Serra de Maracaju, formando uma área de 496.000 km quadrados. Destes, 160.000 km quadrados estão distribuídos na margem esquerda, a maior parte de seus afluentes está na margem direita com 336.000 km quadrados. Mais de 100.000 km quadrados da margem direita pertencem aos limites do Paraguai e da Bolívia (PINTO, 1992).

O rio Paraguai (FIGURA 9), com sua malha de afluentes e com seu ciclo de transportamento, movimentação de areia, vegetação decomposta, aguapés e escorre para outras paragens, ficando no lugar uma sopa de detritos no qual emergem as chamadas vegetações

⁷ Cordilheiras - pequenas elevações em forma de corões que variam de 1 a 6 metros de altura, constituídos por areias finas e pouco compactadas, provenientes da erosão de arenitos e levadas pelo vento para a planície do Pantanal. (Cf. MAGALHÃES, 1992b).

⁸ Corixos - são cursos d'água menores, de volume e leito variáveis conforme a época do ano, mas que correm o ano todo, alimentados por um rio de grande porte. (Cf. MAGALHÃES, op. cit., 1992b).

⁹ Denominação dada ao Pantanal da Bolívia, divisa com Mato Grosso do Sul.

¹⁰ Lécio Gomes de Souza.

pioneiras, capins, arbustos e uma infinidade de flores - um conjunto exuberante de vegetação que jamais brotaria naquele solo pobre sem contribuição das águas (FIGURA 10).



Figura 9 - Foto aérea da região do Pantanal
Fonte: Arne Sucksdorff - Ecoturismo.



Figura 10 - Lagoa da região do Pantanal.
Fonte: Arne Sucksdorff - Ecoturismo.

O clima do Pantanal é tropical subúmido, com média em torno 1.100mm anuais de chuva, havendo uma estação chuvosa (outubro/março) e uma relativamente seca (abril/setembro); a temperatura média anual é de 26°C, podendo ocorrer geadas esporádicas.

Geomorfologicamente, o solo do Pantanal é representado pelas unidades Planícies e Pantanaís, de topografia plana e cotas baixas, as quais são formadas quase em sua totalidade por solos hidromórficos que refletem bem a deficiência de drenagem generalizada, e sua forte

tendência para inundações periódicas e prolongadas. A litologia é constituída por sedimentos aluviais da formação Pantanal, que, associados à dinâmica do regime de alagamento, provocam a grande variação constatada nos solos.

A complexidade das condições ambientais e a conseqüente variedade de vegetação chegam a justificar a designação atribuída à região de Complexo do Pantanal. Na variedade dos tipos de vegetação, multiplicam-se nichos ecológicos, que condicionam cada qual uma fauna e flora específica, e existem áreas bastante diversificadas cobertas por vegetação variada em que se alternam plantas de várias espécies da região (FIGURA 11).

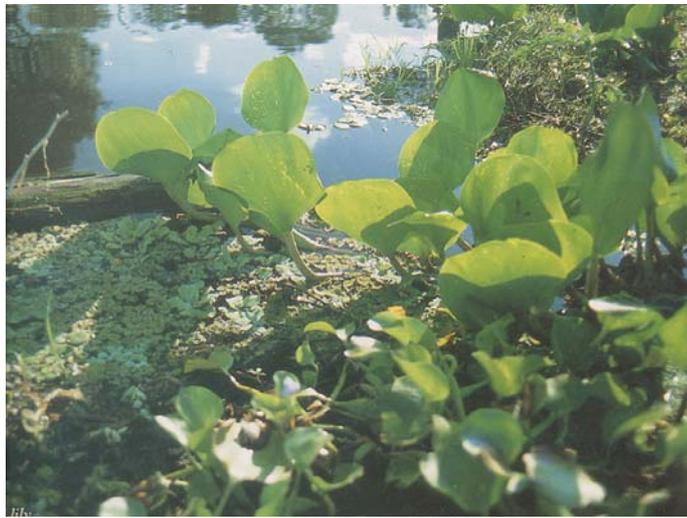


Figura 11 – Exemplo da flora aquática.
Fonte: Ações Prioritárias para Conservação da
Biodiversidade do Cerrado e Pantanal

O Pantanal é especialmente notável pela abundância de sua fauna. Ela é exuberante e riquíssima, tanto a aquática (FIGURA 11) quanto a alada, sendo, segundo alguns cientistas, o bioma brasileiro onde a concentração faunística atingiu sua maior expressão, com fantástica quantidade de indivíduos de numerosas espécies, em especial a avifauna aquática, que são as mais adaptadas às condições climáticas da região.

Por causa da sua facilidade de deslocamento, aproveita ao máximo os ciclos de enchentes e vazantes¹¹ e com isso determinam o comportamento alimentar e reprodutivo não apenas das aves como de toda a fauna.

¹¹ Vazantes - são canais de comunicação ou de drenagem entre rios e lagoas, encontram-se grandes quantidades de água de cheia e praticamente desaparecem na época da seca. (Cf. MAGALHÃES, 1992b).

A paisagem do Pantanal é caracterizada por terrenos muitos vastos e planos, onde sobressaem elevações como as cordilheiras, morros isolados e as serras, e depressões pouco profundas, a maioria preenchida durante grande parte do ano por água dos rios e banhados.

Nos locais, temporariamente inundáveis, e imediações, as moradias são em palafitas (FIGURA 12) proporcionando ao homem uma ocupação mais efetiva. Entretanto, na cidade de Corumbá, por causa da sua situação geográfica, as habitações construídas no final do século passado constituem um patrimônio histórico que já está em processo de tombamento (REVISTA, 1994) e restauração. Feitas de pedra, muito altas, espaçosas e arejadas. O conjunto arquitetônico, que o porto de Corumbá até hoje abriga, guarda ainda essas características perfeitamente adaptáveis ao clima quente da região.

A cultura assume características próprias. Os portugueses ao chegarem ao Pantanal aliaram-se ao índio e integraram-se, aproveitando elementos da cultura nativa para tornar possível a sua sobrevivência; o mesmo se deu mais tarde em relação ao negro.



Figura 12 – Habitação popular ribeirinha com uso de palafita no rio Paraguai.
Fonte: Vânia Toletto.

As influências geográficas e o próprio clima que modelam os aspectos materiais, sociais e animalógicos da cultura pantaneira dão origem ao tipo humano característico da região e psicologicamente diferenciado (FIGURA 13).

O fato é que ao longo da história, confinado nestas distâncias, o pantaneiro acabou por transformar-se num criativo improvisador, adaptador de meios capazes de garantir-lhe a supremacia sobre os elementos naturais, através de intervenção pacífica no sistema ecológico, a fim de conciliá-lo práticas domésticas e as atividades concernentes ao trabalho rural desenvolvidos nas fazendas (NOGUEIRA, s. d.).¹²

¹² NOGUEIRA, Albana Xavier. Doutora pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. CEAU/UFMS. (s. d.).



Figura 13 - Habitantes do Pantanal – vaqueiros da região.
Fonte: Vânia Toletto.

A primeira Guerra Mundial e a chegada da linha férrea mudaram completamente as características dos donos de terra.

Aos poucos, eles foram adequando suas atividades, notadamente a pecuária, a novos padrões, e transferindo-se das sedes das propriedades para as cidades, como Corumbá e, não raras às vezes, para São Paulo e Rio de Janeiro.

Como a atividade pastoril não necessita de muita mão-de-obra, o meio rural da região permaneceu pouco povoado. Em uma estrutura fundiária onde prevalecem grandes latifúndios, apenas um administrador e cerca de dez vaqueiros controlam perfeitamente uma fazenda típica, com cerca de cinco mil cabeças de gado ocupando uma área de aproximadamente quinze mil hectares (cerca de 150 km) (DREW, 1995).

Os vaqueiros, ou peões, que realmente tocam adiante as atividades da fazenda, apresentam as mais variadas origens. Há desde aqueles que perderam suas terras e agora são obrigados a trabalhar para os outros, até mestiços de origem indígenas, principalmente paiaguás e terenas, que encontram nessas atividades uma certa liberdade e um contato com as terras que conhecem como ninguém e que outrora lhes pertenceram.

Em geral, os peões moram nas fazendas, sobretudo os solteiros. Os casados normalmente mandam suas famílias para as cidades do Pantanal, onde moram com parentes e têm a oportunidade de educar seus filhos. Como a população rural fica extremamente espalhada, não existem hospitais, escolas e outros serviços.

A água enquanto isso vai ilhando as sedes e demais casas das fazendas, forçando seus poucos habitantes a um inevitável confinamento.

O Pantanal, visto como um todo, é uma realidade em rápido processo de transformação de novos conceitos e moderna tecnologia; o homem pantaneiro, seja proprietário da fazenda, o peão ou o índio, não poderá ficar imune a tão fortes influências.

O Brasil vem desenvolvendo o ecoturismo a passos lentos e o Pantanal não fica fora desse contexto. O grande problema são os possíveis efeitos da utilização sem controle no ecossistema, uma vez que essas atividades podem e são efetuadas, em sua maioria, por pequenos empreendedores que não têm condições efetivas de manter um controle e avaliação qualitativos sobre o ecossistema. Ao desenvolver atividades ligadas ao meio ambiente, é de primordial importância o conhecimento e possíveis impactos de sua utilização.

O conhecimento do potencial turístico e da diversidade da paisagem do Pantanal são os principais atrativos para o turismo contemplativo. Nas fazendas, as construções amplas, o trato hospitaleiro e as atividades tradicionais, como a lida com o gado e os passeios, são cada vez mais procurados pelos apreciadores do Ecoturismo, fazendo o Pantanal, um dos melhores destinos para apreciação da natureza (FIGURAS 14 e 15).



Figura 14 – Habitação popular ribeirinha às margens do rio Paraguai.
Fonte: Selma M. Rodrigues.



Figura 15 – Habitação popular ribeirinha às margens do rio Paraguai.
Fonte: Selma M. Rodrigues.

1.3 REGIONALISMO

Este estudo não busca uma arquitetura regional, mesmo porque há dúvidas quanto sua existência, mas busca a identificação de conceitos relacionados com a região que podem ser aplicados à arquitetura local. Os condicionamentos físicos de uma região, sua herança cultural, seus recursos humanos, técnicos e econômicos, entre outros, irão constituir as razões determinantes da forma na arquitetura.

Este capítulo levanta conceitos ligados ao regionalismo e sua aplicação na arquitetura.

O conceito de região (CERRI, 1999; GIDDENS; SANTOS, 1986),¹³ até determinado momento, era considerada a "categoria por excelência, do estudo espacial", quando ainda não ocorria o fenômeno da integração nacional, quando a formação nacional como um todo ainda não se impunha sobre o regional, o que conferia às regiões uma certa autonomia e, muitas vezes, favorecia laços diretos entre elas e os centros do sistema mundial, dando a impressão de que cada região funcionava segundo uma lógica própria, independente das relações do país como um todo junto ao sistema mundial.

A região aparecia com a noção de regiões de *reger*¹⁴, região significa reger, comandar. Como expressão espacial da ocorrência de uma mesma paisagem geográfica.

A Geografia tinha no método regional¹⁵ a forma de estudar a diferença entre os lugares. Busca a integração entre fenômenos heterogêneos em seções do espaço terrestre (Geografia como ciência de síntese), onde a área tentava mostrar sua unicidade.

As regiões passam por diversas fases de desenvolvimento e declínio mutáveis. Diante desse fenômeno surge uma espécie de "regionalismo" que não se enraíza apenas na resistência das tradições culturais, mas que se manifestam como guerras regionais por emprego e dólares, uma verdadeira competição territorial intensificada, em todas as escalas espaciais.

¹³ REGIONAL é a situação dada pelas formas-conteúdo da região, ligadas ao sistema de relações ligadas à lógica interna de firmas ou instituições e que opõe resistência à lógica mais ampla, de natureza geral, nacional. REGIONALIZAÇÃO - diferenciação temporal, espacial ou temporal-espacial das regiões nos ou entre os locais; a regionalização é uma noção importante para contrabalançar a suposição de que as sociedades são sempre sistemas homogêneos e unificados. REGIÃO - A região até determinado momento, foi considerada a "categoria por excelência, do estudo espacial", que confere às regiões uma certa autonomia e muitas vezes, favorecia laços diretos entre elas e os centros do sistema mundial, dando a impressão de que cada região funcionava segundo uma lógica própria, independente das relações do país como um todo com o sistema mundial. (Cf. GIDDENS; SANTOS, 1986. p. 179).

¹⁴ Cf. SANTOS, 1986. p. 25.

¹⁵ O método regional tentava reproduzir uma geografia local, ou seja, um conhecimento sintético sobre as diferentes áreas da superfície da Terra.

Segundo Max Weber (apud BENDIX, 1986), o desenvolvimento ligado à região é de caráter nacionalista, as condições são destruídas sem serem substituídas por algo novo de igual valor. A abordagem de Weber na relação entre as idéias tem implicações importantes no estudo da cultura. A ciência social contemporânea tende a usar o termo “cultura” referindo-se a todo o estilo de vida de um povo, seus artefatos e padrões de conduta, bem como a suas idéias e ideais. Usou a palavra *ethos* para este fenômeno geral, a fim de salientar que a participação de cada homem em sua sociedade envolve um compromisso pessoal tanto com os padrões de comportamento quanto com os interesses materiais e ideais de um estamento específico.¹⁶

Na definição atual de região, estamos longe daquela solidariedade orgânica, que era o cerne do fenômeno regional. O que há hoje são solidariedades organizacionais, isto é, as regiões existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de coesão, baseada em racionalidades de origens distantes, e que se tornam o fundamento da existência e da definição desses subespaços.

O conceito de região surgiu no Brasil com Delgado de Carvalho, sob influência do conceito de região natural dos franceses. Em 1940, o Estado tornou-se o agente da regionalização, criava-se, dessa maneira, as cinco regiões naturais brasileiras: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste (GIDDENS; SANTOS, 1986).

Em 1950 e 1960, já sob influência das idéias de Vidal de la Blache de região geográfica, as regiões naturais foram divididas em "zonas fisiográficas", formando bases territoriais agregadas para os recenseamentos. A partir das décadas de 1970 e 1980, a consideração dos aspectos econômicos e sociais na definição das regiões levou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Estado a propor uma nova divisão para as macrorregiões, onde se buscava destacar o novo centro de dinamismo do país, com base no processo de industrialização iniciado anteriormente.

O conceito de regionalismo no âmbito arquitetônico é apresentado por diversos autores com vários enfoques diferenciados. Em função dessas várias correntes, não há como chegar a uma definição universal, semelhante à apresentada por Ferreira (1999) de regionalismo: "Doutrina que incrementa os agrupamentos regionais, baseando-se em costumes e tradições regionais".

¹⁶ “[...] desse modo, a cultura de uma nação pode ser interpretada como fruto do poder de um grupo e do conflito de grupo em sua evolução histórica.” (Cf. BENDIX, 1986, p. 214).

No entanto, a noção de regionalismo torna-se mais concreta quando passamos a analisar algumas teorias que tratam desse assunto como: Alan Colquhoun, Paul Ricoeur, Jorn Utzon, Oriol Bohigas e Álvaro Siza Vieira, entre outros.

Segundo o teórico Colquhoun (1987), no seu ensaio “O Conceito de Regionalismo”:
"A doutrina do regionalismo é baseada num modelo de sociedade ideal. De acordo com esse modelo essencialista todas as sociedades têm um núcleo, uma essência a ser descoberta e preservada".

Ele chega a essa conclusão após fazer uma análise das teorias desenvolvidas no século XIX em torno da racionalização da vida social em função do crescente capitalismo urbano e também após verificar o quanto as idéias regionalistas permearam progressivamente a teoria modernista no período posterior a Segunda Grande Guerra Mundial.

Para Colquhoun (1987), a essência da sociedade que deve ser descoberta e preservada tem um aspecto que repousa na geografia do local, no clima, nos costumes e envolve a utilização e transformação dos materiais locais. Em palestras proferidas no Rio de Janeiro e em Lima, no Peru, no ano de 1992, ele declarou que o mais importante não é a forma final, mas, principalmente, o motivo que levou tal forma a ser adotada.

Os códigos arquitetônicos (formas de representação arquitetônica características encontradas no local), ligados por algum tempo aos costumes de regiões culturais semi-autônomas, há muito se libertaram dessa dependência. Se eles ainda são usados para reforçar características locais, é porque esta é a vontade dos arquitetos (COLQUHOUM, 1987, p. 58).

Ainda Colquhoun (s.d., p. 8), a doutrina do regionalismo adotada pelo movimento Moderno insistia na necessidade de que tal arquitetura fosse autêntica. Não seria então conseguida pelo método dos Românticos, que haviam invocado aspectos mediante a mimese de suas formas. Não seria por esses métodos que se recuperaria a essência dos arquitetos regionais. Mas com a descoberta das relações causais existentes entre as formas e seu entorno.

A busca da autenticidade absoluta no regionalismo, estejamos ocupados com sua aparência remota ou recente, criará um panorama simplificado de uma situação cultural complexa.

O conceito de regionalidade depende de sua capacidade para relacionar códigos culturais com regiões geográficas. Está baseada em sistemas tradicionais de comunicação, onde o clima, a geografia, as tradições artesanais e as religiões são absolutamente determinantes.

Esses determinantes vêm desaparecendo rapidamente e já não existem em algumas regiões do mundo. O problema da Arquitetura no mundo moderno é que parece não ser mais possível encarar uma arquitetura que tenha significado estável e universal que possuía quando vinculada à terra e às regiões.¹⁷

Segundo Ricoeur¹⁸ (apud FRAMPTON, s.d., p. 381), quando se trata de regionalismo, apresenta-se um paradoxo:

Por um lado há a necessidade de enraizar-se no passado, forjar um espírito nacional e divulgar essa reivindicação espiritual e cultural em relação à personalidade colonialista. Mas, visando participar da civilização moderna, torna-se necessário integrar a racionalidade científica, técnica e política às demais realidades mundiais, algo que freqüentemente exige o abandono puro e simples de todo um passado cultural.

Ainda para Ricoeur, as culturas regionais precisam ser, na atualidade, uma manifestação localmente modulada da cultura mundial.

[...] Temos a impressão de que esta civilização mundial singular exerce simultaneamente uma espécie de erosão ou desgaste à custa dos recursos culturais que constituíram as grandes civilizações do passado. Esta ameaça expressa-se, entre outros efeitos inconvenientes, pela expansão diante de nossos olhos de uma civilização medíocre que é a contrapartida absurda da cultura elementar. Em qualquer parte do mundo, encontramos o mesmo filme de má qualidade, as mesmas máquinas de venda automática, as mesmas monstruosidades de plástico ou de alumínio, a mesma deformação da linguagem pela propaganda, etc. É como se a humanidade, ao aproximar-se *en masse* igualmente estacionado *en masse* em um nível subcultural. [...]. Ninguém é capaz de dizer o que irá tornar-se nossa civilização quando ela tiver realmente se defrontado com diferentes civilizações por outros meios que não o choque da conquista e da dominação. [...] (RICOEUR apud FRAMPTON, s.d., p. 381).

Em se tratando de cultura local, tanto as antigas como modernas, para que tenham um desenvolvimento interior, dependem de um intercâmbio com outras culturas.

Utzon¹⁹ (apud MONTANER, 1997, p. 40) apresenta o regionalismo de uma forma associada às tendências mundiais. Segundo ele, não há necessidade de se criarem estruturas totalmente diferenciadas dos padrões internacionais para se executar uma obra regionalista.

¹⁷ Cf. COLQUHOUN, 1987, p. 59-60.

¹⁸ Paul Ricoeur, em seu livro *Universal civilization and national cultures*, publicado em 1961. (apud FRAMPTON, s.d. p. 381).

¹⁹ Jorn Utzon - *Busca a relação arquitetônica de formas do espaço privado e o espaço público por meio da relação com o lugar, toma referências das arquiteturas primitivas.*

Ele próprio associa, em suas obras, características tipicamente regionais à estruturas padronizadas nas construções de quase todo o mundo (FIGURA 16).



Figura 16 – Opera House – Sidney. Jorn Utzon.
Fonte: www.citruvius.com.br.

Para Oriol Bohigas,²⁰ o regionalismo deve representar os diversos impulsos culturais que constituem uma região. "Deve-se buscar a confirmação da natureza inevitavelmente hibridada cultura regional moderna."

Bohigas (apud FRAMPTON, s.d., p. 381) é um representante de um regionalismo anticentrista, catalunista e separatista, que por um lado tinha necessidade de reviver os valores racionalistas e por outro lado, via que era sua responsabilidade realizar um regionalismo real, que fosse acessível a população em geral. A primeira vista, foi um dualismo, estava entre a tradição de construções em alvenaria catalã, do período modernista, que as construções apenas tocava o solo e o conceito de integração do edifício com seu contexto, seu sítio, com materiais as vezes alternativos.

Álvaro Siza Vieira, ao discursar sobre as características de um trabalho regionalista, citou que:

Uma proposta arquitetônica cujo objetivo é aprofundar-se. Uma proposta que pretende ser mais que uma materialização passiva recusa-se a reproduzir essa mesma realidade, analisando cada um dos seus aspectos, um a um; tal proposta não pode encontrar apoio em uma imagem estática, não pode seguir uma evolução linear.

²⁰ O arquiteto Oriol Bohigas anunciou em seu ensaio "Possibilidades de uma Arquitetura de Barcelona" publicado em 1951, o que o regionalismo deve representar.



Figura 17 – Boa Vista – Portugal – Álvaro Siza.
Fonte: www.vitrovius.com.br.

Para Siza, o regionalismo se expressa de uma forma hipersensível em relação à transformação de uma realidade fluída e, contudo, específica, tornando-se mais estratificada e enraizada na região.

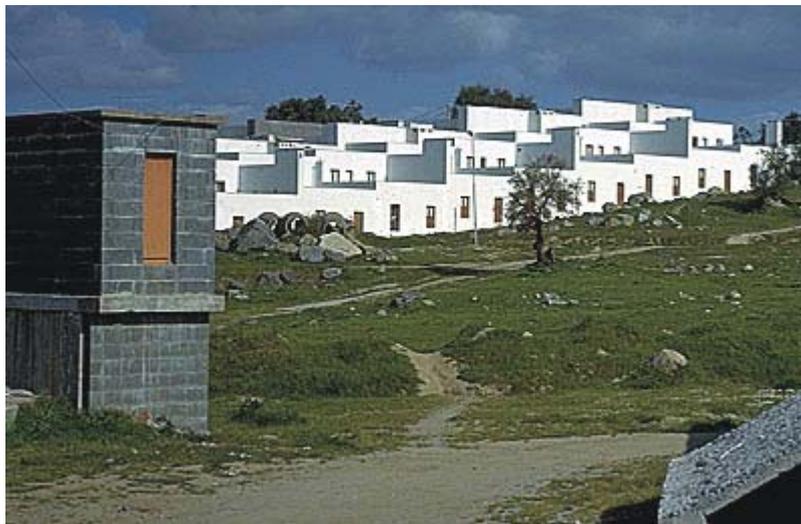


Figura 18 – Quinta Malagueria - Portugal. Alvaro Siza.
Fonte: www.vitrovius.com.br.

Segundo Costa (1997), a arquitetura regional esta ligada e tem suas raízes na terra; sendo um produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico social e se desenvolve com tecnologia de uma maneira mais apurada, com meios e técnicas peculiares de cada povo ou região.

Seu conceito fica visível no projeto do Park Hotel em Nova Friburgo (FIGURA 19), onde será mais comentado no capítulo de Pousadas, mas o interessante neste projeto é que ao contrário de sua posição modernista, adotou uma arquitetura apropriada ao terreno, mantendo ao máximo a vegetação natural, e fazendo uma integração estreita com o contexto.



Figura 19 – Park Hotel – Nova Friburgo, Rio de Janeiro, 1940. Lúcio Costa.
Fonte: Arq. Alberto de Souza.

Por meio do projeto do Ministério da Educação, Costa faz uma aproximação com os modernistas, concordando com a conceituação de Mario de Andrade²¹, sobre arquitetura moderna: “tinha uma natural tendência universalista, que com o tempo irá manifestar-se na sua forma nacional”²².

Outro arquiteto ligado à arquitetura integrada é o mexicano Luis Barragán (apud FRAMPTON, s. d.), cujos projetos assumem formas topográficas. Sua arquitetura às vezes sensual, ligada a terra, composta de espaços fechados, estrelas, fontes e córregos, usando jardins, sempre voltado para o interior - suas edificações, normalmente, erguidas sobre terrenos rochosos e vulcânicos, uma arquitetura que remete indiretamente à estância mexicana.

Usando recursos modernos da abstração para produzir imagens condensadas, unindo épocas históricas do México, especialmente para construções dos jardins. (Barragán era

²¹ Mário de Andrade, um dos intelectuais mais conceituados dessa época (1922), fez esta citação em um artigo no Diário Nacional em 1928.

²² Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis. **Arquitetura: história e crítica: textos selecionados**. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2002. p. 28.

também ótimo paisagista). É, talvez, onde esteja sua maior expressão arquitetônica, o contato direto com a natureza.

Segundo Barragán (apud FRAMPTON, s. d., p. 38):

[...] Antes da era das máquinas, mesmo no meio da cidade, a Natureza era a companheira fiel de todos [...]. Atualmente, a situação inverteu-se. O homem não se encontra com a natureza, mesmo quando deixa a cidade para se comunicar com ela. [...] Um cartaz de publicidade é suficiente para sufocar sua voz. A natureza torna-se um refúgio da natureza, e o homem um refúgio do homem.

Quando pensamos em Regionalismo, estamos sempre voltados para a natureza, edificações ligadas a terra; porém, se pensarmos em uma cidade já estruturada, ela possui uma cultura que foi substituída e alterada, já é própria da metrópole, e pode conceber uma analogia com seu entorno como temos no regionalismo voltado para ligação - edificação e contexto.

A busca de uma identidade regional na arquitetura também esteve presente no Brasil, e podemos dizer que seu início aconteceu na ânsia de brasilidade que se abateu, nas discussões dos participantes da Semana de Arte Moderna,²³ em 1922.

Tudo muda nas artes depois dessa Semana. Os artistas envolvidos, com experiências de viagens e cursos fora do Brasil, especialmente na Europa, descobrem um país rico de formas e inspirações.²⁴

O modernismo oscila no pêndulo incorporação/transgressão. Rego Monteiro, Tarsila, Di Cavalcanti (FIGURA 20), Guignard, Goeldi, Mário de Andrade e Villa-Lobos atuam por meio de estratégias afirmativas da tradição incorporadora para proceder à renovação. A iconoclastia cultural seria a forma de desafio da autoridade patriarcal na cultura. A linguagem nasce da transgressão e nessa operação encontra seu sentido (ARGAN, 1992).

²³ A Semana de Arte Moderna (na verdade foram apenas três dias), representou um divisor de águas, um marco que delimitou o fim de um período cultural marcado pela tradição e pelo conservadorismo e o nascimento de um outro, mais voltado para a realidade brasileira e que valorizou a pesquisa estética como a liberdade de expressão. Os autores buscavam a liberdade formal e o engajamento da literatura com a história, numa tentativa de redescobrir a identidade do povo brasileiro. Alguns dos participantes: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Érico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Anita Mafalhti, entre outros.

²⁴ Sobre a cor, Tarsila do Amaral comenta: A cor é telúrica. A natureza - água, vegetação, seres, noite - tem força cósmica. *Abaporu* (1926) é o divisor de águas da modernidade no Brasil. Antecede o “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade, que criou o título da pintura composto dos vocábulos guaranis: *aba* (homem) e *poru* (que come).



Figura 20 – Capa do Catálogo da Semana de 22. Di Cavalcanti, 1922...
 Fonte: AMARAL, Aracy A. *Artes plásticas na Semana de 22*. (s.l.: s.n., s.d.).

E esse novo sentido se deu em todas as áreas. A arquitetura foi fortemente atingida antes da Semana de 22, com a conferência de Ricardo Severo, em 1914, intitulada “A arte Tradicional Brasileira”, antecedendo um sentimento nativista que teria seu apogeu nos anos de 1920, se antecipava à pintura e literatura, na busca de raízes nacionais em um passado até então esquecido.

A Semana de 22, mesmo com algumas inconsistências e improvisações, abriu de forma decisiva o século XX para a criação artística e o pensamento nacional. Como escreve Graça Aranha (apud AMARAL, s.d., p. 272-273), sobre o sentimento nacionalista inserido na produção criativa da época:

[...] O regionalismo pode ser um material estético, literário, mas não o fim de uma literatura nacional aspirando ao universal. [...] O que hoje fixamos não é a Renascença de uma arte que não existe. É o próprio comovente nascimento da arte no Brasil, e como não temos felizmente a pérfida sombra do passado para matar a imaginação, tudo promete uma admirável “florada” artística.

Dentre os efeitos das idéias da Semana de Arte Moderna, ficaram fortes influências nos trabalhos que estavam por vir. Com a revolução arquitetônica acontecendo no mundo, o Brasil não ficou imune às novas tendências, proveniente dos progressos tecnológicos, foi acima de tudo uma revolução estética.

A arquitetura brasileira estava efervescendo de idéias. Havia passado por diversas experiências, no sentido estético, especialmente o neocolonial, vindo juntar a mais uma, a forte influência que Le Corbusier causou com sua visita em 1936. Esse ano é importante para a equipe que teve contato com ele, nas semanas de trabalho que resultou no Edifício do Ministério da Educação e Saúde.

Em relação à identidade nacional, Le Corbusier ficou seduzido pelos elementos locais, valorizando assim materiais que até então não eram considerados nobres pelos arquitetos, por exemplo: a palmeira imperial, o granito cinza e rosa, da região próxima do Rio de Janeiro, e o azulejo português (ARGAN, 1992).

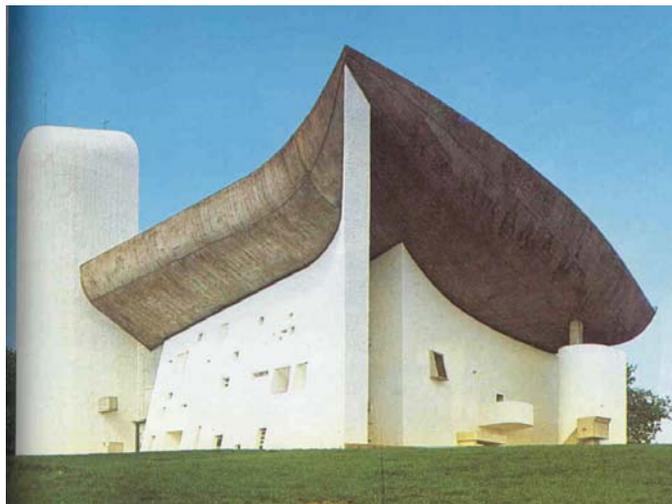


Figura 21 – Capela Nôtre-Dame. – Dame-Haut. Rochamp, 1950-53.
Fonte: Arte Moderna – Giulio C. Argan.

Deve-se entender que o regionalismo, hoje, deve estar ligado às tradições culturais da região, mas não pode prescindir do desenvolvimento tecnológico disponível mundialmente. Apesar da globalização, fenômeno que se alastra por todos os continentes, nos vários campos de atuação profissional, e faz com que ocorra um processo de padronização de valores, o regionalismo reaparece como uma busca de soluções para os problemas que afligem os habitantes das regiões, sem renunciar à expressão dos valores culturais que constituem uma forma de manutenção da identidade cultural.

Inicialmente não existe uma definição para uma arquitetura regional para o Pantanal. A própria arquitetura vernacular, mesmo apresentando bom nível de adequação, não consegue absorver novas tecnologias. Ocorre muitas vezes verdadeira violação à cultura original e o pior é que o resultado pode ser inferior. A madeira e o barro, que eram materiais básicos nas edificações, começam a ser substituídos por outros materiais sem critérios de adequação ao clima, à geografia e à paisagem local.

Enquanto o regionalismo enfatiza fatores específicos da região, que são variáveis, como a topografia, o clima, a vegetação, a cultura, a luz (ANEXO D), enfim os elementos que compõem sua estrutura espacial, o vernáculo é uma herança do núcleo da cultura local. São códigos formais, um repertório decorativo e estrutural e sua apropriação verbal surgiu dentro de um mundo acadêmico, pois é um questionamento estilístico e ornamental.

Arquitetura vernácula é um conceito que explora a base teórica e convenções metodológicas, sendo usada quando estuda o ambiente construído como um produto de processos de desenhos. No caso de estudo de edifícios comuns, a investigação de recursos históricos complexos pode ser lida ou analisada para obter informações, atitudes de gerações passadas. Qualquer arquitetura pode ser estudada como vernáculo e é uma aproximação, um delineador que distingue arquitetura e história.

O estudo sistemático e acadêmico da arquitetura vernácula é recente como investigação erudita. O reconhecimento de seu potencial tirou investigadores de vários campos. Só que cada investigador traz com ele suas próprias raízes para a pesquisa, muitas vezes usando suposições e metodologias para chegar às conclusões finais.

O vernáculo é possuidor de códigos com significados ideológicos diferentes, conforme seja seu uso, às vezes, a interpretação em um edifício pode ser completamente diferente de uma conotação dada ao mesmo código usado em um filme ou na literatura.

O estilo que mais se aproxima de uma comparação vernacular é o neocolonial. Enquanto o Brasil estava vivenciando a crise da Modernidade, o que ao mesmo tempo lhe permitia uma vinculação ao Movimento Moderno²⁵, em diversos países, os protagonistas da vanguarda arquitetônica materializavam-se por meio do racionalismo.

O desenvolvimento de uma arquitetura vernácula é causado pela transferência tecnológica de conhecimento de uma série de códigos conceituais, na persistência das tradições locais, no processo de construção da imagem da modernidade apropriada.

²⁵ Com o estilo arquitetônico moderno uma nova estética tomou conta das cidades, as quais passaram também a crescer verticalmente. Além disso, as condições sociais se alteraram profundamente, como decorrência da explosão industrial, da ciência, da técnica, do aumento enorme da população.

As conseqüências de tal desenho do edifício podem ser mostradas na dinâmica arquitetônica e nas construções urbanas, e em todas as que respondem ativamente ao ambiente dele.

A degradação da arquitetura vernácula, segundo Grobovšek, é que o papel do arquiteto pondera em vários dilemas, relativo à relação entre o dono (o usuário) de um edifício histórico e o serviço, tendo a ver com a proteção de herança cultural. Tal serviço fixa seus próprios parâmetros na luta pela preservação dos valores atribuídos à produção arquitetônica passada.

Uma vez por meio de classificação, edifícios anônimos se tornam parte da esfera pública que sempre não é assim a melhor solução para os edifícios. No interesse da preservação de herança cultural, as análises de papel desses arquitetos que com os projetos deles influenciam o sistema de valores estabelecidos. O poder da tradição, segundo Tadeja Zupancic Strojan, é a magia que alguns lugares possui, e que essa magia dá origem a sua criação. Modelos e especialmente o conhecimento de trabalho feito no passado podem ajudar reviver aquela magia. O poder de tradição deriva da preservação e renovação de espaço idêntico e que serve ao ambiente humano.

A arquitetura vernácula contemporânea perdeu o poder como resultado de conservação inflexível ou a falta de sensibilidade para a identidade de espaço e comunidade. Cada contribuição para a simbiose de elementos velhos e novos é, então, mais que precioso.

A arquitetura deve surgir associada a um intenso sentir de lugar, como resultado de toda a experiência que o arquiteto possui. Como o materializar de uma vontade que começa a ganhar forma e que é inicialmente experimentado sobre uma folha de papel, que cresce do livre movimento da mão. Sendo a semente deste método, a verdadeira essência do que se quer criar, a vontade ou verdadeira necessidade que é sentida e posteriormente colocada num programa. A essência do que vai ser guardado pela arquitetura que se cria.

1.4 ESPAÇO E AMBIENTE

A popularização da palavra Ecologia deve-se a vocábulos derivados do conceito ecossistema, presente nos trabalhos dos irmãos Odum e, em especial, na obra de Eugéne P. Odum - Fundamentals of Ecology.²⁶

²⁶ A ecologia se apropriou de termos normalmente utilizados pela ciência social, designou e inventou outros, para expressar seus conceitos como: população - grupos de indivíduos; comunidade - para população que ocupa uma determinada área; ecossistema - funcionamento conjunto da comunidade e o ambiente não-vivo; biocenose - comunidade e ecossistema respectivamente; bioma - biossistema regional. (apud FRANCO, s. d., p. 115).

Nos anos de 1970, Raquel Carson e Barry Commoner despertam interesse público americano para os perigos da não preservação do meio ambiente e suas implicações na qualidade de vida do homem moderno.

É possível considerar o projeto como uma organização espacial com propósitos específicos e ajustada a diferentes normas, refletindo as necessidades, os valores e os desejos de grupos de pessoas ou de indivíduos, projetando espaços e, desta maneira, representando a congruência ou incongruência entre a realidade física e a realidade social (RAPOPORT, s.d.).

Segundo Rapoport (s.d.), o espaço experimenta-se como uma extensão tridimensional do mundo que nos rodeia: intervalos, relações e distâncias entre pessoas, entre pessoas e coisas e entre coisas. O espaço construído é também uma organização de significados e, como consequência, os materiais, as formas e os detalhes convertem-se em elementos importantes.

Enquanto a organização espacial expressa significados e tem propriedades simbólicas, o significado se expressa freqüentemente por meio de símbolos, materiais, cores, formas, por exemplo, por meio dos aspectos icônicos do espaço construído. Essa organização significativa pode coincidir com a organização espacial ou pode não coincidir (VENTURI, 1972).

O espaço também é temporal e pode ser analisado como uma organização do tempo. As características espaciais também refletem a organização da comunicação. Assim, quem se comunica com quem, sob que condições, como, quando, onde e em que contexto são aspectos importantes da inter-relação entre a organização social e o espaço construído.

Segundo Umberto Eco (s. d., p. 187):

[...] a comunicação do espaço construído com arquitetura diz: “Uma consideração fenomenológica da nossa relação com o objeto arquitetônico construído diz-nos, antes de mais nada, que comumente fruimos a arquitetura como fato de comunicação, mesmo sem dela excluirmos a funcionalidade”.

Poder-se-ia afirmar, assim, que a organização do espaço é, antes, um fato mental do que um fato físico (RAPOPORT, s. d.).

Wright acreditava que o integrar a arquitetura na paisagem deixaria o ser humano experimentar e participar do seu encantamento da beleza natural, podendo alcançar com isso maior plenitude da vida. Dentro dessa linha de pensamento, destacam-se obras famosas, como a Fallingwater (1935-1939) (FIGURA 22); a Ralph Jester House, em palos Verdes, califórnia (1938); e uma de suas próprias residências a qual ele denominou “Taliesin West, em Scottsdale, Arizona (1937-1938) (FRANCO, s.d., p. 107).

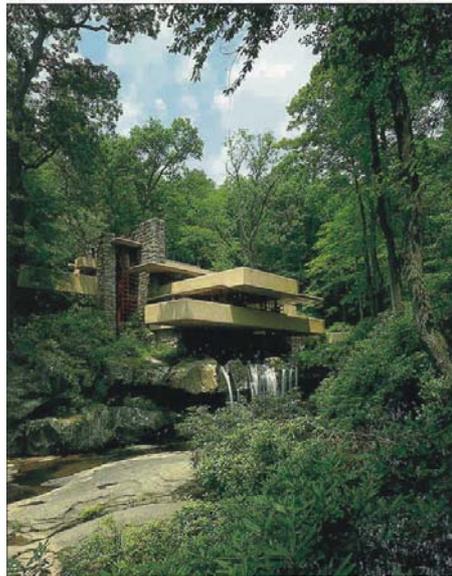


Figura 22 – Fallingwater. Bear Run. Pennsylvania, 1936-1937. Frank Lloyd Wright.
 Fonte: História da Arquitetura Moderna.

A organização do meio ambiente é o resultado da aplicação de conjuntos de regras que refletem diferentes concepções de qualidade ambiental. Assim, um projeto arquitetônico adaptável pode ser considerado como um intento de dar expressão à imagem de um meio ambiente ideal ou de criar um meio ambiente ideal ou real. Entretanto, um aspecto importante nas relações entre o homem e o seu meio ambiente diz respeito às atividades. A forma como compreendemos as atividades é de grande utilidade ao projetar espaços mais próximos da realidade social da região, onde estamos atuando.

Usando as palavras de conclusão de Frampton (s. d.), a arquitetura precisa se reposicionar para poder manter algum sentido de continuidade e profundidade em relação ao contexto global e que há um momento em que lugar e produção se fundem para criar atributos de caráter a partir do qual recebemos nossa identidade.

Em relação à organização espacial, Norbert-Schultz a descreve (apud FRAMPTON, s.d., p. 417):

Enquanto a organização espacial pode ser descrita sem a necessidade de referência a uma solução técnica específica, talvez seja possível estabelecer uma distinção entre caráter e processo de execução. É esse o significado da famosa afirmação de Mies van der Rohe, ‘Deus está nos detalhes’. A revolução técnica dos últimos cem anos é, portanto, mais que uma revolução técnica. Na verdade, a tecnologia moderna não serve apenas para resolver problemas quantitativos e econômicos, mas, se adequadamente entendida, pode ajudar-nos a substituir os motivos desvalorizados de formas historicistas que conferem caráter ao nosso meio ambiente, transformando-o, assim, em um lugar real.

Vários autores e arquitetos se posicionaram em relação a espaço e meio onde será desenvolvida sua obra arquitetônica ou não, ao longo da história. Estamos hoje mais preocupados com a funcionalidade, como Sullivan diz, “A forma segue a função”, e não estamos atentos à integração, sua relação com o meio e como isso altera a vida de quem a usa. Toda arquitetura só pode ser pensada a partir de sua localização, sua condição, seja regional, social ou política.

Segundo Argan (2004, p. 269),²⁷ o contato com uma realidade mais profunda ou essencial não admite uma objetivação, mas exige uma participação, quase uma confusão com a realidade. É evidente que a realidade não pode ser pensada como dada ou finita, mas como um contínuo formar-se e evoluir, um crescer sobre si mesmo.

A percepção ambiental é, pois, a experiência sensitiva mais direta e imediata do meio ambiente, e ainda que afetada pela memória e cognição, tão independente como possa sê-lo. A percepção sempre se relaciona com a ação, pelo que tem de envolvente, participativa e relacionada com a motivação e o significado.

A exemplo de Frank Lloyd Wright, que idealizava uma arquitetura orgânica para o desenvolvimento de estruturas básicas, que começou acerca de seu período de formação quando ingressou no estúdio de Adler e Sullivan. No início, essa tendência ao natural oscilava entre a austeridade da forma clássica e a assimetria, que, segundo ele mesmo, está distante do movimento moderno e não está disposto a abandonar a posição individualista que adotara. Ele concebe a arquitetura como representação ideal do mundo, à moda antiga e, por tal razão, transfere os problemas da sociedade contemporânea para uma natureza imaginária, onde eles podem ser dominados como puros quesitos formais (BENÉVOLO, s. d.).

Segundo Argan (2004, p. 273), Wright não fala de natureza como espaço, mas de elementos da natureza como matéria; a forma geométrica não é pensada como expressiva de espaço, mas como pura abstração mental; a designação mesma da consciência. A forma geométrica, portanto, não será uma representação da natureza, mas um estágio mais alto de organicidade, uma fase da criação em ato.

Por volta de 1900, desenvolve o que ficaria conhecido como Estilo da Pradaria e sobre o qual escreve em 1908 (apud FRAMPTON, s.d., p. 63): “A Pradaria tinha uma beleza própria, e deveríamos reconhecer e acentuar essa beleza natural, sua tranqüilidade. Portanto [...] coberturas salientes, terraços baixos e, fora, paredes contínuas, isolando jardins privados”.

²⁷ Orgânico é justamente o termo com que se designa a lei vital ou de crescimento da realidade. Moore recorre ao termo orgânico para definir a razão profunda das suas formas. Construtivo é a forma proporcional. Orgânico é a forma elementar. (ARGAN, 2004, p. 269).

CAPÍTULO II

CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 HOTELARIA

Para contextualizar o hotel e sua evolução até chegar ao conceito de Pousadas (LEÃO, 1995, p. 22), teria que remontar há uns 12.000 anos, período que começou a necessidade por hospedagens, isto é, desde que o homem sentiu necessidade em conhecer outros lugares, seja pelo comércio, guerras ou divulgação do saber, como aconteceu com os gregos.

No renascimento, as hospedarias começam a ser remodeladas ou reconstruídas com ampliações horizontais e verticais nos setores coletivos e melhorias exteriores. Acontecem na Alemanha, edifícios com características muito próximas às dos hotéis atuais. Inicialmente tais estabelecimentos eram denominados albergues ou pousadas.

Na Inglaterra, no período de 1750 a 1820, no meio da Revolução Industrial, as estalagens foram substituídas pelos *Inns*²⁸, que conquistaram a reputação de serem os melhores hospedeiros daquela época. Tiveram seu desenvolvimento em Londres e arredores, onde os *innkeepers* diversificaram e valorizaram seus serviços, que passaram a ser vistos como alto padrão de limpeza e excelente alimentação.

O rápido desenvolvimento da hotelaria nos Estados Unidos decorreu de vários fatores. Além do espírito pioneiro americano, havia uma forte política de satisfação igualitária, isto é, qualquer um poderia desfrutar dos serviços dos hotéis. Estes foram abertos para a comunidade, diferentemente da hotelaria européia, que era destinada a servir somente à aristocracia.

Havia uma grande diferença entre os hotéis americano e europeu. Na América, os hotéis urbanos tendiam a ser monumentais, enquanto que na Europa eram menores, com predomínio de habitações simples (LEÃO, 1995, p. 22).

Ao final dos anos de 1960, a inflação, a recessão e o aumento de desemprego atingem também os motéis, criando assim os hotéis de veraneio, de lazer, com estruturas mais simples, em lugares de interesse naturais, como montanhas, praias, lagos e outros.

²⁸ *Inn* = termo originado para designar as hospedarias, a partir do século XIX, que ofereciam acomodações em *route*, para os usuários das diligências.

A internacionalização da economia no mundo ocidental trouxe a formação de mercados de consumo de massas globais, incrementando uma série de atividades internacionais, dentre elas o sistema bancário e o turismo. A hotelaria passou por várias modificações ao longo dos anos. A atmosfera familiar do hotel antigo, ou da hospedaria, teve que ser adaptada ao desenvolvimento das diversas exigências de hospedagens dos viajantes.

A hotelaria desenvolveu-se muito desde então, assim como o próprio conceito de viagem. As grandes cadeias americanas na década de 1950 e os mega-hotéis dos anos de 1970 estabeleceram novos parâmetros de projeto que facilitaram, por um lado, a administração da empresa e, por outro, a identificação por parte dos usuários.

Hoje, a tendência mundial da segmentação hoteleira visa à especialização dos padrões de hospedagem como consequência do nível do consumidor e de suas exigências. Por essa razão, não se fazem mais hotéis com todos os serviços possíveis e imagináveis. A hotelaria tem procurado antecipar o hóspede do futuro: quem é ele, do que gosta, o que deseja, buscando um serviço especializado e personalizado, tanto no atendimento como nas instalações e serviços.

Na história da arquitetura, a temática hotel não é a mais significativa, mas vários arquitetos já o fizeram em alguma época de sua carreira, como Frank L. Wright, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa entre outros, que trataram o seu desenvolvimento referente à forma, tipologias, caráter, materiais construtivos, implantação, entre outros elementos construtivos.

A composição de uma edificação do setor de hotelaria é importante por ser um fator de influência no sucesso de um hotel, de maneira a despertar sensações no usuário, que são resultantes da forma adotada, da sua implantação, da integração com o meio, enfim é uma arquitetura voltada para envolver o hóspede, fazer com que sinta o lugar por meio de sua função: abrigar por um tempo limitado da melhor maneira possível.

No século XX há grandes mudanças, tanto estilísticas como funcionais. A respeito do estilo, o historicismo (ARGAN, 1992) tende a desaparecer entre os fins do século XIX e a primeira guerra mundial. Pode-se observar no Adlon de Berlin (1907, de Gause e Leibnitz) e no Regina de Munich (1908, de Stöhr, arquiteto e construtor) como o historicismo vai retrocedendo e prevalecendo o estilo do século XX.

O Movimento Moderno é pobre em exemplares significativos da arquitetura de hotéis, por causa das suas características conceituais:

[...] a arquitetura não pode continuar vinculada a um repertório de formas agora despidas de significado, mas deve se adequar às novas formas por meio

das quais a sociedade expressa seu sentimento do presente, às novas técnicas que refletem seu dinamismo interno (ARGAN, 1992, p. 83).

Com esse pensamento arquitetos como Wright, Corbusier e no Brasil Niemeyer e Lúcio Costa, precursores do Modernismo, projetam obras de hotéis.

Wright na sua busca por um estilo, durante a época do “mito da pradaria”, projetou o Hotel Imperial de Tóquio, entre os anos 1915 e 1922; foi uma tentativa de estabelecer uma visão universal, de cultura popular. Sob o ponto de vista ambiental e estrutural introduziu conceitos novos, para resolver problemas com terremotos, por meio de “alicerces especiais, baixos e rasos, que fariam o hotel ‘flutuar’ sobre o solo: ao invés de resistir ao abalo sísmico, o prédio oscilaria com ele” (LEÃO, 1995, p. 45).

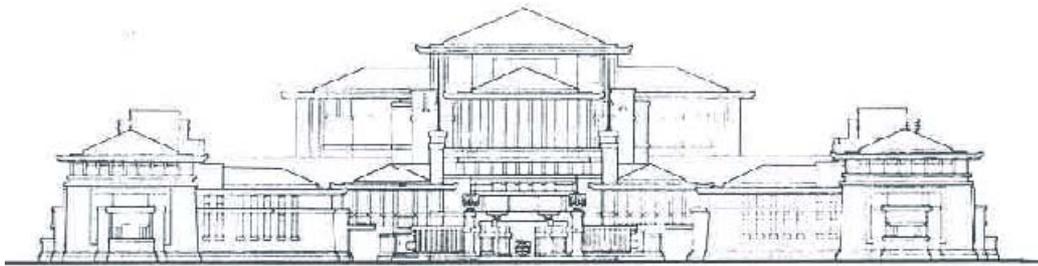


Figura 23 – Hotel Imperial – Tóquio, 1915-22. Frank Lloyd Wright.
Fonte: LEÃO, Lopes Carneiro Silvia. *Hotel: origens e formas atuais: caso de Florianópolis, SC*. Florianópolis, SC: PROPARG-UFPR, 1995.

Fora da realidade americana, busca integrar o edifício com as tradições locais, “empregando na alvenaria, um perfil tabulado e ameado, executado em tijolo e revestido com pedra de Oya” (FRAMPTON, s.d., p. 68).

Em relação à tipologia, propôs pátios internos, proporcionando ambientes diferenciados pela paisagem e pela iluminação. As habitações possuíam dimensões diferentes e eram dispostas ao longo de dois blocos laterais, que proporcionavam acesso para os pátios internos como também para o exterior.

Por meio de eixos centrais, determina a simetria do edifício, formado por três blocos, distribuídos lateralmente, unidos pelos pátios internos, fazendo com que proporcione uma dinâmica espacial e unidade variada, porém impossibilitando uma leitura do edifício como um todo.

No âmbito da arquitetura hoteleira, caracterizada pela padronização das células habitacionais, o arquiteto introduz um dado novo, diferenciando as unidades entre si.

O segundo desafio de Wright, harmonizar o hotel com os edifícios preexistentes e com as tradições japonesas, é buscado primeiramente pelas similaridades estilísticas com os edifícios situados nos domínios do Palácio Imperial, em especial o castelo feudal Edo. A semelhança dos telhados, com suas inclinações, sua horizontalidade, seus extensos beirais e cantos curvos; as paredes exteriores com seus frisos acima e abaixo das profundas janelas, agrupadas e separadas por pilares estreitos emparelhados com a superfície mural, são referências diretas ao castelo. [...]. Diferentemente dos demais edifícios públicos de Wright, caracterizados pela introversão e predominância da iluminação zenital, os espaços são menos herméticos e abrem-se para o “sublime exterior” (LEÃO, 1995, p. 49).

Para Wright, o resultado da aplicação de elementos e regras regionais reflete diferentes concepções da qualidade arquitetônica. Assim, o projeto pode ser considerado como um intento de dar expressão à imagem do objeto inserido no espaço, que segundo Sullivan (1924) escreveu sobre o hotel: “[...] Não foi uma imposição aos japoneses, mas uma livre contribuição para os melhores elementos de sua cultura”.

A importância de Le Corbusier na temática de hotel não recai sobre nenhum projeto executado por ele para este fim, e sim os edifícios de habitação coletiva que de alguma forma os tornam precedentes de hotéis contemporâneos, além de sua relação por um período com o vernáculo e a identificação regional.

As inovações que introduziu na arquitetura e influenciou importantes arquitetos que desenvolveram obras hoteleiras fazem com que sua contribuição seja relevante na concepção moderna que os programas e partidos arquitetônicos dos hotéis são desenvolvidos até hoje. Inovações desenvolvidas nos edifícios: Immeuble Clarté 1930-32, Porte Molitor de 1933, Unité D’Habitation entre outros.²⁹

Nos anos de 1930 e 1940, já estava consolidada a arquitetura moderna no Brasil. Oscar Niemeyer, um arquiteto com um conjunto de obras significativas e estabelecidas, formando uma linha de pensamento e soluções gerais, e mesmo assim sem perder a criatividade. O marco de sua obra até então, o Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro, já estava composto. Dentre os projetos desenvolvidos a respeito do tema há: o Hotel em Ouro Preto (1940) (FIGURA 24 a 26), o Hotel na Pampulha, (1943), o Hotel em

²⁹ Immeuble Clarté - unidades duplex, terraços enormes com balcão, uso extensivo de vidro nas fachadas. Porte Molitor - inverte a disposição de ambientes, situa o apartamento do zelador e os serviços junto ao solo. Unité D’Habitation - ruas-galerias como ponto de encontro, tipo barra sobre pilotis, cobertura com funções públicas e corredores intercalados. (LEÃO, 1995, p. 49).

Diamantina (1951), o Brasília Palace Hotel (1957-58) e o Hotel Nacional no Rio de Janeiro (1970), hotéis estes construídos no Brasil.



Figura 24 – Grande Hotel de Ouro Preto, MG, 1940. Oscar Niemayer.
Fonte: Arquitetura Contemporânea no Brasil. Yves Bruand

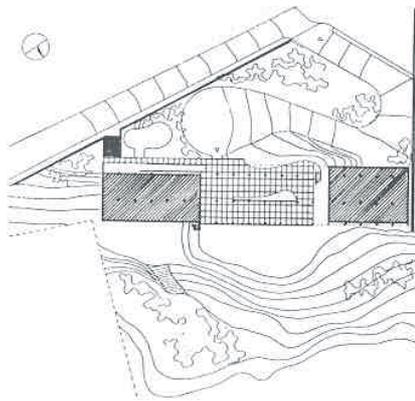


Figura 25 – Grande Hotel de Ouro Preto, MG, 1940. Implantação. Oscar Niemayer.
Fonte: Arquitetura Contemporânea no Brasil. Yves Bruand.

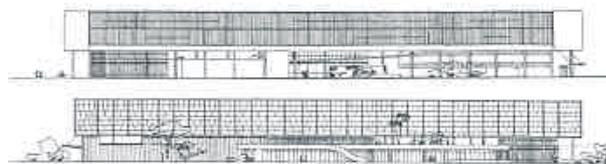


Figura 26 – Grande Hotel de Ouro Preto, MG, 1940. Vista Frontal. Oscar Niemayer.
Fonte: Arquitetura Contemporânea no Brasil. Yves Bruand.

Quando recebe a proposta de construir um hotel na cidade de Ouro Preto, ela vem com certas especificações, tais como: um edifício moderno, que atendesse à demanda do turismo, mas que não alterasse a configuração especial da cidade, com edifícios, que datam do século XVIII, e a grande maioria, monumentos históricos.

O terreno para a implantação era no centro da cidade, na encosta de uma colina, com declive forte, impedindo edificações com a técnica tradicional de alvenaria. Niemeyer, então, faz uso de pilotis para o edifício alinhar-se em níveis diferenciados, não impedindo que a composição fosse predominante na horizontalidade.

[...] A relação com a rua à frente é harmônica, mediante uma rampa suave que contorna taludes com vegetação. [...] O porte, a situação, os materiais e os elementos de arquitetura empregados fazem do edifício um objeto novo, mas perfeitamente consoante com a paisagem ao seu redor (LEÃO, s. d., p. 13).

O Hotel de Ouro Preto é uma resposta bem elaborada de Niemeyer quanto ao problema da arquitetura moderna integrada a um contexto, seja ele antigo, urbano ou social.

O Hotel Tijuco em Diamantina (1951) não possui a integração com o contexto urbano que havia no anterior, o Hotel de Ouro Preto; o edifício é visível na paisagem antiga como algo diferenciado, não estabelecendo nenhuma conexão com o entorno (FIGURAS 27 a 29).

Apresenta dois pavimentos apoiados em pilotis tipo consolo em forma de 'V', que sustentam a fachada anterior inclinada. O lote urbano apresenta um aclave na direção rua- fundos, configurando um acesso por rampa que eleva o edifício sobre um pedestal aplainado e corta sua relação direta com a rua à frente (LEÃO, s. d., p. 13).



Figura 27 – Hotel Tijuco, MG, 1940. Oscar Niemeyer.
Fonte: Oscar Niemeyer. Obras e Projetos – Joseph McBotey

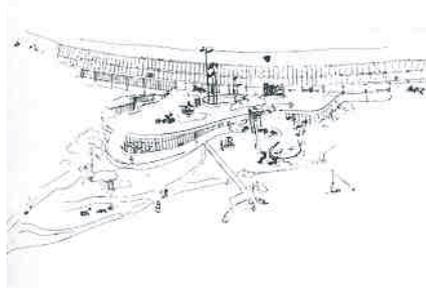


Figura 28 – Desenhos do Projeto do Hotel Tijuco, MG, 1940. Oscar Niemayer.
Fonte: Oscar Niemayer. Obras e Projetos – Josep McBotey

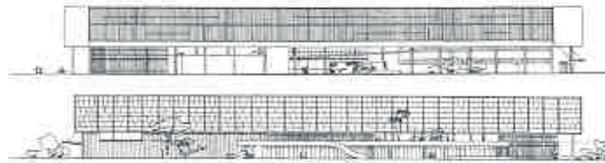


Figura 29 – Desenhos do Projeto do Hotel Tijuco, MG, 1940. Oscar Niemayer.
Fonte: Oscar Niemayer. Obras e Projetos – Josep McBotey

Niemeyer mantinha o racionalismo de Le Corbusier, nas possibilidades de expressão da forma, mas o tratamento que dava às superfícies e para os volumes de espaços era extremamente criativo. Como disse ele:

Procuro orientar meus projetos caracterizando-se sempre que possível pela própria estrutura. Nunca baseado nas imposições radicais do funcionalismo. Mas sim na procura de soluções novas e variadas. Se possível lógicas, dentro do sistema estético. E isso sem temer as contradições de forma com a técnica e a função. Certo que permanecem unicamente as soluções belas, inesperadas e harmoniosas com esse objetivo. Aceito todos os artificios. Todos os compromissos. Convicto de que a arquitetura não constitui uma simples questão de engenharia, mas uma manifestação do espírito, da imaginação e da poesia.³⁰

O Hotel de Pampulha, de 1943, faz parte do conjunto de programas que previa cinco edifícios: um cassino, um clube, um salão de dança popular, uma igreja e um hotel³¹, implantados em torno de um lago artificial da Pampulha, com a finalidade de constituir um centro de lazer.

³⁰ Tomado de um cartaz, na 8ª Bienal de Arte Moderna, São Paulo, 1965.

³¹ Tomado de um cartaz, na 8ª Bienal de Arte Moderna, São Paulo, 1965.

No conjunto de Pampulha é visível a intenção deliberada, em benefício de uma expressão plástica. Fez o concreto armado abandonar a rigidez de velhas organizações tectônicas, onde lajes e vigas se cruzavam em ângulos retos. Fez alterações de necessidades de edifícios tradicionais, a todos espantou levando o clero não aceitar a construção boa para o culto. A técnica empregada nas instalações foi a mais moderna possível, tudo em direção a nova expressão plástica, que só a maleabilidade do concreto armado possibilitava. À total liberdade de expressão plástica, até chegar à Brasília.

Quanto à composição dos espaços e formas do Hotel, possui dois pavimentos, com um corredor central unindo as duas partes, com varandas com vistas para o lago, não apresenta o piloti convencional, mas possui paredes deslocadas em relação aos pilares. Quanto as duas fachadas principais, mostra volumes que foram adicionados ao corpo do edifício, avançando para o lago, como é bem colocado por Leão (s. d., p. 14):

O edifício, perfeitamente adequado ao lote, é contextual também com relação aos demais prédios do complexo, todos em posições estratégicas dentro do amplo terreno, todos adotando formas livres em conjunto com formas prismáticas, todos enquadrando-se nos preceitos da arquitetura brasileira moderna do período, com suas referências corbusianas e coloniais conjugadas.

O Brasília Palace Hotel (1957-58), situado na zona do Palácio Alvorada, foi projetado para poder abrigar o Presidente da República e os hóspedes mais importantes, que visitavam Brasília para acompanhar o andamento das obras. Apesar de ser uma obra implantada em um terreno sem muita escolha, Niemeyer soube tirar partido e combinar o edifício com a paisagem plana e sem muita vegetação.

A solução encontrada foi simples e esquemática; coloca os ambientes do lado que melhor aproveita a orientação do sol, ligando-os por corredores retos, fazendo articulação com os vários blocos, cada um com uma função definida. “O Brasília Palace Hotel oferece ao turista um contexto agradável e de bom gosto, evitando toda a riqueza ostentatória, ao mesmo tempo em que garante o luxo e a elegância que convém à sua categoria” (BRUAND, 1997, p. 208).

O Hotel Nacional do Rio de Janeiro (1970), situado às margens da avenida litorânea, na praia da Gávea, é o último dos projetos de hotéis de Oscar Niemeyer para o Brasil. A composição possui uma tipologia cilíndrica, em um terreno cercado por morros e uma paisagem deslumbrante. Era necessário que privilegiasse todos os ambientes, com uma torre de 34 pavimentos (FIGURAS 30 e 31).

As relações com o entorno, como se observa, são basicamente de ordem visual: de fora para dentro não se deve interferir na silhueta dos morros e de dentro para fora deve-se visualizar a paisagem circundante, não adequada ao programa e no seu tratamento externo, não adequado ao clima do Rio de Janeiro (LEÃO, s. d. , p. 18).



Figura 30 – Hotel Nacional, Rio de Janeiro, 1970. Oscar Niemeyer.
Fonte: Origens e Formas Atuais. Silvia Leão.

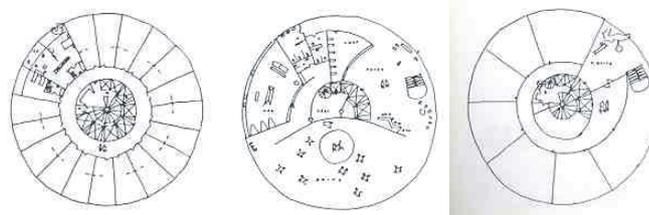


Figura 31–Hotel Nacional, Rio de Janeiro, 1970. Planta Baixa. Oscar Niemeyer.
Fonte: Oscar Niemeyer. Obras e Projetos – Joseph Mc Botey

Oscar Niemeyer sempre teve uma preocupação com a integração do edifício com o sítio ou contexto onde será inserido, o que vem ao encontro desta pesquisa em atribuir relação da arquitetura com o regional, com a cultura local e não simplesmente locar a edificação como se fosse algo isolado, fora da realidade contextual.

Para Lúcio Costa, o espírito de uma época é caracterizador e representativo, é verossímil, consciente e intencional. A atividade de Lúcio Costa como teórico e como arquiteto, é inseparável. Como teórico influenciou, toda uma geração, como arquiteto fez a

síntese entre arquitetura contemporânea e a arquitetura colonial.³² Lúcio Costa faz a síntese entre o ideário moderno europeu e as raízes da cultura brasileira, na realidade uma interpretação e adaptação pessoal do ideário forjado pelo modernismo brasileiro, em especial por Mário e Oswald de Andrade, desenvolvendo assim a preocupação com o regional, fazendo com que a natureza tropical emoldura tão favoravelmente o moderno (GUERRA, 2002).

Outro arquiteto na temática de hotéis é Severiano Mário Porto, representativo no uso de materiais com características regionais. Radicado em Manaus, AM, desde 1955, toda sua vida vem buscando essa adequação da arquitetura à cultura local, com desenvolvimento projetual e construtivo - exercitando, com muito rigor, seus sentidos. O olhar sobre a geografia e suas nuances, o escutar do homem local sobre materiais, métodos e técnicas, seus costumes, construindo em um tempo compassado e firme da sabedoria adquirida sua teoria da arquitetura brasileira regional.³³

A Pousada da Ilha de Silves vem de encontro com esta concepção. "O ideal seria ter a felicidade de conseguir situar o hotel na sua região, identificando-o com ela." (SEGRES, s. d.).



Figura 32 – Pousada da Ilha de Silves. Manaus, AM, 1983. Arq. Severiano Mário Porto. Fonte: Fim de Milênio Raízes e Perspectiva de sua Arquitetura. Roberto Segre.

³² MARTINS, Elizabete Rodrigues de Campos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (s. d.).

³³ Id. (s. d.).

Possui uma arquitetura integrada, simples e econômica, mas não por isso menos confortável.

O arquiteto sempre dedicou intensa pesquisa à área de materiais, técnicas construtivas e sabedoria da região.

A Pousada da Ilha de Silves faz uso de materiais locais, como os roletes de madeira, cobertura de cavaco, entre outros. O uso da forma circular faz uma referência à habitação indígena, fazendo com que a centralidade produza um ambiente natural que engloba o conceito dinâmico de apreensão e transmissão, pois se refere a soma dos costumes, das inovações recolhidas e transmitidas por meio da edificação, harmonizando o exterior com o interior.

O uso de materiais da região tem uma identidade e muitos pontos de referência, que nascem da analogia com habitações locais, e solucionam também problemas como transporte, conforto ambiental e mão-de-obra especializada.

O corpo central sugere repouso e estabilidade ao contrário dos corpos lineares, que implicam em ação. A estrutura de suporte do círculo corresponde e baseia-se na estrutura do quadrado, quer o círculo se encontre inscrito ou circunscrito, utilizando as mesmas linhas auxiliares, medianas, ou a 45 graus. Sua estrutura radial é mais significativa, porque as linhas que partem do centro dão um número infinito de composições.

Na arquitetura brasileira, o regionalismo tende a florescer de um modo ou de outro, sua aparência sugere a noção herdada de um núcleo cultural muito forte, juntando a isso influências de outros países ou arquitetos, na busca de uma composição formal e ao mesmo tempo com inserção de elementos tradicionais às vezes reinterpretados ou não, mas integrados dentro de um todo.

CAPÍTULO III

ASPECTOS TIPOLOGICOS

3.1 ÁREA DE ESTUDO

Neste capítulo será abordada a área onde estão localizados as pousadas e os hotéis analisados nesta pesquisa, e serão demonstrados seus aspectos com a finalidade de mostrar que as condicionantes básicas para uma implantação de edifícios com o menor índice de impacto ambiental só é viável, obviamente, conhecendo a região definida.

Serão apresentados os aspectos gerais da região que engloba o Pantanal. A área que interessa à pesquisa é conhecida como Pantanal, que abrange os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (FIGURAS 8 e 33), os quais estão incluídos na região Centro-Oeste.

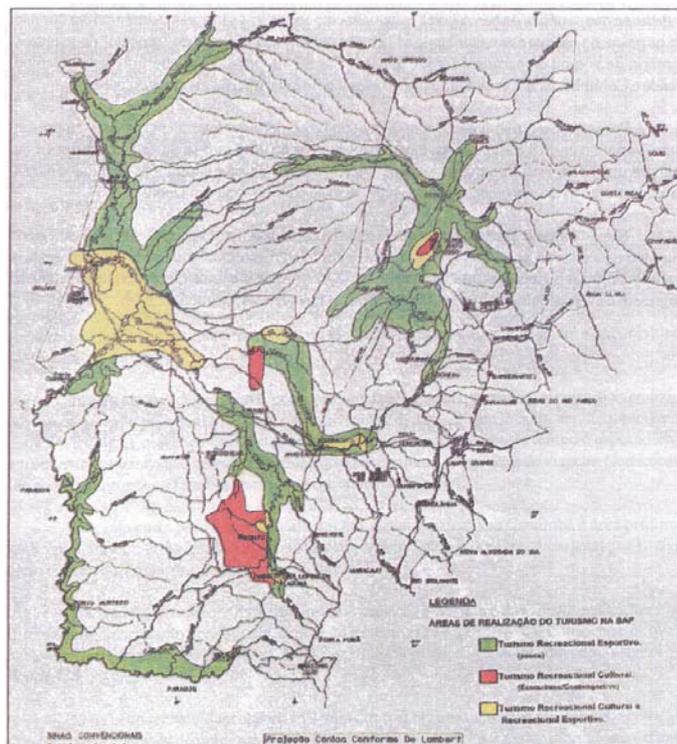


Figura 33 – Mapa com as áreas mais densas com turismo no Pantanal.
Fonte: Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Cerrado e do Pantanal

O Pantanal do ponto de vista geográfico é uma das áreas menos estudadas no Brasil. Existem apenas pesquisas superficiais sobre os tipos de espécies que se podem encontrar

(salvo exceções às pesquisas feitas pelas universidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e outros órgãos governamentais), pois são pouco conhecidos os números, a área e os hábitos da fauna, flora e outros elementos que o constituem (MAGALHÃES, 1992).

A complexidade das condições ambientais e a conseqüente variedade de vegetação atribuem à região a designação de Complexo do Pantanal a sua variedade de vários pantanais, constituído por oito sub-regiões/dez pantanais, segundo o grau, altura e duração das inundações (PAIVA, 1984a). O professor paulista Ab'Sáber diz como não se pode juntá-los em uma só definição, como também não se pode pensar na vegetação que os reveste como algo uniforme. As águas beiram as "cordilheiras", como são chamados os compactos bosques que, alinhados em ligeiras elevações arenosas, acompanham os rios e os "corixos". Mas outras paisagens, radicalmente diferentes, como as campinas sem árvores, só com arbustos, ou as matas densas, onde se erguem aroeiras, angicos e outros. Também não faltam palmeiras de diversos tipos, como o carandá e os aguapés que bóiam nas águas.

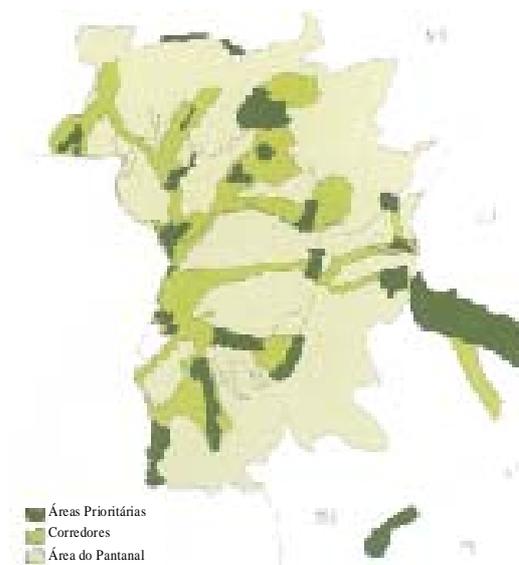


Figura 34 – Mapa das áreas para Conservação no Pantanal.

Fonte: Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Cerrado e do Pantanal

Ao norte e a noroeste, cresce uma vegetação de tipo amazônico, e ao sul, certos tipos de palmeiras, diferentes das brasileiras, indicam que a vegetação do Chaco se estendeu até ali. Nas demais regiões, imperam cerrados e cerradões que, segundo Ab'Sáber, vieram do leste.

A variação da temperatura, no decorrer do ano, indica nitidamente a existência de duas estações, uma quente e outra fria.

O rio Paraguai figura como o principal responsável pelo fenômeno cíclico das cheias, desempenhando, no dizer de Lécio Gomes de Souza, "O papel de calha coletora do sistema pantográfico regional". Como os demais rios da planície, nasce fora da região.

Seus limites são: ao norte, com a Bacia Amazônica; a leste, com a Bacia do Paraná e a oeste e sul, com as Repúblicas da Bolívia e do Paraguai. A sudoeste completa-se o contorno a Serra de Maracaju; formando uma área de 496.000 quilômetros quadrados. Destes, 160.000 quilômetros quadrados estão distribuídos na margem esquerda; a maior parte de seus afluentes está na margem direita com 336.000 quilômetros quadrados. Mais de 100.000 quilômetros quadrados da margem direita pertencem aos limites do Paraguai e da Bolívia (PAIVA, 1984a).

O rio Paraguai, com sua malha de afluentes, e com seu ciclo de transportamento, movimenta areia, vegetação decomposta, aguapés e escorre para outras paragens, ficando no lugar uma sopa de detritos na qual emergem as chamadas vegetações pioneiras, capins, arbustos e uma infinidade de flores - um conjunto exuberante de vegetação que jamais brotaria naquele solo pobre sem contribuição das águas.

Ressalta-se que a arquitetura, que leva em conta os aspectos ambientais onde será implantada, estará mais adaptada e condicionada ao meio, não podendo ser baseada apenas na intuição e sim com base de conhecimento de função, distribuição de conjunto, utilização do espaço, forma, estrutura, elementos construtivos e outros itens que compõem o projeto arquitetônico (YEANG, 1999, p. 37).

O Pantanal é uma região que necessita de projetos que criem um desenvolvimento sustentado³⁴, que estimulem o crescimento e preservem os recursos naturais da comunidade.

Essa região ainda é pouco explorada no setor turístico, por causa do difícil acesso, tanto para turistas como para implantação de equipamentos e serviços personalizados.

Essa situação pode mudar por meio de investimentos sérios e profissionais da área investindo na região, pois o fluxo de turistas recebidos ainda é muito pequeno, especialmente quando comparado com toda a potencialidade dos recursos naturais da região.

Os projetos arquitetônicos não se limitam a simples edificações, sendo comuns empreendimentos mais diversificados, onde a complexidade de instalação requer alguns requisitos próprios, como o caso de *resorts*, hotéis de lazer, ou simples pousadas históricas.

Existem formas de classificação de acordo com a categoria dos empreendimentos: a primeira, utilizada no Brasil, está ligada à pontuação predefinida para os seus aspectos

³⁴ Desenvolvimento tecnológico e social e equilíbrio ambiental devem caminhar juntos gerando tecnologias limpas, sem agressões à biodiversidade e aos ecossistemas. (ADAM, 2001).

construtivos, de equipamentos (insumos alocados no investimento) e pela variedade e qualidade dos serviços oferecidos. A segunda, opção dos Estados Unidos, é definida pelo próprio hoteleiro em função do preço de venda de suas diárias.

É o conjunto de aspectos construtivos, equipamentos e serviços do hotel que define o preço da diária-balcão. Não existe órgão oficial de governo ou associação que possa, nas condições atuais, ser o regulador do preço ou que interfira nessa decisão de mercado.

Nos Estados Unidos, Canadá e alguns outros países, o preço da diária é a única forma de classificação da categoria do hotel.

No Brasil, sob administração do Instituto Brasileiro de Turismo, posteriormente alterado para Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), é um órgão do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo que faz essa classificação (ANEXO E).

A EMBRATUR, em sua primeira classificação (BRASIL, 1984), atribuía estrelas, segmentando os equipamentos existentes e norteando os novos investimentos, desde que os empreendimentos atendessem aos aspectos legais, as licenças, taxas municipais, fornecimento de serviços públicos como água, luz, esgoto, e instalações mínimas para empregados.

A validade dessa classificação é discutida desde sua implantação, e em nenhum momento houve consenso quanto aos fundamentos desta. Não deve haver alternativa, em curto prazo, para a avaliação das instalações físicas, dos aspectos construtivos e equipamentos e da qualidade dos serviços oferecidos.

A EMBRATUR restaurou suas classificações com a Deliberação Normativa nº 367, instituindo novo sistema que mantém liberdade de preços e de símbolos (estrelas), conforme legislação anterior. Essa nova solução é para um maior respaldo ao produto turístico brasileiro e que dê garantias de qualidade aos consumidores de serviços e equipamento hoteleiro.

Existem cuidados necessários quanto a sua implantação, sendo o projeto arquitetônico um elemento fundamental de uma boa classificação e qualidade do empreendimento.

3.2 CONDICIONANTES DE IMPLANTAÇÃO

A demanda crescente por viagens que proporcionam o contato direto com a natureza coloca o Brasil, particularmente a região centro-oeste em posição privilegiada como destinos para a demanda do turismo ecológico e de aventura, tanto nacional como internacional, em função de seus inúmeros recursos naturais.

No que se refere ao turismo nacional, em 1999 foi registrada a entrada de 5,1 milhões de turistas estrangeiros, e com uma porcentagem alta de procura para espaços com natureza privilegiada (RUSCHMANN, 2002).

Para que o desenvolvimento do turismo ocorra em harmonia com a proteção do meio ambiente é necessário considerar alguns parâmetros, como arquitetura e implantação no caso desta pesquisa, entre outros equipamentos que envolvem o turismo. Essa integração irá gerar um espaço arquitetônico mais dinâmico, criativo; uma arquitetura fértil, que expressa a região.

A condição básica de toda e qualquer busca de uma arquitetura regional, para que possa existir como tal, e sustentar a hegemonia de uma sobre a outra, é passar-se por natural, normal e necessária. O processo de montagem dessa idéia ou implantação, ou mesmo a busca, é um trabalho gigantesco, e passa também por nos perguntarmos sobre a história do local, suas necessidades e suas tradições, em todos os graus e setorizações que acabam reproduzindo a hegemonia, mesmo quando pretendemos uma renovação.

A busca de uma arquitetura adequada aponta para tendência que procuram superar as apresentações positivistas da região como produto isolado da relação entre os homens e um determinado meio, que apresenta a região como sistema a partir de modelos sobre o espaço, deixando de lado a participação das relações humanas na construção do espaço pensado socialmente.

Segundo Santos (1986, p. 16): “Hoje, quando se fala de espaço total fala-se de uma multiplicidade de influências superpostas: mundiais, nacionais, regionais, locais; no entanto, o espaço é maciço, contínuo, indivisível.”

Para desmistificar o espaço, cumpre levar em conta dois lados essenciais: de um lado a paisagem, funcionalização da estrutura técnico-produtiva e lugar da fetichização; de outro, a sociedade total, a formação social que anima o espaço. Por conseguinte, cabe-nos também desmistificar o homem.

Desmistificar o homem e o espaço é arrancar à Natureza os símbolos que ocultam a sua verdade, vale dizer: Tornar significativa a natureza e tornar naturais os signos, é valorizar o trabalho e revalorizar o próprio homem, para que ele não seja mais tratado como valor de troca (SANTOS, 1986, p. 25).

Determinados signos, tais como a típica aldeia inglesa, o arranha-céu americano, cervejaria alemã, o castelo francês e daí por diante. Esse modo de olhar demonstra, semióticamente que o turista lê a paisagem à procura de significantes ou de certos conceitos e

signos pré-estabelecidos, que derivam dos vários discursos que o observador se propõe ao analisar o espaço onde está inserido (DEELY, 1990).

O turista necessita de uma visão nova, diferenciada do seu cotidiano, o extraordinário, que se situa além do habitual, a percepção do “lúdico” (URRY, s. d).

Read (s.d., p. 52), sobre percepção do espaço, relata:

Não vivemos num vácuo que em qualquer momento contém um objeto isolado e uma mente tão impessoal como um espelho. O objeto, por exemplo, é provavelmente um dos muitos que entram no campo da visão - tem um contexto, como se diz, e o ato da percepção torna-se por isso, em certa medida, um ato de discriminação, que pode ser, como alguns psicólogos defendem, a discriminação a favor de um modelo específico (bom ou melhor possível).

A percepção do edifício na paisagem é determinada por várias condicionantes, por exemplo, escolha de materiais, estratégias de administração, localização no espaço, intervenção e tipologia. A intervenção é vista como uma metáfora da imagem.

É uma característica do homem expandir-se, alastrar-se, desabrochar-se em todas as direções. A maneira de se desabrochar, a maneira como ela deseja alastrar o seu ser no cosmo tem como resultado a forma arquitetônica (STEINER, s. d.).

Todavia, na medida em que fazemos um contraponto entre arquitetura e outra arte, há uma preocupação na orientação do olhar pra que haja uma fruição do objeto arquitetônico, para que alcance o significado contido nos recursos formais, funcionais e construtivos adotados pelos arquitetos. Ao mesmo tempo, a arquitetura visualiza a realidade da cultura e da dominação, mostrando uma representação espacial e colocando em evidência, o valor simbólico.

Pensar arquitetura e seu significado é livrar-se de suas finalidades e funções, de seu contato com as noções de habitação, moradia e abrigo, enfim é uma operação filosófica que questiona as estruturas básicas de um conceito em relação a outros (MONTANER, 1997).

A busca do significado da arquitetura no espaço construído passa pelo conceito de tipo no corpo da tradição arquitetônica (ARGAN, 2004). A força de um tipo descansa em seu próprio ecossistema relativo na regras que cria, e na flexibilidade do método de permitir uma descrição das relações que podem acontecer entre limites e como permitem sua transformação, no ato da criação.

Essas transformações incluem sistemas de classificação ecológicos ou a seleção de elementos de desenho para definir o potencial de cada paisagem.

O tipo se apresenta como uma constante, com certas características de necessidades, que mesmo determinadas reagem com a técnica, a função, o estilo e com o fato arquitetônico.

A discussão de tipologias e suas aplicações no uso da paisagem arquitetônica são significativas para um vocabulário ecológico, e também para pensar criticamente o espaço na paisagem (HERTZ, 1998).

A tipologia atual em arquitetura da paisagem tende a ser muito dogmático e limitado. Especificamente, tendem a desencorajar qualquer investigação séria de processo em suas dimensões estéticas, sociais, psicológicas ou ecológicas.

Quincy (s.d.) conceituou o tipo como:

A palavra “tipo” não representa tanto a imagem de uma coisa a ser copiada ou imitada perfeitamente quanto à idéia de um elemento que deve, ele mesmo, servir de regra ao modelo. [...] O modelo, entendido segundo a execução prática da arte, é um objeto, segundo o qual cada um pode conceber obras, que não se assemelha entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no “tipo”. Assim vemos que a imitação dos “tipos” nada tem que o sentimento e o espírito não possam reconhecer. [...].

A aderência de arquitetura para tipos, porém, não implicou a imitação servil de cabanas, difundida pelos jardins de paisagem à moda de Europa, sendo a idéia de tipo uma sensação severa e clássica, era verdadeiramente metafórica (QUINCY, s. d.).

O tipo na paisagem possui uma visão dualística, com a necessidade em fundir as noções entre natureza e cultura, colocando em prática o projeto tradicional e ecologia. A paisagem projetada evoluiu com o passar do tempo, como consequência da interação do homem com os materiais físicos e orgânicos da natureza.

A procura de uma tipologia natural é freqüentemente um confronto de métodos aos paradigmas modernistas funcionais e científicos ao desenho arquitetônico da paisagem (FIGURA 35).

A ocupação territorial apresenta uma série de contrastes de uma destinação para outra, o que não pode fazer uma leitura do espaço ocupado de forma genérica, sendo que os problemas de uma área turisticamente saturada são diferentes daquelas intocadas.

As condições ambientais tornaram-se hoje um aspecto importante por causa dos fatores já citados, entre eles o alto custo de energia artificial, e um outro fator importante é o das condições de trabalho. É comum a preocupação com as condições de trabalho apenas



Figura 35 – Foto aérea da Estrada-Parque – Transpantaneira.
Fonte: Arne Sucksdorff

quando o processo assim o exige, por exemplo, a implantação de ar-condicionado em um centro de processamento de dados. O plano virtual de trabalho, habitualmente, não recebe particular atenção, e quando a operação exige algum grau de precisão é colocado um foco de luz dirigido.

A decisão de uma forma ou outra de componentes de iluminação natural deve ser estudada caso a caso, pois implicam em sua maioria inconvenientes, como uma distribuição excessiva de luz natural ou focos de calor.

As temperaturas elevadas raramente são levadas em consideração no projeto, assim como ruído excessivo, umidade, vento ou de ventilação adequada.

A aplicação da luz natural de maneira eficiente é uma das funções da arquitetura, atenuando as condições negativas e aproveitando os aspectos positivos oferecidos pela localização e clima onde o edifício está edificado ou vai ser implantado, e é função do arquiteto a melhor condição do usuário e não apenas a estética ou a forma de seu projeto.³⁵

A solução para uma mudança comportamental em relação à conservação ambiental está na educação e disseminação de novos conhecimentos e idéias.

³⁵ O projetista precisa conhecer condicionantes como os efeitos psicológicos da cor e da luz tendo em mente, de forma clara e objetiva, qual é a ilusão que deseja criar ou que precisa ser evitada, pois em quase todos os casos em que a ambigüidade é possível na percepção de um espaço, é a iluminação que poderá ser utilizada para evitá-la ou reforçá-la. (MASCARÓ, 1991, p. 1).

Segundo Ruschmann (2002, p. 109-110), para um bom planejamento e ocupação de território de maneira sustentável, algumas medidas são recomendadas para diminuir os impactos ambientais como:

- a) identificar e minimizar os problemas originários da operação dos equipamentos, concentrando as atenções em novos projetos;
- b) cuidar dos impactos ambientais resultantes da arquitetura, construção e operação dos equipamentos turísticos;
- c) zelar pela preservação ambiental de áreas protegidas ou ameaçadas, de espécies da fauna e flora e das paisagens;
- d) praticar economia no consumo de energia;
- e) reduzir e reciclar o lixo;
- f) controlar o consumo de água fresca e o tratamento da que é servida;
- g) controlar, reduzir ou eliminar os produtos nocivos ao meio ambiente natural, tais como inseticidas, pesticidas, corrosivos tóxicos ou materiais inflamáveis;
- h) respeitar e proteger objetos e sítios históricos (civis /religiosos);
- i) respeitar os interesses da população local, incluindo suas tradições, sua cultura e seu desenvolvimento futuro;
- j) considerar os aspectos ambientais como fatores fundamentais na capacidade de desenvolvimento das destinações turísticas.

Para um edifício possuir equilíbrio ambiental são necessárias algumas linhas de ações como (ADAM, 2001, p. 131):

- a) escolher o terreno, observando as condições do sítio, orientação, topografia, articulação funcional (localização, proximidade de serviços, transportes...), carta climática da localidade (sol, temperatura, umidade, ventos, precipitações atmosféricas);
- b) articulação arquitetônica entre as propriedades físicas da massa edificada e de entorno, buscar a melhor relação ecológica entre o terreno (permeabilidade do solo, topografia, projeções do entorno, massas de água, vegetação, sombras, composição da envolvente relação entre espaços abertos e fechados), e o edifício (dimensões e geometria de fechamentos, aberturas, estrutura e cobertura, volumetria, materiais, pinturas, cores, cheios e vazios, propriedades termoacústicas, toxicidade e reciclabilidade dos materiais);

- c) escolher materiais de construção, segundo princípios ecológicos de reciclagem, flexibilidade e adaptabilidade arquitetônica do edifício a reformas e alterações de *layout*, facilitando mudanças com o mínimo custo de materiais e energias;
- d) transparência e permeabilidade da pele do edifício, que deve funcionar como moderadora (luz, calor, ar, umidade), permitindo eficiente controle e interação entre as necessidades do espaço interno e condições exteriores;
- e) incorporar dispositivos bioclimáticos nos edifícios, integrados aos condicionadores artificiais, dentro do conceito ecológico de auto-sustentabilidade energética, os recursos técnicos devem adequar-se à função do edifício.
- f) o partido arquitetônico deve integrar os sistemas naturais aos sistemas artificiais, trabalhar o edifício mesclando iluminação, ventilação, aeração natural a sistemas artificiais de tecnologia limpa.

O potencial dos sistemas naturais deve ser explorado ao máximo e os sistemas artificiais devem ser eficientes como:

- a) controle e manutenção periódica dos equipamentos;
- b) evitar superdimensionamento de equipamentos;
- c) ajuste do consumo de equipamentos;
- d) diferenciar ambientes de uso contínuo e descontínuo;
- e) isolamento térmico eficiente para evitar perdas térmicas;
- f) uso de lâmpadas fluorescentes compactas e equipamento de maior eficiência e menor consumo;
- g) uso de cores claras para locais de trabalho;
- h) sistemas de controle de iluminação eficazes, como sensores de ocupação e temporizadores;
- i) reprojeter e reformular o sistema de iluminação, sempre que necessário;
- j) democratização dos espaços para deficientes.

Segundo Cooper, os impactos positivos podem ser: preservação e restauração de monumentos antigos, locais e prédios históricos; criação de parques naturais e parques de vida selvagem; proteção de recifes, praias; manutenção de florestas. Como exemplos de impactos negativos, temos: erosão dos caminhos; construção de estradas, rodovias; acúmulo de lixo e falta de destino dos mesmos.

Depois de colocados alguns aspectos físicos, percebem-se que estes exercem influências nas soluções arquitetônicas. E destes aspectos o clima é um dos elementos condicionantes nessas soluções principalmente no que concerne a conforto ambiental.

Como o conforto está intimamente ligado à ventilação e iluminação, devem-se também observar os tipos de materiais utilizados nestas edificações.

Atualmente as pousadas edificadas na região do Pantanal levam em conta apenas o conforto físico e não o ambiental, não sendo feita a análise do clima, dos materiais da região onde se encontram nem a predominância dos ventos, para um melhor conforto e equilíbrio com o meio.

O conhecimento prático da influência da insolação e da iluminação nos edifícios, segundo sua orientação, localização, tamanho das aberturas, materiais construtivos e forma externa, é de grande importância na análise do conforto térmico.

Os dados sobre horas de radiação solar incidente, energia térmica recebida, direção e altura dos raios solares, porcentagem de dias claros e nublados, nos diferentes períodos, proporcionam o marco físico-térmico da análise.

O movimento do ar é decisivo para a localização das aberturas, volumes externos e internos, aproveitando os seus efeitos positivos a cada época do ano.

A forma da cobertura da habitação, a proteção externa das fachadas e o tipo de materiais construtivos devem ser consequência da análise do maior ou menor nível de precipitação atmosférica da região.

A temperatura do ar é a variável climática mais importante no conforto térmico e a sua análise em uma região determinada permite uma caracterização do rigor térmico imposto sobre o homem. O problema do conforto térmico em regiões especiais como o Pantanal está intimamente relacionado com a radiação solar e a insolação dos edifícios.

Como objeto de análise das condicionantes de implantação das pousadas, foi observado que o projeto arquitetônico, para atingir níveis de adaptabilidade, deve apresentar os seguintes requisitos ambientais: condições climáticas, sombra, ventilação, desumidificação, orientação, forma arquitetônica, cobertura, teto, paredes, aberturas, esgoto, lixo, materiais construtivos, dispositivos de proteção, áreas verdes. São definições de vários autores que indicam como devem ser aproveitadas no uso de edificações.

As **condições climáticas**³⁶ devem observar que em cada região existe uma variedade de respostas quanto ao clima. A mais apropriada vai depender do seu rigor, dos materiais utilizados, acessíveis na região, da preferência do cliente e do usuário e da composição do projeto.

³⁶ O clima do Pantanal é tropical subúmido, com média em torno 1.100 mm anuais de chuva, havendo uma estação chuvosa (outubro/março) e uma relativamente seca (abril/setembro); a temperatura média anual é de 26°C, podendo ocorrer geadas esporádicas. (PAIVA, 1984b).

A **sombra** (HERTZ, 1998, p. 53) é um dos recursos mais eficazes para combater o desconforto causado pela condição de radiação solar. O telhado deve funcionar como um verdadeiro guarda-sol, com beirais generosos, evitar bolsas de ar quente entre a cobertura e o forro. Caso venha a existir, usar aberturas grandes, para a circulação do ar resfriado pela sombra.

Em relação à **ventilação**³⁷ é necessário o conhecimento prático da influência da insolação e da iluminação nos edifícios, segundo sua orientação, localização, tamanho das aberturas, materiais construtivos e forma externa. É muito importante a análise do conforto térmico (FIGURA 36).

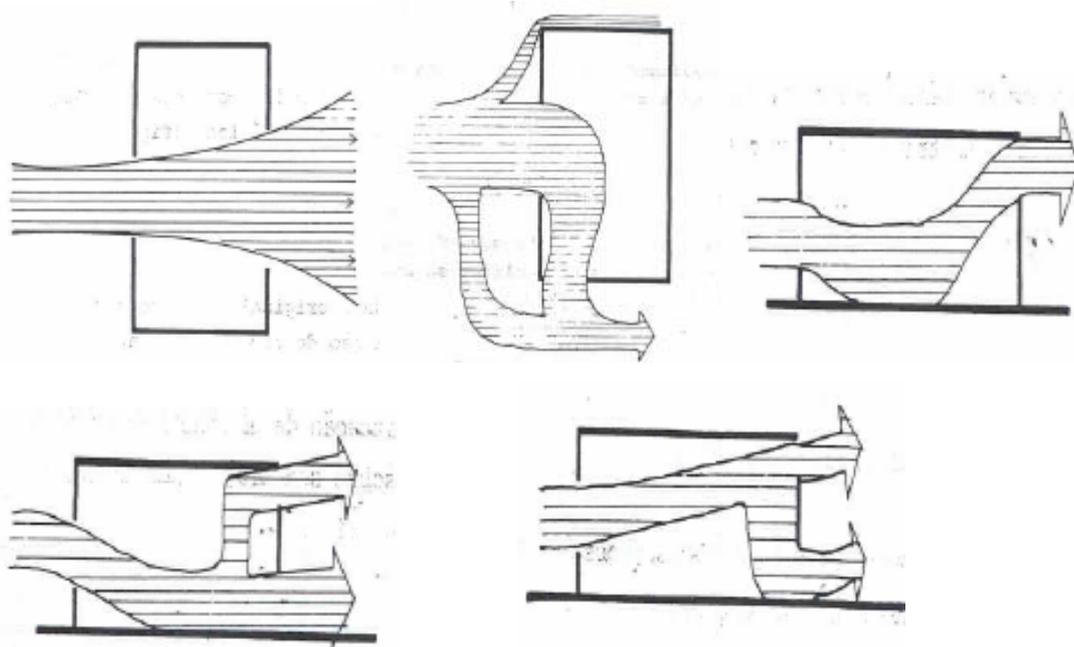


Figura 36 – Exemplos de Aberturas para ventilação.
Fonte: MASCARO, Lucia. *Iluminação natural na arquitetura*.

A **desumidificação** (HERTZ, 1998, p. 54) é um problema difícil de ser solucionado, sem equipamentos técnicos como o ar-condicionado. Hoje existem vários tipos com consumo baixo de energia e há também os que funcionam com energia solar. Os mais indicados para

³⁷ O tipo de tempo na época da chuva é influenciado pela massa de ar Equatorial que, originária da Amazônia, invade o Pantanal. Durante essa época ocorrem chuvas freqüentes, por causa do forte calor diurno, que provoca a evaporação e a formação de nuvens. Localizada na porção centro-sul do Continente sul-americano, a região não sofre influências oceânicas, mas está exposta à massas frias, com penetração pelas planícies dos pampas e do Chaco.

esses casos, quando não há alternativas de uso natural. A maneira mais eficaz é controlar a radiação solar e promover a ventilação, em vez de tentar, inutilmente, reduzir a umidade.

A **orientação** (HERTZ, 1998, p. 56) é determinada por fatores como o vento, a radiação, e o movimento do ar é decisivo para a localização das aberturas, volumes externos e internos, aproveitando os seus efeitos positivos a cada época do ano. A velocidade anual, mensal e diária e a direção predominante são dados importantes para o conforto. Os dados sobre horas de radiação solar incidente, energia térmica recebida, direção e altura dos raios solares, porcentagem de dias claros e nublados, nos diferentes períodos, proporcionam o marco físico-térmico da análise.

Quanto á **forma arquitetônica** (HERTZ, 1998, p. 58), por meio da forma e do volume do edifício, podem ser aliviados os efeitos do clima. Segundo Olgyay, a melhor forma é aquela que tem menor superfície dos lados leste e oeste, por serem eles expostos a maior incidência do sol. A forma da cobertura da habitação, a proteção externa das fachadas e o tipo de materiais construtivos são fatores de maior ou menor nível de conforto. É evidente que os efeitos do clima no ambiente interno dependem em parte do tamanho e da função do edifício.

A **cobertura** (PUPPO, E.; PUPPO, G., 1972, p. 72) é a área mais exposta à radiação solar, como a todas as intempéries. A solução é o uso de materiais reflexivos, que não permitem tanto acúmulo de calor, ou uma estrutura mais maciça, o que torna lenta essa transmissão, que pode ser por meio de telhados com materiais de cores claras, ou de metais, ou ainda camadas duplas, onde será criada uma câmara de ar, fazendo a ventilação entre o telhado e o teto. Quanto à proteção solar é importante que a cobertura absorva o mínimo de energia, minimizando o calor irradiado para dentro dos ambientes. A superfície deverá ser de material reflexivo e com baixa capacidade térmica para que possibilite uma temperatura interior agradável. Beirais amplos são funcionais neste caso, pois, além da proteção dos raios solares, permitem também a proteção das chuvas, principalmente nos períodos da cheia, onde a elevação pluviométrica é alta. As edificações devem ser dotadas de forro, para evitar que o aquecimento do telhado emita calor diretamente para os ambientes. A colocação de forro pode provocar a criação de camada de ar quente e produzir calor para os ambientes. Isto pode ser evitado, ventilando o ático.³⁸ Para que a ventilação seja eficiente devem-se prever aberturas de, no mínimo, $0,20\text{cm}^2$ por metro linear de telhado. A ventilação do ático pode diminuir em até 50% o fluxo de calor. As aberturas altas devem estar situadas sobre a fachada oposta dos ventos dominantes, para que possibilite o efeito chaminé.

³⁸ Espaço entre a cobertura e o forro.

Em relação ao **teto** (HERTZ, 1998, p. 62-63) fazer a opção por alto, para uma melhor ventilação interna, possibilitando o efeito chaminé, pela diferença entre altura de entrada e da saída do ar.

Em áreas de pequenas variações de temperatura não é recomendado o uso de **paredes** (HERTZ, 1998, p. 65) duplas ou maciças, para não dificultar a passagem da temperatura para o ambiente interno; não há tempo disponível para a passagem, pois as paredes duplas ou maciças podem retardar o resfriamento ou aquecimento.

Considerando as **aberturas** (HERTZ, 1998, p. 65), o bordado de uma edificação, o arquiteto faz o efeito final, dando leveza e criando o equilíbrio do projeto. As aberturas não podem ser simplesmente pensadas em como ventilar um espaço e sim como o ar deve entrar e sair dele. Para isso é preciso conhecer a carta solar da região, a direção dos ventos, e como se dá ao longo do dia, para usar muito pouco dos recursos de dispositivos de proteção. Por ser um elemento fundamental para a melhoria do nível do conforto, é importante que as aberturas sejam situadas em função dos ventos dominantes e que elas possam ter aberturas eficientes.

Segundo Mascaró (s. d., p. 4):

Tipicamente, um terço da energia usada nas edificações é utilizada para a iluminação elétrica. Muitas construções a usam durante o dia, particularmente nas zonas domésticas. Grande parte dessa energia poderia ser salva se aproveitássemos a luz solar, eliminando, assim, a presença da iluminação artificial nas horas claras.

O uso correto das aberturas permite esse aproveitamento da luz natural. É importante também o estudo sobre a orientação, assim como o posicionamento das edificações vizinhas para não ocorrer obstrução de correntes de ar. Deve haver um cuidado especial para que o ar não passe por superfícies quentes, antes de entrar pelas aberturas. Nesse ponto a vegetação é importante recurso para esfriar a ventilação antes da entrada na edificação.

A situação da abertura para receber o ar exerce influência determinante sobre sua trajetória vertical, assim como a posição da abertura para saída do ar exerce influência sobre sua trajetória horizontal, não afetando a trajetória vertical (MASCARÓ, s. d., p. 17). Conforme for a situação das aberturas interiores, fará com que o ar se desloque pela parte superior ou inferior de ambos os espaços ou pelo superior em um e inferior em outro (MASCARÓ, s. d., p. 18). Devem-se evitar superfícies totalmente envidraçadas, pois é uma grande condutora de energia solar, aquecendo paredes, pisos e conseqüentemente todo o ambiente interior. As radiações não visíveis emitidas, por exemplo, pelas paredes aquecidas,

não passam esses vidros, formando o efeito estufa, e tornando espaços visualmente agradáveis em espaços desagradáveis em conforto ambiental.

Para um adequado tratamento de **esgoto** (HOGAN; VIEIRA, p. 32) é preciso conhecer a permeabilidade do terreno e a escala da obra. O projeto sanitário deverá dar soluções adequadas às águas pluviais, de lavagem, usadas e servidas. Podem ser usadas como alternativas para o esgoto: digestão anaeróbica, uso da água e fossas sépticas com sumidouros profundos ou de dispersão em espigas horizontais; e digestão aeróbica, com o uso de vasos sanitários secos de compostagem.³⁹

Para o tratamento do **lixo** (HOGAN; VIEIRA, p. 54) é aconselhável que os resíduos sejam recolhidos diariamente nos recipientes distribuídos pelas dependências do estabelecimento, e encaminhados para um depósito onde será feita sua classificação. Os lixos provenientes de sanitários (papéis e outros) serão incinerados, e as cinzas devem ser enterradas em local próprio e distante de água corrente.

Os **materiais construtivos** (PAIVA, 1984, p. 29) são importantes para melhoria do conforto, e suas características termo-físicas, fundamentais na sua especificação. A incidência da radiação solar e cargas térmicas sobre as superfícies e materiais externos são transmitidas como fluxo de calor, em um período variável de tempo, por meio de um processo de transferência gradativo e sob cargas diárias de temperaturas externas, até atingir ambientes internos, e que as massas pesadas absorvem e transferem calor com maior amplitude de tempo que as massas leves. As variáveis climáticas regulam o uso de desempenho térmico dos materiais. Radiação solar, umidade, chuvas e frios intensos, como ocorrem na região, provocam efeitos físicos em alguns materiais, além da proteção natural que precisa ser observada em relação a animais, como o caso de morcegos, ninhos de pássaros, e outras interferências naturais, como apodrecimento, alteração e manchas superficiais (PAIVA, 1984, p. 29).⁴⁰ Os tipos de materiais mais encontrados na região do Pantanal são materiais que o seu uso e aplicação não produzem impacto ambiental desde que usados de maneira racional, como a extração da palmeira carandá que sendo retirada na época certa, floresce novamente e sua utilização se dá em várias áreas, como: cobertura, piso, fechamento, estruturas e móveis. O calcário que constitui uma matéria-prima abundante na região da Bacia do Alto Paraguai,

³⁹ O uso de sistemas tanto anaeróbico ou aeróbico consiste numa câmara onde os afluentes são admitidos no topo e conduzido até a base por uma tubulação. Daí fluem para a superfície através de uma camada filtrante de material inerte (brita), que acumula os microorganismos responsáveis pelo processo, até serem descarregados pela parte superior do filtro.

⁴⁰ Com alto grau de umidade, os materiais sofrem deterioração, pela ação de parasitas que se nutrem da matéria orgânica existente na massa.

além de Corumbá, existe em uma área que se estende de Miranda até Bela Vista, e seu uso pode ser ao natural ou então transformado em cimento, onde já existem várias indústrias na região. A brita, que pode ser usada no natural como pavimentação ou decoração da edificação ou no paisagismo, como também no uso de concreto, o que não é aconselhável na região por causa do calor intenso no período do verão. Granito e mármore, onde é realizada a atividade de extração e industrialização, sendo de grande riqueza sua variedade de cores e formas (INTERPAN, 1989). O uso de várias técnicas em um projeto determina sua tecnologia propriamente dita. A escala, os materiais, assim como a técnica empregada e a própria forma da arquitetura constituem uma mensagem que contém um significado para o observador, no caso o turista.

Os **dispositivos de proteção** (HERTZ, 1998, p. 80) são ajustados depois de serem observados os itens sobre insolação, orientação quanto à implantação do edifício e uso adequado de materiais. Às vezes são necessárias algumas correções no projeto para um conforto ambiental mais eficiente, que pode ser por meio de dispositivos de proteção, para aumentar ou diminuir a ventilação, iluminação, orientação solar, entre outros efeitos naturais. Para ativar ou compensar iluminação natural, destacam-se: galeria, pórtico, estufa, pátio, átrio, canal de luz, canal de radiação solar, janelas, janela balcão, parede translúcida, parede cortina, *shed* convencional, lanternim convencional, teto translúcido, clarabóia, domo, membrana, toldo, cortina, brise horizontal/vertical, sanca, máscara, veneziana e obturador dentre outros. (MASCARÓ, 1991, p. 1)

Quanto a dispositivos de proteção à ventilação, podem ser citados: forma de agrupamento dos edifícios, esquema de distribuição do fluxo de ar exterior segundo o tamanho e a orientação dos edifícios, largura do edifício, altura/comprimento do edifício, influência exercida pela vegetação, tipo e quantidade de vegetação no entorno do edifício, aberturas, medidas das aberturas, janelas, alpendres, entre outros fatores que favorecem ou são condicionamentos à ventilação natural (MASCARO, s. d., p. 4).

Para que esses elementos tenham um bom desempenho na proteção do edifício, sem que haja prejuízo no partido adotado, é necessário que sejam construídos de modo a satisfazer as seguintes condições: ser material de mau-condutor de calor, porque, caso não seja, irá transmitir ao ambiente ou parede o que deveria proteger; ter nas faces isoladas um revestimento que reflita o calor, no caso de sol; ter na face dirigida para o ambiente ou parede protegida, um revestimento que reflita bem a luz e mal o calor; ser de material combatível com a edificação tanto funcional como estético fazendo um diálogo que parece natural estar ali.

As **áreas verdes** (HERTZ, 1998, p. 71) são os elementos usados para causar melhoria do conforto nas edificações. Sua utilização pode ser por meio de arbustos ou árvores de pequeno, médio e grande portes. Ao encobrir o solo com vegetação, a superfície passa a ter baixa reflexibilidade. A utilização de árvores é para provocar áreas de sombreamento nas edificações. É importante o estudo do caminho do sol durante o ano em relação ao edifício, assim como o vento, para dispor as árvores de tal maneira que não reduza o fluxo de ar. Além da reflexibilidade da superfície horizontal circundante e da produção de sombra, a vegetação desempenha papel considerável na região do Pantanal.⁴¹ Mascaró (1991, p. 6) relata sobre a influência da ventilação exercida pela vegetação: “A medida que a distância da vegetação com o edifício aumenta e a altura da mesma é menor, a trajetória vertical do ar retomará sua forma original e a zona de baixa pressão entre vegetação e edifício aumentará”. A escolha da vegetação deve ser cuidadosa, não devem ser escolhidas vegetações com folhagem compacta para não impedir a passagem da ventilação, a não ser quando se quer modificar a trajetória do vento e sua velocidade original.

Alguns exemplos de edificação protegida termicamente pela vegetação são apresentados na Figura 37.

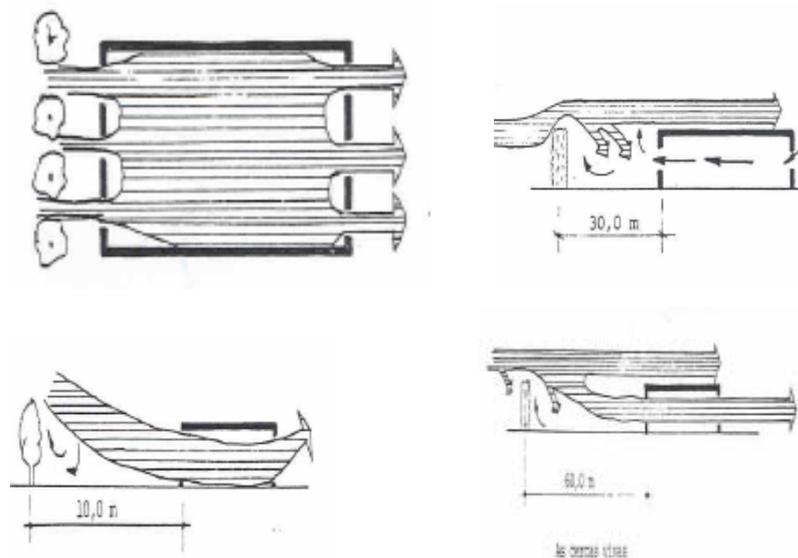


Figura 37 – Exemplos de edificações protegidas pela área verde
Fonte: Ecotecnicas em Arquitetura. John B. Hertz

⁴¹ As três comunidades vegetais são divididas da seguinte maneira: **70%** - Província do Cerrado - Representada pelos tipos estruturais constituídos pelos campos limpos e sujos, campo cerrado e cerradão. Cobrindo 97.388 km quadrados da área pantaneira; **21%** - Florestas de Transição ou Amazônica - Corresponde às várzeas e bosques em galeria do rio Paraguai, e cursos inferiores dos seus afluentes com uma área de 29.213 km quadrados na grande baixada de inundação; **9%** - Província Chaquenha - Com bosques densos de quebracho e urundáí (em zonas relativamente bem drenadas) e savanas de carandaí, com uma área de 12.520 km quadrados.

A especificação da climatização ambiental num projeto para áreas especiais, requer cuidados fundamentais para melhor funcionamento e aproveitamento dos elementos a serem utilizados. O condicionamento do ar e o conforto nas edificações na região do Pantanal não devem ser uma solução pré-estabelecida, mas sim estudados caso a caso, de acordo com o sítio onde será implantado a edificação, fazendo uso dos materiais locais, adaptações dos já existentes com outros tipos de materiais, como também novas descobertas com auxílio da cultura local.

A demonstração das condicionantes básicas para uma implantação ordenada ambientalmente é considerada positiva toda a preocupação com a natureza, mas infelizmente a situação está longe de ser ideal. Por muito tempo ainda será preciso administrar as conseqüências geradas pelo passado, no qual o turismo mal ordenado e desequilibrado deixou marcas irreversíveis nas paisagens, por ausência de planejamento.

Hoje o turismo, com base na sustentabilidade e consciência dos empresários, turistas, órgãos públicos capacitados, pode apresentar uma forma de fazer turismo de modo preventivo e ideal para a proteção dos meios visitados, causando o menor impacto possível.

3.3 POUSADAS NO PANTANAL

A hotelaria de um modo geral é um produto de safra e ela se apresenta de várias maneiras. Um hotel de praia tem sua safra no verão. Um hotel de inverno tem a sua no inverno, assim como os hotéis de lazer têm sua safra nas férias.

Um hotel, ao contrário de outras empresas, tem sua produção restringida à dimensão física, pois só é possível vender sua ocupação (hospedagem) no limite do seu número de apartamentos (KUAZAQUI, 2000).

Um aspecto a ser ressaltado sobre atividade hoteleira voltada ao lazer, na atualidade, é que ela deixou de ter apenas a função de abrigar as pessoas em trânsito e passou também a atender diferentes tipos de hóspedes, com diferentes necessidades e exigências. Isto faz com que os estabelecimentos hoteleiros tenham maior flexibilidade e atenção para cada uma das inúmeras classes de hóspedes.⁴²

Como foi visto no Capítulo I – Caracterização do Objeto de Estudo, ecoturismo, espaço e meio e regionalismo, a maioria das pessoas espera encontrar nas suas viagens o

⁴² A hospedagem é um componente necessário ao desenvolvimento do turismo dentro e qualquer destinação que busque servir viajantes. A qualidade e a abrangências da hospedagem disponível refletirão e influenciarão o tipo de visitantes de um local.

entrosamento com a natureza. Outro aspecto é a qualidade dos serviços, ou a caracterização da edificação diferenciada, a busca pela cultura da região onde está sendo visitada.

No Pantanal há uma média de 80 hotéis na região, cadastrados e classificados pela Secretaria de Turismo de Mato Grosso do Sul, porém há muito mais estabelecimentos não cadastrados, como também não fiscalizados pelos órgãos competentes.⁴³

São classificados como infra-estrutura convencional, porque os hotéis são construídos, sem levar em conta as características e particularidades da região.

Os hotéis e pousadas a serem analisados estão parcialmente dentro da classificação⁴⁴ da EMBRATUR para setor de hospedagens. Parcialmente porque algumas pousadas são adaptadas, sem condições de serem cadastradas pelos órgãos responsáveis.

Segundo Borges (MATO GROSSO DO SUL, 1992), para construir, instalar uma pousada na região do Pantanal são necessários os seguintes itens:

- a) no estudo preliminar, que consiste no levantamento de informações que servirão de requisitos, são dados necessários para a caracterização do tipo de atrativo a ser explorado e definição do projeto a ser implantado⁴⁵: inventário, diagnóstico, identificação e estudo técnico;
- b) na consulta de viabilidade econômica, onde define as condições do mercado local quanto ao sucesso da atividade;
- c) no anteprojeto, onde a elaboração de um projeto prévio (não definitivo) é sujeito a alterações e adequação conforme necessidades do próprio empreendimento e/ou as determinações dos órgãos competentes;⁴⁶
- d) licenças ambientais são as autorizações⁴⁷ que deverão ser requisitadas na Secretaria de Meio Ambiente do Estado de MS (SEMA); são necessárias para o uso da área, cumprindo as determinações da Legislação;

⁴³ Fundação de Turismo do Estado de Mato Grosso do Sul - Setor de Cadastro de Meios de Hospedagens, Serviços e Equipamentos.

⁴⁴ Os meios de hospedagens são caracterizados da seguinte forma: Hotel - preferencialmente urbana; Hotel histórico - em prédios, locais ou cidades históricas (no meio urbano e rural); Hotel de Lazer - áreas rurais ou local turístico fora do centro urbano; Pousada - Locais turísticos normalmente fora do centro urbano. Fonte: (EMBRATUR/INMETRO: Regulamento e matriz de classificação dos meios de hospedagem e turismo. (S. l.): EMBRATUR/INMETRO, (s. d.). Disponível em: <www.embratur.gov.br>.

⁴⁵ Compreendendo em: Inventário - zoneamento da base física natural; Diagnóstico - Identificação dos possíveis produtos e atividades turísticas; Estudo Técnico - Definição do partido arquitetônico.

⁴⁶ Memorial Descritivo - Discriminará toda a infra-estrutura e funcionamento do empreendimento. Projeto Definitivo - É o projeto resultante das condicionantes estabelecidas anteriormente após análise do anteprojeto, concluindo o projeto final, seguindo os critérios mínimos exigidos pela EMBRATUR. Bombeiros - O projeto passará pela fiscalização do Corpo de Bombeiros, onde serão analisados as instalações e os equipamentos de segurança e fornecerá o laudo técnico favorável ao exercício da atividade.

⁴⁷ Licença prévia, Licença de instalação e Licença de operação.

- e) na aprovação, o projeto definitivo deverá ser apresentado à prefeitura do município onde será instalado o empreendimento, para aprovação e obtenção do alvará de construção;
- f) após a conclusão das obras e de posse do alvará, o empresário requer à EMBRATUR o cadastramento do empreendimento para a divulgação e catalogação, já sendo possível o Registro Obrigatório, por intermédio da entidade de classe, ou seja, a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH);
- g) conforme o empreendimento turístico, será exigido o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), como também o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) ou então o Estudo Ambiental Preliminar (EAP) (ANEXO F).

Neste capítulo faremos um levantamento de Pousadas instaladas no Pantanal, observando sua implantação, sistema construtivo e coerência com o meio.

Atualmente, as pousadas edificadas na região do Pantanal levam em conta apenas o conforto físico e não o ambiental, não sendo feita a análise do clima e dos materiais da região onde se encontram, nem a predominância dos ventos, para um conforto ambiental adequado.

As pousadas selecionadas são: Pousada Fazenda Rio Negro, Pousada Aguapé, Pousada Caiman, Hotel Salobra, Pousada Refúgio da Ilha, Pousada Rio Vermelho, Pantanal Park Hotel, Pousada Curupira, Pousada Arara-Azul, Pousada Barra Mansa e Pousada Martim-Pescador (FIGURA 38).

De acordo com a premissa que situa o turismo ecológico como o grande fundamento para o desenvolvimento sustentável da atividade turística no Pantanal e como parte integrante as regiões onde estão situadas as pousadas em questão, procurou-se realizar a seleção de pousadas caracterizadas em: fazendas com edificações antigas transformadas em Pousadas e Fazendas que edificaram espaços voltados para o ecoturismo, tendo seus usos especificados em Classificação pelo sítio, programática e tipológica.

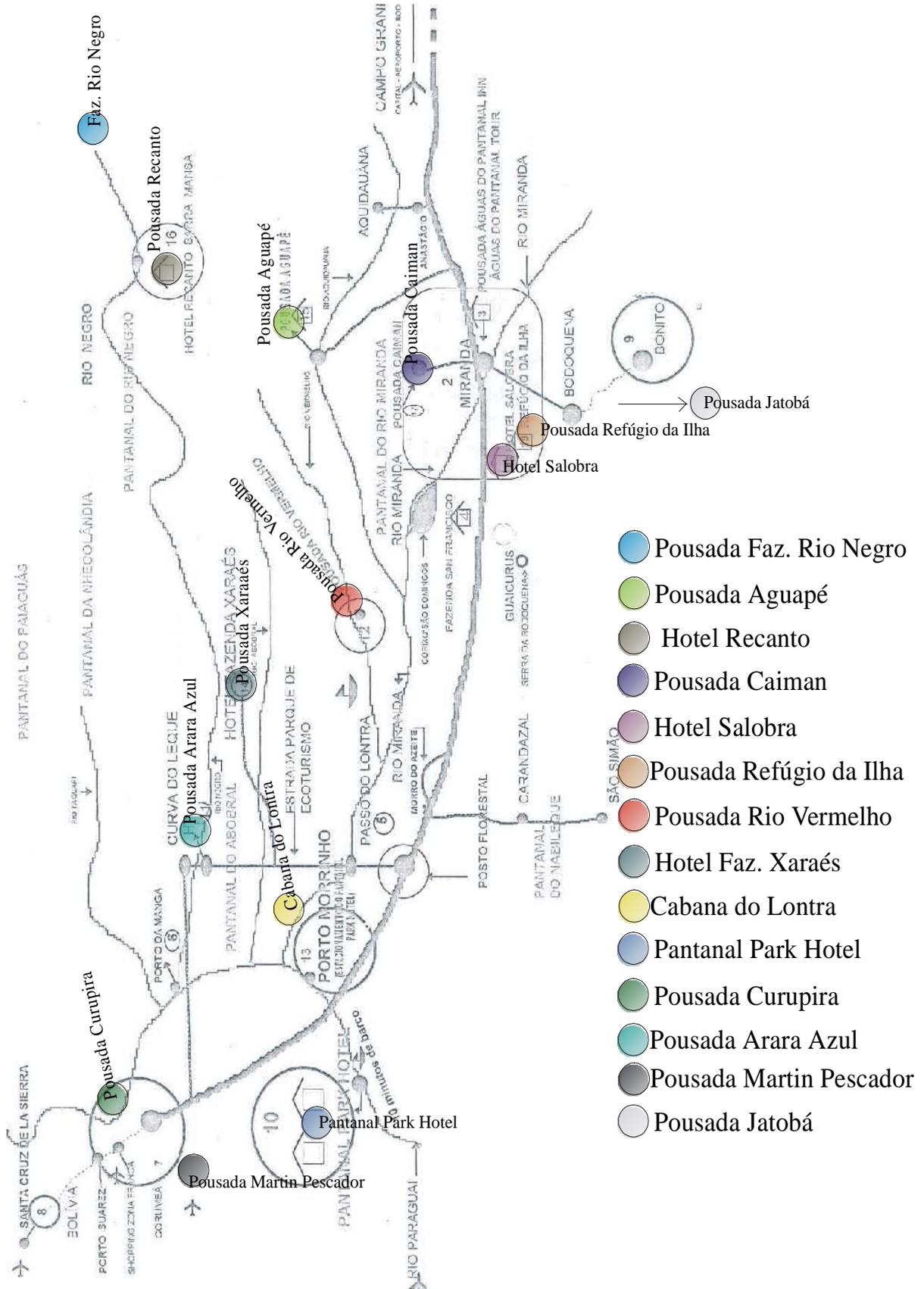


Figura 38 – Localização das pousadas selecionadas na estrada-parque na região do Pantanal.
 Fonte: Selma M. Rodrigues

3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

A análise será descritiva, por meio de imagens e projetos de dez pousadas situadas na região do Pantanal Sul-Mato-Grossense.

As pousadas foram definidas pela tradição e importância na região, e todas possuem o mesmo padrão de hospedagem, situadas em ambientes distintos, porém semelhantes.

Também foram definidas pela vocação do local, pois todas elas desenvolvem o ecoturismo em suas atividades. Segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, um local para aplicar o ecoturismo necessita de alguns fundamentos como critério⁴⁸, que serão expostos na análise de cada pousada.

Os edifícios selecionados possuem características volumétricas diferentes, com morfologia próxima. Incluiu-se, ainda, um hotel com características e tipologia urbana, localizado à margem do rio Paraguai, para indicar a discrepância que um edifício assim causa no contexto estudado.

Os dez hotéis/pousadas selecionados foram: Pousada Fazenda Rio Negro (Aquidauana), Pousada Aguapé (Aquidauana), Pousada Caiman (Miranda), Hotel Salobra (Corumbá), Pousada Refúgio da Ilha (Miranda), Pantanal Park Hotel (Porto Esperança), Pousada Curupira (Corumbá), Pousada Arara-Azul (Corumbá), Pousada Barra Mansa (Aquidauana) e Pousada Martim-Pescador (Corumbá) (FIGURA 38).

A dificuldade em obter material para análise, em alguns casos, foi responsável pela exclusão de hotéis e pousadas, que a princípio tinha-se a intenção de incluí-los na pesquisa.

Depois de feito o levantamento *in loco*, os hotéis e pousadas foram submetidos aos conceitos estudados e verificou-se a adaptabilidade de edifícios inseridos na região do Pantanal com o menor impacto ambiental.

A análise está baseada em: classificação pelo sítio, classificação programática e classificação tipológica.

Classificação pelo sítio - refere-se aos locais onde o hotel e a pousada estavam inseridos, os quais são fatores de atração para o turista, e isto demandará instalações adequadas para sua hospedagem. O hóspede será normalmente externo ao sítio de implantação e sua estada será temporária.

⁴⁸Os critérios de ecoturismo estão relacionados no subitem 3.2 - Condicionantes de Implantação do Capítulo III - Aspectos Tipológicos.

Classificação programática - refere-se aos meios de hospedagens por suas atividades e funções, diretamente relacionadas com a organização espacial do edifício. A maioria dos hotéis serve unicamente ao propósito de hospedagem, porém pode haver hotéis e pousadas com espaços e serviços adicionais. Dentro do programa de necessidades pode existir aumento de quantidade e qualidade das instalações e dos serviços, promovendo o conforto do hotel. Essas modificações influem sobre a disposição e área dos ambientes, determinando preço, padrão e categoria do hotel.

Classificação tipológica - refere-se ao projeto arquitetônico. Foi baseado no conceito de tipologia de Montaner (1997, p. 129). Observar a edificação, recorrendo ao conceito de que tipologia na atualidade é reunir todo o regionalismo e defender soluções morfológicas de caráter universal. Levar em conta fatores como: particularidades de programa, de sítio e paradigmas existentes na época da concepção do projeto.

Após a leitura das classificações foram observados o emprego e uso das condicionantes básicas para uma implantação e desenvolvimento sustentável do ecoturismo na região.

A partir de definições para as atividades turísticas de autores citados no decorrer do texto, a análise irá caracterizar as pousadas com o objetivo de observar, o que foi definido nesta pesquisa como condicionantes⁴⁹ básicos, para uma implantação adequada ao meio ambiente. São os seguintes itens:

- a) localidade;
- b) implantação;
- c) condições climáticas;
- d) sombra;
- e) ventilação;
- f) desumidificação;
- g) orientação;
- h) forma arquitetônica;
- i) cobertura;
- j) teto;
- k) paredes;
- l) aberturas;
- m) materiais construtivos;

⁴⁹Ver definição de condicionantes no subitem 3.2 - Condicionantes de Implantação do Capítulo III - Aspectos Tipológicos.

- n) dispositivos de proteção;
- o) esgoto;
- p) lixo; e
- q) áreas verdes.

3.4.1 ANÁLISE

A análise desenvolvida demonstra haver, de acordo com os hotéis e pousadas levantadas, a falta de adaptabilidade existente. Eles são construídos ou reformados de acordo com a necessidade e procura pelo local, sem fazer um planejamento racional ou usando os conceitos de desenvolvimento sustentável,⁵⁰ para o turismo ecológico⁵¹.

Foi observada também uma preocupação quanto à preservação do meio ambiente, atividades desenvolvidas pelas pousadas como atrativos recreativos para hóspedes, com respeito às condições naturais da região, possuindo uma grande preocupação de preservação e cuidados com trilhas, passeios a cavalo, contemplação, safáris fotográficos, entre outros.

As modalidades de atividades desenvolvidas pelas pousadas, como podem ser observadas na ficha técnica de cada uma, são semelhantes entre si, não usando toda a capacidade que a região oferece para exploração do ecoturismo.

As modalidades recreativas, em sua maioria, são: caminhada (*trekking*), em trilhas ou não, baseia-se na contemplação e observação dos elementos naturais e pode ser o único meio de acesso a determinados locais; cavalgada, usada para acessar e observar grandes extensões, integrando o homem à natureza, por meio de seu contato com o animal (FIGURAS 39 a 41); ciclismo, meio de transporte e atividade esportiva, tendo a vantagem de não ser um agente poluidor, como ruído, emissões, e outros, e requer apenas condicionamento físico; *mountain bike*, feita em trilhas íngremes e de chão batido, dentro de áreas recuperadas e seminativas; e escaladas, atividade de conquista de montanhas e paredões de rocha com uso de equipamentos especiais.

⁵⁰Desenvolvimento sustentável significa melhorar a qualidade de vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos sistemas naturais. Turismo ecológico - segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (SILVEIRA, 1999. p. 4; 7).

⁵¹Segmento da atividade turística que utilize, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentive sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas. (SILVEIRA, op. cit.).



Figura 39 – Passeio de barco. Rio Negro.
Fonte: Conservation Internation



Figura 40 – Mirante. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservation Internation.



Figura 41 - Cavalgada na Pousada Aguapé.
Fonte: Carlos Bodet.

Na observação de animais, desenvolvida por grupos, amantes da vida animal utilizam o turismo para localizar, identificar e observar diferentes espécies de animais nos seus respectivos habitats, observadores de aves principalmente (FIGURAS 40 e 42). As atividades com barco podem ser a motor, remo ou vela e pode ser um meio que evita o contato direto do visitante com o recurso natural - observação a distância (FIGURA 39). Os passeios de jipe são para observação de extensas áreas, porém com alto índice de acidentes (FIGURAS 43 e 44).

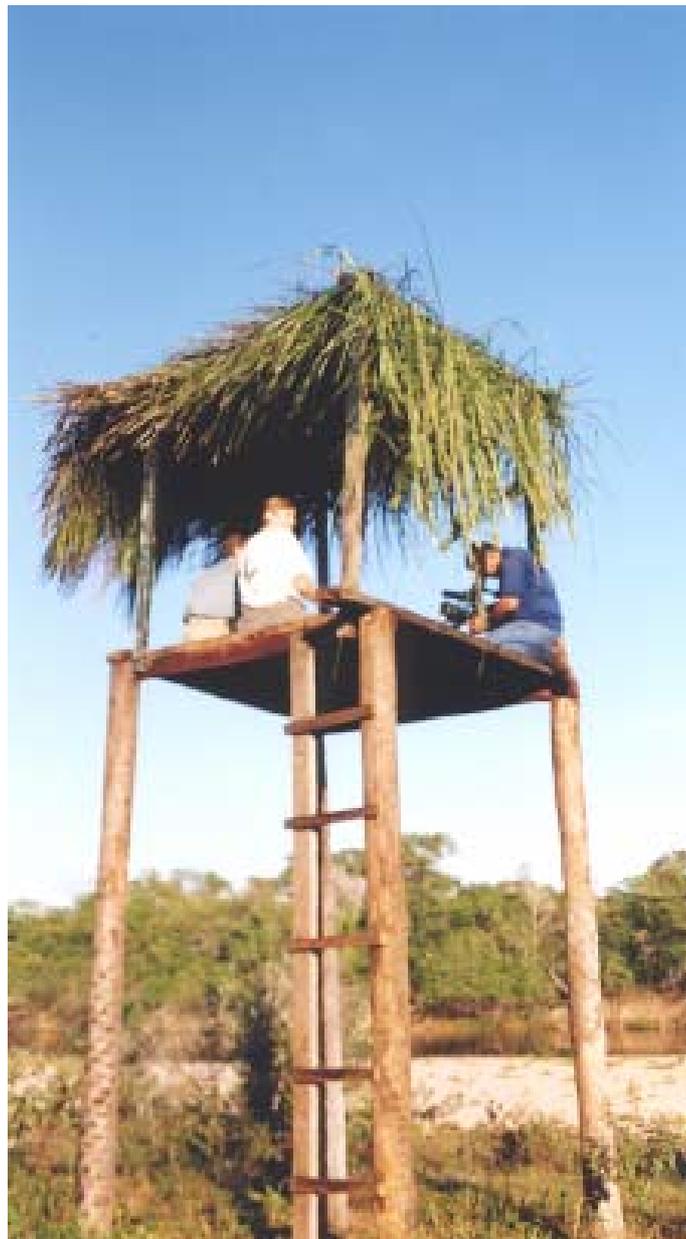


Figura 42 – Observatório construído com palmeira Carandá (típica da região)
Pousada Fazenda Rio Negro.

Fonte: Conservation International



Figura 43 – Carro adaptado para safári fotográfico e ecológico.
Pousada Fazenda Rio Negro
Fonte: Conservation International



Figura 44 – Passeio de jipe no Pantanal.
Fonte: Selma M. Rodrigues

As atividades desenvolvidas pelos estabelecimentos são para entretenimento dos hóspedes, o que não deixa de causar impacto na região, que podem ser: alteração da paisagem, poluição provocada pelo acúmulo de lixo, uso de produtos com substância química, poluição sonora provocada pelo motor das embarcações e geradores de energia elétrica, coleta e destruição de vegetação, caça e pesca ilegais, desmatamento para a construção dos equipamentos, descaracterização das tradições e costumes locais, migração de pessoas atraídas por oportunidades de trabalho e especulação imobiliária.

Apesar desses impactos negativos, as pousadas causam também impactos positivos, o que vem ocorrendo na região do Pantanal, com instalação e planejamento adequado, como: emprego de mão-de-obra das comunidades adjacentes, causando renda fixa para as famílias; atendimento e transporte de emergência; auxílio nos transportes para os centros de consumo; consumo da produção agrícola e pesqueira local a preços mais baixos; geração local de

empregos; criação de alternativas de arrecadação para as Unidades de Conservação⁵²; diversificação da economia regional; fixação do homem no campo; melhoria da qualidade de vida de populações locais; novos valores e conceitos sem ruptura cultural; estímulo ao conhecimento e à conservação do patrimônio cultural e natural; abertura de novas alternativas econômicas; redução dos impactos negativos do turismo tradicional, graças ao ecoturista conscientizado, e oportunidade única de implementar um movimento mundial de recuperação, valorização e conservação de princípios de respeito à vida em todas as suas dimensões.

Os atrativos de recreação são direcionados exclusivamente aos hóspedes, mas é normal as pousadas servirem de base para pesquisas científicas, como é o caso da Pousada Caiman⁵³ e Pousada Fazenda Rio Negro. Os tipos de visitantes em pousadas que atendem o ecoturismo são: visitantes em excursões - grupos, visitantes individuais, mochileiros e campistas, cientistas, colecionadores e coletores, fotógrafos amadores e profissionais, produtores de cinema, praticantes de atividades esportivas, ornitólogos e observadores de aves e usuários de caminhonetes ou jipes.

A arquitetura para lugares especiais vai além dos requisitos básicos de um abrigo, precisa assumir-se como parte do cenário natural e como expressão das necessidades e desejos dos hóspedes.

O ideal de um projeto nessas áreas é que ele seja criado a partir do diálogo entre a comunidade local e o empreendedor, como também é importante trabalhar o máximo possível dentro da estrutura da comunidade/cultura, reconhecendo valores da população, bem como o tipo e a disponibilidade de recursos humanos da região.

Para a classificação de análise e melhor organização metodológica, as pousadas estão classificadas em fazendas com edificações antigas e transformadas em pousadas, que são: Pousada Aguapé, Pousada Barra Mansa, Pousada Caiman e Pousada Fazenda Rio Negro. As que foram transformadas em espaço para exploração do ecoturismo, construindo e se adequando para tal, são: Pousada Arara-Azul, Pousada Curupira, Pousada Martim-Pescador, Pantanal Park Hotel, Pousada Refúgio da Ilha e Hotel Salobra.

⁵²Unidade de Conservação - porções do território nacional, incluindo águas territoriais, com características naturais de valor relevante, de domínio público ou de propriedade privada, legalmente instituída pelo poder público com objetivos e limites definidos e sob regimes especiais de administração, às quais se aplicam garantias adequadas de proteção.

⁵³Trabalhos científicos realizados na Pousada: Pesquisa de Cervídeos (Laurenz Pinder); Arara-Azul (Charles Munn e outros colaboradores); Comportamento de onças (George Schaller e Peter Crawshaw); Radiotelemetria feita em Tuiuiús (Paulo Antas).

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DAS POUSADAS

4.1 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES ANTIGAS

4.1.1 POUSADA AGUAPÉ

A pousada está situada nas proximidades da cidade de Aquidauana, instalada na Fazenda São José, no Pantanal do Rio Miranda. Possui apenas um bloco edificado onde estão instaladas todas as funções da pousada, como apartamentos, sala de jantar, cozinha e outras dependências (FIGURA 45).



Figura 45 – Vista da Casa sede Pousada Aguapé.
Fonte: Carlos Bodet

Construída em alvenaria com cobertura de telha de barro, com detalhes em madeira nas varandas, para dar uma noção de rusticidade, na busca de uma identidade dos processos construtivos regionais (resgate e valorização do vernáculo).

As varandas são fechadas com tela, para maior proteção a insetos e mosquitos, por ser essa área muito atingida por eles.

A área de lazer foge da característica regional, pois é construída com materiais tradicionais, como concreto e piso de lajota, em uma área de pouca vegetação (FIGURAS 46 a 49).

Sua maior atividade são os passeios, no entorno da sede e no campo, a cavalo, em barco ou em trilhas para ver ninhais ou animais.



Figura 46 – Vista da área de lazer.
Pousada Aguapé.
Fonte: [www. Aguapé.cm.br](http://www.Aguapé.cm.br)



Figura 47 – Vista da área da piscina.
Pousada Aguapé.
Fonte: www. Aguapé.cm.br



Figura 48 – Varanda. Pousada Aguapé.
Fonte: Carlos Bodet



Figura 49 – Vista da entrada da Fazenda,
na Pousada Aguapé.
Fonte: www .aguape.com.br

4.1.2 POUSADA BARRA MANSA

A Pousada Recanto Barra Mansa, esta situada na sede da fazenda com o mesmo nome, com capacidade para 12 hóspedes, em apartamentos.

A sede da fazenda fica às margens do rio Negro, no Pantanal do Rio Negro, onde possui uma vegetação nativa e extensa, com campos de cerrado, que durante a época da cheia, normalmente alaga, criando um ambiente diferente e pitoresco (FIGURA 50).



Figura 50 – Vista da Casa sede Pousada Barra Mansa.
Fonte: Guilherme Rondon

A edificação é de alvenaria com cobertura de telha de barro, não possuindo nenhuma peculiaridade construtiva.

Os espaços forem compostos como uma casa típica de fazenda moderna, sem a tipologia característica, de um cômodo passar para outro (FIGURA 51).



Figura 51 – Apartamento Pousada Barra Mansa.
Fonte: Guilherme Rondon

A proposta de atividades da Pousada é o ecoturismo com passeios pelo entorno, com trilhas, safáris fotográficos e turismo de contemplação (FIGURA 52).



Figura 52 – Vista aérea da Pousada Barra Mansa.
Fonte: Guilherme Rondon

4.1.3 POUSADA CAIMAN

A Pousada Caiman está localizada em uma fazenda no Pantanal do Rio Negro, onde grande parte do meio ambiente continua intocável, possuindo assim uma reserva ecológica para a realização de pesquisas da fauna e flora.

Todos os aspectos típicos de matas, planícies inundáveis estão representados nessa região. As habitações estão localizadas na antiga sede da fazenda, por ser uma casa antiga possui um conforto natural típico da época e da região (FIGURAS 53 e 54).



Figura 53 – Vista da casa sede. Pousada Caiman
Fonte: www.caiman.com.br



Figura 54 - Vista lateral da casa sede. Pousada Caiman
Fonte: [www . caiman.com.br](http://www.caiman.com.br)

O Refúgio Ecológico Caiman foi criado em 1987 na fazenda pantaneira de pecuária, a Estância Caiman. Esta, por sua vez, foi criada a partir da Miranda Estância, tradicional fazenda na região fundada por investidores ingleses em 1912. A Estância tem 53.000 hectares de superfície e abriga em sua área três projetos que se completam: Ecoturismo, Pecuária Extensiva de Corte e Pesquisa e Preservação do Meio Ambiente. Todas essas atividades estão amparadas pela ampla infra-estrutura instalada ao longo de 88 anos de investimento.

Com 12 anos de existência, o Complexo Caiman tornou-se um projeto pioneiro de turismo ecológico no Pantanal de Mato Grosso do Sul. Desde a sua criação, procura integrar as atividades de pecuária com o turismo, comprovando a viabilidade do desenvolvimento sustentável, onde a natureza é respeitada e preservada em todas as suas espécies, nos seus habitats e nos seus ciclos (FIGURA 55).



Figura 55 – Vista da sede da Fazenda. Pousada Caiman
Fonte: [www . caiman.com.br](http://www.caiman.com.br)

Com o decorrer do tempo, a Caiman passou a ser vista também como um local de referência para o desenvolvimento de trabalhos no campo das ciências. No passado, foram realizadas diversas pesquisas científicas, antes mesmo da criação do hotel.

Possui quatro pousadas e duas estruturas de apoio para passeios.

Todas as pousadas são equipadas com ar-condicionado nos apartamentos, ventiladores de teto, banheiro privativo com banho aquecido, fontes de corrente alternada de 110 volts, sala de estar e piscina (FIGURAS 56 e 57).



Figura 56 - Vista da área de piscina. Pousada Caiman.
Fonte: www.caiman.com.br



Figura 57 – Vista da área nova. Pousada Caiman.
Fonte: www.caiman.com.br

Possuem infra-estrutura independente (refeições, passeios e guias), exceção feita à Pousada Piúva, onde é servido apenas o café da manhã. Os hóspedes da Piúva realizam as principais refeições, como almoço e jantar, na Pousada Sede (FIGURAS 58 e 59).



Figura 58 – Vista restaurante. Sede Piúva.
Fonte: www.caiman.com.br



Figura 59 – Vista restaurante da casa Sede.
Pousada Caiman.
Fonte: www.caiman.com.br

Com capacidade total para receber até 70 pessoas distribuídas nessas pousadas, respectivamente, acomodação e capacidade: Sede - 11 apartamentos (8 dbl + 3 tpl); Baiazinha - 6 (2 dbl + 4 tpl); Cordilheira - 6 (2 dbl + 4 tpl); Piúva - 6 (5 dbl + 1 tpl).

A antiga casa Sede da Fazenda, construída em estilo ibero-americano, foi adaptada para abrigar em suas instalações, 25 hóspedes em 11 apartamentos, sem, contudo, ter perdido o charme de “Casa Grande” de uma típica fazenda pantaneira.

A proximidade com a vila e o mangueiro (construção onde os peões trabalham o gado) ilustra a cultura local, está bem localizada no sítio, com paredes de alvenaria dupla, abundante proteção natural de árvores e um paisagismo concentrado nas áreas voltadas para o Oeste.

4.1.4 POUSADA FAZENDA RIO NEGRO

Localizada no Pantanal do Rio Negro, em meio a uma vegetação exuberante, a Pousada procura explorar as características da região. Com grande área livre, o projeto baseia-se em um corpo principal circundado por varandas, onde estão habitações, sala de jantar, sala de leitura, cozinha, escritório e recepção. Centralizado a esse corpo um outro volume constituindo o segundo pavimento, onde também possuem habitações (FIGURA 60).

Construída em alvenaria, seguindo as tendências da época, com elementos do colonial, com varandas e beirais generosos, o que promove um resfriamento da ventilação causada também pela vegetação do entorno próximo (FIGURA 61).



Figura 60 – Vista Casa sede da Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International



Figura 61 - Vista Posterior da Casa sede da Pousada Fazenda Rio Negro
Fonte: Conservational International

As áreas externas são valorizadas e constituídas pela paisagem local e pelas edificações e atividades normais de uma fazenda, como curral, mangueiro de gado, galpão de utensílios de arreios, casa dos funcionários e peões, o que dá uma característica peculiar aos hóspedes que não estão habituados a essa rotina (FIGURAS 62 e 63).

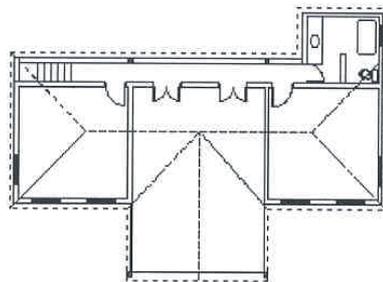


Figura 62 - Vista da área de encontro e lazer. Pousada Fazenda Rio Negro
Fonte: Conservational International

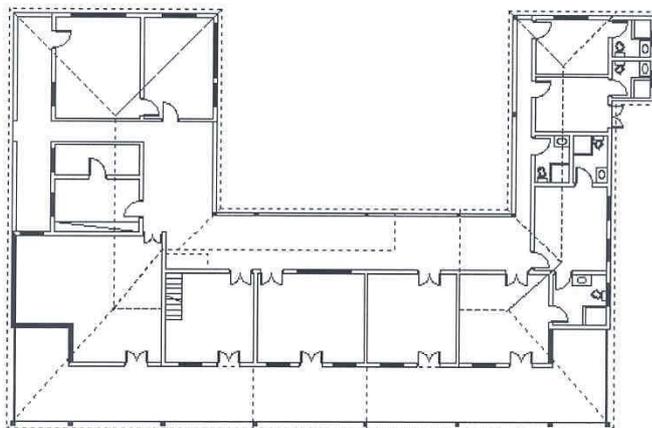


Figura 63 - Vista varanda. Pousada Fazenda Rio Negro
Fonte: Conservational International

No ano 2000, a casa sede passou por uma reforma, mas não foram alteradas sua estrutura externa nem suas características antigas; foi apenas adaptado aquecimento solar de água, reestruturação dos apartamentos, deixando-os mais confortáveis e arejados (FIGURAS 64 e 65).



Planta Baixa - Pav. Superior



Planta Baixa - sede

Figura 64 – Planta baixa da casa sede. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International



Figura 65 - Vista habitação casual. Pousada Fazenda Rio Negro
 Fonte: Conservational International

O objetivo dos administradores é que os hóspedes, quando chegam à Fazenda, percebam e vivenciem, com a região, o aspecto cênico e expositivo do repertório construtivo da arquitetura vernacular, assim como o modo de vida, o dia-a-dia de uma típica fazenda pantaneira (FIGURA 66). Promove ainda pesquisas e estudos com pesquisadores brasileiros e estrangeiros nas áreas de ecologia, biologia e meio ambiente.



Figura 66 – Vista aérea da sede da Pousada Fazenda Rio Negro
 Fonte: Conservational International

4.2 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES NOVAS

4.2.1 POUSADA ARARA-AZUL

A Pousada Arara-Azul está localizada no Pantanal da Nhecolândia, próximo das margens do Rio Negro, onde o solo da região constitui áreas de maior expressão geográfica resultantes dos derrames aluviais provenientes do Planalto de Maracaju. Os elementos mais

característicos da paisagem são: as cordilheiras e as baías. Uma região com o desenvolvimento extensivo da pecuária (FIGURA 67).



Figura 67 - Vista da Pousada Arara Azul em época de cheia.
Fonte: Anderson Rocha.

Possui 25 apartamentos completos, distribuídos em chalés, restaurante, sala de televisão, de jogos e jantar. Construída em tijolos **autoportante**, sem reboco, no natural, somente com tratamento de proteção. Cobertura de telha de barro e esquadrias e aberturas de ferro e vidro (FIGURA 68).



Figura 68 - Vista da edificação de apartamentos. Pousada Arara Azul.
Fonte: Anderson Rocha.

Possui, ainda, para atrativos dos turistas, as instalações antigas, como galpão de arreios, casa dos peões, em alvenaria e cobertura de telha de barro (FIGURAS 69 a 71).

Seus principais atrativos turísticos são os passeios a cavalo, safáris fotográficos e pesca esportiva.



Figura 69 - Vista área de piscina. Pousada Arara-Azul.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 70 - Vista do Redário. Pousada Arara-Azul.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 71 - Vista da Recepção e área social. Pousada Arara-Azul.
Fonte: Anderson Rocha

4.2.2 POUSADA CURUPIRA

A Pousada Curupira está localizada à margem do rio Paraguai, distribuída em vários blocos edificadas ao longo da margem para tirar proveito do entorno.

Possui 13 apartamentos completos, com ar-condicionado, restaurante e área de lazer com piscinas e quiosques com cobertura de palha (FIGURAS 72 e 73).

As paredes são de alvenaria convencional, com esquadrias e aberturas em ferro e vidro. Possui varandas com pilares de madeira, assim como todo mobiliário da Pousada (FIGURA 74).

As principais atividades são a pesca e os passeios pelos arredores.



Figura 72 – Vista geral dos chalés. Pousada Curupira.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 73 - Vista da área da piscina.
Pousada Curupira.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 74 – Habitação tripla. Pousada Curupira
Fonte: Anderson Rocha

4.2.3 POUSADA MARTIM-PESCADOR

A Pousada Martim-Pescador é uma estrutura flutuante que possui todas as características de uma instalação de pousada, porém sem uma implantação convencional (FIGURA 75).



Figura 75 - Vista geral da Pousada Martim-Pescador.
Fonte: Anderson Rocha

Sua estrutura é sobre um tipo de *deck* de madeira, como toda sua construção (FIGURA 76). O todo é constituído de dois blocos: um com dois pavimentos, onde estão os apartamentos, e o outro de um pavimento, onde estão os ambientes sociais, como restaurante, varandas, bar, salas e área de convívio (FIGURA 77).

A cobertura é de palha, sobre estrutura de madeira, o que caracteriza uma analogia com as construções indígenas (FIGURAS 75 a 77).

Os atrativos turísticos são a pesca esportiva e contemplação, por onde se está navegando.



Figura 76 - Vista da área de lazer.
Pousada Martin Pescador.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 77 - Vista do Restaurante.
Pousada Martin Pescador.
Fonte: Anderson Rocha

4.2.4 PANTANAL PARK HOTEL

O Pantanal Park Hotel está localizado na Fazenda Figueirinha, próximo do vilarejo de Porto Esperança, na margem direita do rio Paraguai, a 70 km de Corumbá. O acesso é feito por estrada até Porto Morrinho, depois, por meio de barco; não há acesso de estrada até o local (FIGURA 78).



Figura 78 - Vista aérea do Pantanal Park Hotel.
Fonte: Selma M. Rodrigues

É um hotel com padrão internacional, não havendo nenhum tipo de caracterização com a arquitetura vernácula da região.

Além de possuir apartamento no corpo principal, com ar-condicionado, ventilador de teto, geladeira, televisão e outros, possui ainda chalés com suítes, fora do corpo principal, com acesso por caminhos calçados e externos.

O projeto possui basicamente dois tipos de instalação: sete chalés de dois pavimentos cada, com área total de 1.019,97 m² e o corpo principal também com dois pavimentos, com área de 1.129.35m², constituindo um total de 2.149,32 m².

O Hotel tem capacidade para 130 pessoas, com as seguintes atividades: pesca amadora; passeio por trilhas ecológicas e passeios hidroviários.

Sua infra-estrutura de lazer é uma das mais completas da região, possuindo quadras poliesportivas, campo de futebol, vôlei e areia, ainda piscina para adultos e crianças, com quiosques de cobertura de palha.

Sua implantação foi feita por meio de aterro, em uma área de um hectare e estrada elevada com extensão em torno de um quilômetro. Para dar acesso às instalações da pista de pouso, foi elevado 1,20 m da cota da maior enchente do Pantanal.

Com fechamento de alvenaria convencional, cobertura de telha de barro e esquadrias e aberturas em madeira e vidro (FIGURA 79).



Figura 79 - Vista da recepção. Pantanal Park Hotel.
Fonte: Selma M. Rodrigues

4.2.5 POUSADA REFÚGIO DA ILHA

Situada em Miranda, MS, a duas horas e meia de Campo Grande, o Refúgio da Ilha é um paraíso ecológico às margens das águas límpidas do rio Salobra, que se divide em dois braços formando uma ilha.

A Pousada é uma fazenda no município de Miranda entre os rios Salobra e Salobrinha. A sede do Refúgio da Ilha é um casarão de fazenda adaptado para o ecoturismo, circundado por baías e pelo rio Salobra. A charmosa rusticidade das instalações, aliada ao conforto e ao atendimento familiar dos proprietários, faz o hóspede se sentir bastante à vontade (FIGURA 80).



Figura 80 - Vista geral da sede. Pousada Refúgio da Ilha
Fonte: Libera Moura

A comida é bem caseira. A pousada possui cinco apartamentos simples com ventilador de teto e banheiro privativo (FIGURA 81).



Figura 81 – Habitação dupla. Pousada Refúgio da Ilha.
Fonte: Libera Moura

Seus proprietários disponibilizaram uma grande área de reserva para refúgio de animais como antas, capivaras, onças e uma infinidade de pássaros. A fazenda conta com simples e eficiente estrutura de apoio nos passeios, como cavalos, barcos a motor e remo e caminhadas entre barragens de uma antiga cultura de arroz.

A Pousada oferece uma integração total entre homem e natureza (FIGURAS 82 e 83), em uma área de mais de 1.800 hectares de preservação ambiental, o que atrai e sustenta inúmeras espécies de animais silvestres, que podem ser vistos nas programações que a Pousada oferece.



Figura 82 - Vista da varanda. Pousada Refúgio da Ilha.
Fonte: Libera Moura



Figura 83 - Vista da área de lazer e caramanchão. Pousada Refúgio da Ilha.
Fonte: Libera Moura

Durante o ano, o rio passa por diversos ciclos, e durante três meses, por causa da seca, suas águas tendem a ficar turvas ou escuras.

Atividades recreativas: focagem de jacarés, mergulho tipo *snorkling* no rio Salobra, desfrute do balneário natural, passeio de bicicleta, *pillling* com argila de calcário magnesiano, pescaria nas lagoas da Pousada (com material), *birdwatching* (observação e catalogação de pássaros). Essas atividades têm como objetivo integrar diretamente o hóspede com a natureza e podem ser feitas nos intervalos dos passeios oferecidos.

4.2.6 HOTEL SALOBRA

O Hotel-Fazenda Salobra está situado próximo da rodovia BR-262, que liga Campo Grande a Corumbá, sendo fácil o acesso.

A Fazenda foi implantada em um gramado extenso e é constituída por blocos ao longo de um caminho, como se fosse uma sede de fazenda tradicional. Em uma área total de 3.700 m² (FIGURAS 84 e 85).



Figura 84 - Vista da área de piscina. Hotel Salobra.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 85 - Vista da entrada da Fazenda. Hotel Salobra.
Fonte: Anderson Rocha

As habitações ficam nos chalés, cada um com quatro apartamentos completos, e nos outros blocos está a infra-estrutura que compõe a instalação, como: cozinha, salas de jogos, de estar, restaurante, entre outros (FIGURA 86 e 87).



Figura 86 - Vista dos chalés de apartamento. Hotel Salobra.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 87 - Vista da área de apartamentos. Hotel Salobra.
Fonte: Anderson Rocha

A área de lazer é um outro bloco, que, além da piscina e quiosques, possui um edifício de apoio com varandas e redes (FIGURA 88).



Figura 88 - Vista da área de piscina. Hotel Salobra.
Fonte: Anderson Rocha

Todos os edifícios são de alvenaria, com beirais generosos, cobertura de telha de barro e esquadrias e aberturas de madeira e vidro.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DAS POUSADAS

5.1 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES ANTIGAS: CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SÍTIO, PROGRAMÁTICA E TIPOLOGICA

Dentre as pousadas selecionadas, fazendas com edificações antigas e transformadas, para análise quanto à classificação pelo sítio, são implantadas em locais que os colonizadores definiram em relação às condições ambientais do local. É necessário que sejam em locais altos, chamados de cordilheiras, por causa do período prolongado da época das chuvas, o que deixa o acesso somente por avião, barcos ou carros especiais (FIGURAS 52, 54, 66, 89 e 90).



Figura 89 – Vista aérea da implantação da Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Anderson Rocha



Figura 90 – Vista do Retiro. Pousada Caiman
Fonte: [www. Caiman.com.br](http://www.Caiman.com.br)

A situação da edificação no sítio na região do Pantanal caracteriza pela definição de hotel rural, por se localizar em ambientes recortados por propriedades dedicadas à agricultura e pecuária, ou ainda conhecido por hotel-fazenda⁵⁴, e é normalmente de pequeno porte, cujo atendimento é personalizado e o convívio com o hóspede é mais próximo. Oferece, ainda, por meio das relações do sítio com a história do local, um atrativo a mais.

Leão (1995)⁵⁵ ainda cita mais uma classificação de sítio: áreas especiais, cujo funcionamento é determinado pelos atrativos especiais oferecidos pelo sítio. É caso de algumas regiões do Pantanal, onde o acesso é muito difícil, porém de extrema beleza.

Essa classificação acontece na Pousada Caiman, onde produziu cenários como retiros⁵⁶, onde o hóspede passa apenas algumas horas ou uma noite, para apreciar o cenário e desfrutar de uma natureza quase intocada pelo homem. São os Retiros Santa Vóia e São Domingos, ambos os locais com infra-estrutura, com área telada, para pernoite em redes, além de cozinha e banheiro. Foram estrategicamente construídos para passeios em áreas distantes, como a Comitiva de Gado que utiliza o Santa Vóia ou os passeios ao rio Aquidauana que utilizam o São Domingos.

Para integrar com o meio e manter relação com a paisagem, os edifícios são baixos e inseridos na vegetação. Não é comum o desmatamento para locação das obras, pois em época de calor a temperatura é extremamente alta; fazem uso de árvores existentes e é costume fazer o pomar próximo às casas, pois atrai animais silvestres ao local.

A implantação é solta, sem uma organização de eixos, e o programa de necessidades vai acontecendo de acordo com as necessidades vigentes, sendo construídos próximos ao existente ou construídas novas edificações, conforme o terreno proporciona a composição. Em geral, as edificações não possuem uma fachada principal, definindo, às vezes, como varanda do fundo, da frente ou na lateral, pois como está implantada em áreas grandes, e o serviço muitas vezes é informal, o hóspede tem acesso a todas as dependências e pode transitar por todos os ambientes internos e externos.

Essa idéia de não ter uma fachada principal, ou ao mesmo tempo todas, nos remete a Palladio com a implantação da Villa Rotonda, onde se buscava potencializar a relação da casa com o entorno, com a paisagem circundante, sem perder a autonomia formal. Com

⁵⁴ Pode instalar-se em edifícios novos ou em antigas sedes de fazenda, cujas dimensões avantajadas e o grande número de dormitórios permitem fácil adaptação ao uso hoteleiro (LEÃO, 1995).

⁵⁵ Cidades históricas, lugares sagrados, centros arqueológicos, ambientes cenográficos, construídos para o público infantil ou adulto, os quais comportam uma infra-estrutura de turismo com eficientes meios de hospedagens. (LEÃO, 1995, p. 80).

⁵⁶ No Pantanal, as fazendas possuem uma dimensão muito grande, o peão sai para cuidar do gado e não tem condições de fazer o serviço em um dia, então constroem retiros em lugares estratégicos para pouso.

alternativas de vistas edificadas e naturais, se potencia o contraste entre o edificado e a paisagem. Com a criação dos terraços proporciona um vínculo visual entre a casa e o entorno.⁵⁷

Na análise de Solà-Morales⁵⁸, a arquitetura é vista desde a noção central em que se encontra sobre o todo, uma atividade destinada a assinalar lugares. Lugar é reconhecimento, delimitação estabelecimento de limites. É o que acontece com a implantação das pousadas no Pantanal, a localização das sedes em tempos anteriores e hoje como objeto principal da atenção do turista quando chega ao ambiente, para que o reconhecimento da geografia e história determina no seu imaginário a idéia de espaço e tempo.

A classificação programática é a razão principal da origem do edifício e está diretamente relacionada com a organização espacial do edifício, sua função. O funcionalismo pode ser definido como um ajuste entre os meios e os fins (STROETER, 1986, p. 36). A natureza de um edifício é sempre expressa pela sua utilização.

Para Martinez (1998, p. 182), certas configurações espaciais se associam sem problemas com classes de atividades, a partir de uma distinção entre espaços que indicam trânsito, e outros espaços de forma equilibrada, que sugerem permanência. As formas estabelecidas de alguns espaços colaboram com a interpretação do uso dos edifícios.

Segundo Leão (1995), a maioria dos hotéis serve unicamente o propósito de hospedagem, mas pode acontecer de os hotéis possuírem serviços adicionais. A definição programática está baseada na especialidade ao tipo de instalações e à categoria do padrão das instalações.

As pousadas e hotéis instalados no Pantanal estão na categoria de Hotel de Lazer, que é considerado meio de hospedagem localizado fora dos centros urbanos, com áreas edificadas, amplas, com instalações e equipamentos visando, especificamente, à recreação e ao entretenimento. O local onde essa categoria se insere é extremamente importante, pois terá influência sobre sua morfologia, caracterizando edifícios com volumes baixos, espalhados, com módulos às vezes individuais e próximos (FIGURAS 48, 51 e 91).

As pousadas, que inicialmente eram residências e foram transformadas de maneira informal e às vezes adaptadas, possuem os seguintes ambientes necessário à hospedagem: as salas de estar se transformam em recepção, os quartos em apartamentos de hospedagem, as cozinhas, que normalmente eram grandes, viram salas de jantar e constroem cozinhas mais adaptadas.

⁵⁷ Assimilação do entorno imediato, da implantação da Vila Rotonda. (LEUPEN et al., 1999, p. 165).

⁵⁸ Noção de espaço como uma categoria própria da arquitetura. (MORALES-SOLÀ, 1995, p. 117).



Figura 91 – Vista da sala de estar da Pousada Aguapé
Fonte: Carlos Bodet

As características dos ambientes buscam uma harmonia com o rural, usando móveis de madeira com aparência pesada e rústica, uma lembrança dos colonizadores e normalmente usados na recepção (FIGURA 92).

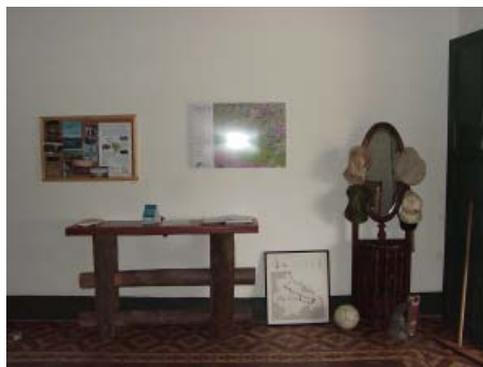


Figura 92 – Vista da recepção. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International

Enquanto hotéis tradicionais possuem o *lobby*, as pousadas, que eram antigas sedes, usam a sala de visita como recepção, sendo a área que primeiro contribui para a imagem positiva ou negativa do hotel, logo depois do apartamento. A importância da recepção é avaliada pelo mobiliário, qualidade dos materiais e decoração do todo. Normalmente, as pousadas, que foram antigas fazendas da região, usam móveis e objetos pertencentes aos

antigos proprietários, transformando a recepção em pequenos museus. Na decoração, são usados objetos e plantas do local, ou ainda objetos do museu do trabalho rural (FIGURAS 48 e 91).

Mesmo nas antigas casas, o apartamento segue o padrão usado nas grandes redes de hotéis tradicionais, com dimensões estabelecidas pela EMBRATUR⁵⁹, na média de quinze metros quadrados, com ar-condicionado, camas de casal e solteiro, com ventilação apropriada e iluminação natural (FIGURAS 51, 65 e 93 a 96).



Figura 93 – Vista da sala de leitura. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International



Figura 94 – Vista da sala de jantar. Pousada Fazenda Rio Negro
Fonte: Conservational International

⁵⁹ EMBRATUR/INMETRO: regulamento e matriz de classificação dos meios de hospedagem e turismo.
Disponível em: <www.embratur.gov.br>.



Figura 95 – Vista da recepção. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International



Figura 96 – Vista da sala de estar. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International

O uso de ar-condicionado nos apartamentos é um item complexo e de vários entendimentos nas pousadas localizadas em áreas especiais. Biólogos e conservacionistas são extremamente contra seu uso, porque é um dos maiores consumidores de energia e agente contrastante no ambiente natural. A alternativa para tal seria um estudo de condicionamento de entrada e saída de ar, apartamentos localizados próximos à área de sombreamento e orientação de implantação adequada, para promover um conforto térmico natural e condizente com meio.

Os apartamentos são amplos, com dimensões maiores que o normal, pois eram ocupados por famílias numerosas (FIGURA 97). Em geral, os banheiros são adaptados e por isso diferentes e mais modernos que o restante dos ambientes, possuindo tecnologia atual. Quando não há condições de adaptarem ou construírem banheiros acoplados aos

apartamentos, fazem novas edificações, ficando a casa principal apenas para os serviços básicos, como recepção, restaurante, cozinha e ambientes de estar.



Figura 97 – vista da habitação dupla. Pousada Caiman.
Fonte: [www . caiman.com.br](http://www.caiman.com.br)

O restaurante é um elemento básico e presente em todas as instalações, com atividade de hospedagem. No Pantanal, normalmente as pousadas não possuem um ambiente definido como restaurante, e sim espaços para servirem refeições, não havendo serviço após o horário estipulado para tal. Em geral, estão próximos da cozinha, às vezes sendo o mesmo ambiente, para dar uma característica informal e ligar às atividades da fazenda, como servir a refeição no fogão à lenha, integrando-se com os funcionários e demais hóspedes (FIGURAS 58 e 59).

Os ambientes de estar são os locais de maior integração dos hóspedes com a pousada. Estão localizados nas salas, varandas, ou ambientes construídos para este fim, como quiosques, áreas de ambiências sob árvores ou ao ar livre, próximas a piscinas (FIGURAS 58, 59 e 98).



Figura 98 – Vista da varanda, casa sede. Pousada Caiman.
Fonte: [www . caiman.com.br](http://www.caiman.com.br)

É comum nas pousadas, a presença de funcionários antigos ou músicos da região, contarem histórias, “causos” e apresentarem músicas regionais como entretenimento, após o jantar. É o espaço onde são discutidas e combinadas as atividades do dia seguinte.

As atividades e funções de uma fazenda que hoje se tornou pousada, quanto ao programa, são todos próximos, diferenciando apenas as dimensões e localização onde estão inseridas. O Pantanal pode parecer uma região única, mas depois que o conhece é fácil perceber suas diferenças e particularidades.

Os hotéis-fazenda contribuem para a conservação da cultura local, porque não há como o turista não se envolver com o cotidiano de funcionamento típico da região.

A classificação tipológica a que os hotéis-fazenda estão classificados liga-se diretamente ao projeto de arquitetura. Apesar de ser um assunto pouco abordado pelos teóricos e bibliografia especializada, o programa hoteleiro possui esquemas formais possíveis de classificação e sistematização (LEÃO, 1995, p.99).

A tipologia das pousadas implantadas no Pantanal segue uma classificação linear, onde os espaços estão vinculados a uma circulação e esta se realiza de espaço a espaço. Acontece também a distribuição dos espaços por repetição ou por módulos, onde o serviço e programa de necessidades estão distribuídos em blocos caracterizados por proximidade e organização.⁶⁰ (FIGURAS 56 e 63).

As pousadas fazem ainda uma ligação e analogia com características regionais e históricas. As fazendas transformadas em pousadas estão ligadas ao contexto, por meio de formas as quais nos remetem ao colonial. Segundo Argan (2004, p. 66):

[...] o significado simbólico preexiste ao tipo e o determina, ele se transmite ligado a certas formas arquitetônicas do mesmo modo como, no caso inverso, a concatenação histórica das formas transmite, de modo mais ou menos consciente, os conteúdos simbólicos.

A importação de materiais construtivos da Europa com destino a Corumbá⁶¹ não chegou até as antigas fazendas do Pantanal. Como se observa nas Figuras 45, 56 e 63 são edifícios compactos com uso de materiais comum às regiões rurais de época. O caráter das edificações provinha do emprego sistemático de elementos tomados de empréstimo à arquitetura portuguesa dos séculos XVII e XVIII: varandas sustentadas por pilares roliços de

⁶⁰ Proximidade e organização são, basicamente, uma coleção de partes individuais relacionados por adjacências. A relação de proximidade é importante para o agrupamento de edifícios e sua organização interna. (MAHFUZ, 1995, p. 122).

⁶¹ No final do século XIX, Corumbá foi o principal porto da região, por onde entrava todo tipo de materiais construtivos para edificação e ornamentos.

madeira, telhados planos, feitos de telha capa canal, tijolo de barro, esquadrias de madeira, alpendres e beirais largos, o que é importante na região pela forte insolação de dia e grandes períodos de chuva.

São características do colonial brasileiro, principalmente em locais quentes e úmidos, providências tendentes a evitar o sol direto nas paredes externas, com uso de alpendres como moderador de temperatura interna nas construções. Utilizando também de aberturas generosas para se obter renovação de ar dos interiores. Outro artifício usado nas varandas são as treliças e muxarabis como elemento de composição arquitetônica, destinados à ventilação dos ambientes (FIGURAS 45, 99 a 101).



Figura 99 – Vista lateral da casa sede. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International



Figura 100 – Vista lateral da casa sede. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International



Figura 101 – Vista da casa de hospedes. Pousada Fazenda Rio Negro.
Fonte: Conservational International

Apesar do Estado de Mato Grosso do Sul estar mais próximo culturalmente de São Paulo do que de outros centros, no final do século XIX, as novidades vinham pelo porto de Corumbá, o que justifica a tendência colonial tão forte nas antigas fazendas, pois, nessa época, esse estilo estava sendo desenvolvido com muito mais abrangência no Rio de Janeiro do que em São Paulo (BRUND, 1997).

À volta de uma arquitetura nacional oferecia um meio de afirmar em público a personalidade brasileira e a maturidade do país. O colonial se encaixa perfeitamente bem no contexto da região do Pantanal, na adaptação das antigas fazendas em pousadas, pois o empréstimo de elementos tomados do passado não caracteriza uma cópia, visa somente a criar uma atmosfera psicológica de integração com o meio.

Lúcio Costa trabalha esses elementos no Hotel do Parque em Nova Friburgo, onde define a edificação como uma arquitetura contemporânea livre de todo complexo ou preconceito em relação ao passado. O hotel é inteiramente feito de materiais naturais ou de fabricação elementar, disponível no local (apud BRUND, 1997, p. 132).

As antigas fazendas, agora pousadas e explorando o ecoturismo, vêm comprovar que o turista, quando escolhe esse tipo de hospedagem, necessita de uma leitura espacial, que o localiza e o remete a um passado nostálgico, fazendo do atrativo não somente a paisagem, mas também a arquitetura como atrativo especial, quando bem conservada e planejada (FIGURAS 50 e 53).

Segundo Costa (2002, p. 33):

A arquitetura regional autêntica tem suas raízes na terra; é produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico e social e se desenvolve, com tecnologia a um tempo incipiente e apurada, à feição da índole e do engenho de cada povo; ao passo que aqui a arquitetura anterior africana e oriental do colonizador, teve que ser adaptada como roupa feita, ou de meia-confecção, ao corpo da nova terra.

O desenvolvimento de uma arquitetura regional para a região do Pantanal pode, usando esses parâmetros, ter a consciência e conhecimentos de seus colonizadores, perpetuando a história e conservando suas características.

5.2 FAZENDAS TRANSFORMADAS EM POUSADAS COM EDIFICAÇÕES NOVAS: CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SÍTIO, PROGRAMÁTICA E TIPOLOGICA

A análise das fazendas com edificações construídas para o desenvolvimento do ecoturismo segue o padrão das antigas fazendas transformadas em pousadas.

Quanto à classificação pelo sítio, as pousadas são implantadas de modo a não atrapalhar o funcionamento dos serviços, pois em sua maioria são instaladas em fazendas que possuem lugares atraentes (FIGURAS 68 a 71), que são usados para exploração do ecoturismo, ocorrendo também a atividade de pecuária. É comum a necessidade de movimento de terra, o que pode causar sérios impactos se não for planejado.

As características de sítio de pousadas desse porte seguem alguns pontos básicos, como: estar próximas de comunidades locais, onde o turista tem a oportunidade de saber sobre a cultura local, meio ambiente e história; afastado do centro urbano e integrado à natureza; o conjunto de edificações normalmente é separado da casa principal (sede da fazenda); promoção de segurança aos hóspedes; estão próximos da facilidade de infra-estruturas, de acesso, energia e telecomunicações; estar próximas de rios, lagos e paisagens, porém nem sempre ligadas a eles e localizadas em áreas não inundadas permanentemente.

Os locais selecionados para implantação são sempre áreas onde não precisam fazer remoção da vegetação, topografia plana, vegetação rala, com pequenos agrupamento de árvores esparsas de porte pequeno, às vezes de porte médio.

Dentre as pousadas com edificação nova, o Pantanal Park Hotel (FIGURA 79) é o único com padrão internacional, não havendo nenhum tipo de caracterização com a arquitetura regional. Sua implantação foi definida em função da localização, por estar próximo ao rio Paraguai, e passando por todo tipo de licenciamento para edificação na área. Apesar da legalidade, não mostra preocupação com o entorno, estando totalmente fora do contexto.

As novas edificações são implantadas de modo que o hóspede participa pouco das atividades da fazenda, fazendo com que fique preso às atividades programadas e definidas pela organização da Pousada.

Procuram inovações quanto à localização, e, quando isso não acontece, são localizadas em áreas planas onde anteriormente eram espaços para pasto, ficando as edificações sem sombreamento natural e distantes de áreas arborizadas. Não existe um planejamento

paisagístico com relação às edificações, e quando possuem, normalmente são exóticas, sem projeto paisagístico com o manejo da vegetação local.

A importância dada aos jardins, que pode ser considerado um contraponto que acaba valorizando pelo contraste as formas geométricas do projeto arquitetônico, é usada por Burle Marx no uso de plantas nativas como valorização da edificação com o meio, como uma moldura para o edifício moderno (FIGURAS 73, 82 e 83). Utiliza a flora nativa com a clara intenção de acomodação regional da arquitetura. Estruturando os espaços circundantes, procura o artista criar um contra-ritmo, que ao mesmo tempo isola a unidade arquitetônica para que ela se defina e expanda, em uma espécie de acentuação ou complementação de seu partido e de seu programa, e a integra em um todo com o meio ambiente, o clima, a atmosfera, a luz, a natureza, enfim. A elaboração formal da vegetação, a criação estética, aonde a matéria-prima disponível se eleva ao estatuto de arte segundo os valores subjetivos ou objetivos do artista (GUERRA, 2002).

A Pousada Martim-Pescador (FIGURA 76) possui uma localização de sítio diferenciada. É uma estrutura flutuante que possui todas as características de uma instalação de pousada, porém sem uma implantação convencional. Essa localização é interessante, porque vai de encontro com fundamentos básicos do turismo ecológico, fazendo uma integração direta com a população local, desenvolvendo um turismo de contemplação literalmente, sem o contato direto e os impactos que acarreta, provoca uma interdisciplinaridade com o patrimônio natural, com pouco impacto no meio. É necessário apenas um cuidado maior em relação ao transporte, para não causar derramamento de óleo, provocar ruídos excessivos, mudança comportamental da fauna, consumo de alimentos nas áreas naturais, vandalismo e retirada de elementos da natureza, descarte de resíduos, remoção da cobertura vegetal, geração de entulhos e geração de esgotos.

Em relação ao programa, apesar de ser semelhante aos hotéis-fazenda, são construídas novas edificações para abrigar as necessidades de hospedagem, estando separada do corpo principal.

Os apartamentos possuem uma dimensão com a média de doze a quinze metros quadrados. Os equipamentos das habitações de hospedagens procuram estar aptos aos grandes hotéis de padrão internacional, porém a dimensão nem sempre comporta tanto equipamentos, como: duas camas de casal, frigobar, televisão e cômoda para abrigo da bagagem (FIGURAS 74 e 81).

Ao contrário dos hotéis-fazenda, que recebem um número reduzido de hóspedes, as pousadas construídas são equipadas para um número maior, possuindo apartamentos com capacidade até de seis pessoas, para tornar-se economicamente viável, pois suas reservas são feitas por meio de pacotes. Uma pousada desse porte tem que abrigar a capacidade de um ônibus turístico, uma média de trinta e cinco a quarenta pessoas (FIGURA 88).

Essas pousadas por estarem próximas a cidades e não no interior do Pantanal, as instalações recreativas são mais equipadas que os hotéis-fazenda, que possuem a natureza como principal atrativo. É comum a maioria possuírem piscinas, áreas para refeição externa como quiosques, pérgolas, ambiências e redários para conversas informais e descanso.

Os restaurantes ou a área de alimentação são desenvolvidos em salas ou varandas. Algumas pousadas não possuem um espaço específico, sendo usados ambientes de estar ou a própria cozinha. Nas pousadas, que possuem áreas de lazer, é comum a existência de bares e atendimento de serviço na piscina, porém na maioria não acontece serviço de quarto nem refeições fora do horário previsto para tal. Exceção feita ao Pantanal Park Hotel, que possui serviço e categoria de hotel internacional.

Os ambientes de estar estão localizados na casa central onde estão o serviço de recepção, de gerência e o núcleo da pousada. São espaços pequenos e servem apenas como receptivos, não estando adequados a uma permanência longa, fazendo com que os hóspedes permaneçam mais tempo nas habitações ou nas áreas de lazer. Sua decoração é semelhante aos hotéis-fazenda, com o uso de artesanato local e móveis de madeira com características rurais.

As pousadas construídas podem ser definidas em dois setores fundamentais: a área de serviço e área de hospedagem, configurando um conjunto de espaços coletivos e diferenciados (FIGURA 88). A organização da área de hospedagem deve considerar o fator distância do núcleo de serviço e possíveis ampliações.

A categoria a que essas pousadas estão classificadas são pequenos pavilhões⁶², onde pode ser ainda como cabanas, bangalôs e cabanas em fita (FIGURA 87).

⁶² Sítios amplos, com condições paisagísticas ou topográficas especiais e normalmente afastados dos limites urbanos, comportam hotéis atomizados em pavilhões pequenos e baixos, conformando um complexo de múltiplas partes. Frequentemente, as células habitacionais dispõem-se como uma série de pequenas casas ou cabanas organizadas em relação a um sistemas de vias e aos serviços e setores coletivos do hotel. (LEÃO, 1995).

Os apartamentos são edificados em blocos tipo bangalôs, onde comportam uma média de quatro unidades ou, ainda, lineares dispostos ao longo de uma circulação externa, protegidos por varandas (FIGURA 87). Dispõem-se isoladamente no sítio, com afastamento entre si; pode acontecer de cabanas geminadas dividindo uma face, formando um esquema econômico e compacto.

Quanto à disposição nem sempre há preocupação com a orientação solar e ventos, havendo a necessidade do uso de ar-condicionado.

Há uma preocupação com a tradição neocolonial, com o uso de telha cerâmica, alvenaria de tijolo e esquadria de madeira. Lúcio Costa faz uso desses materiais como busca da interação entre o homem e meio físico natural. São convicções de extrato romântico que teve forte presença na cultura brasileira desde a metade do século XIX e das quais a arquitetura mantém até hoje (GUERRA, 2002). A busca de uma arquitetura moderna que fosse essencialmente brasileira é fruto da convicção do uso de materiais da terra como representação do ideário natural.

A Pousada Martim-Pescador é estruturada sobre um tipo de *deck* de madeira, como toda sua construção. O todo é constituído de dois blocos, sendo um com dois pavimentos, onde estão os apartamentos e o outro de um pavimento onde estão os ambientes sociais, como restaurante, varandas, bar, salas e área de convívio (FIGURA 76).

A cobertura é de palha, sobre estrutura de madeira, o que caracteriza uma analogia com as construções indígenas e ribeirinha da região. O arquiteto Severiano Mario Porto faz uso desses materiais quando projeta e executa com materiais típicos na região amazônica, em pouco tempo e com baixo custo, como o restaurante Chapéu de Palha, premiado na 7ª premiação anual do IAB-RJ em 1967 “pela simplicidade bem sugere as origens e tradições locais”, afirmando a brasilidade da arquitetura, em um tempo em que se multiplicam construções anônimas, concretos aparentes, e o funcionalismo marca cidades e regiões por todo o Brasil, com sua mesma marca pouco imaginativa, rígida e inadaptada, e mergulha no passado local e habilmente o reinventa, criando novas formas que caracterizarão outra modernidade da arquitetura, sócios e culturalmente ambientadas, como disse Elizabete Rodrigues.⁶³

Mesmo construindo e usando materiais da região, às vezes é preciso quando o projeto determina o uso de tecnologias para adaptar e estruturar o programa de necessidades.

⁶³ Elizabete Rodrigues de Campos Martins é doutora e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: < www.vitruvius.br >.

Severiano faz uso dessa junção entre tecnologia e materiais construtivos locais no projeto para o *Campus* da Universidade da Amazônia e para o Centro de Proteção Ambiental Balbina (apud ROVO; OLIVEIRA, 2004):

Os trabalhos apresentados pelos arquitetos destacam-se não só seus evidentes valores arquitetônicos excepcionais, mas pelo que representam em termos de pesquisa, seja por abrirem horizontes para o desenvolvimento de tecnologias novas, com grande interesse nacional, seja pela busca de uma melhor e mais profunda integração da arquitetura com a natureza equatorial da Amazônia. Sem abrir mão dos avançados recursos materiais e técnicos contemporâneos, os arquitetos não vacilam em aproveitar as tradições culturais indígenas no trato da madeira e das estruturas espaciais. O *Campus* da Universidade de Manaus e no Centro de Proteção Ambiental de Balbina, constróem “espaços que respiram” com uma linguagem plena de modernidade, sem concessões ao exótico e ao pitoresco.

Ao analisar as pousadas inseridas na região do Pantanal, as construídas e as fazendas transformadas, fica evidente a influência do neocolonial, no uso de materiais que caracterizam essa tendência, mas ainda não podemos identificar uma arquitetura regional, nem mesmo uma adaptação do vernacular. Mesmo as pousadas que desenvolvem o ecoturismo com o mínimo de impacto ambiental, são construídas ou adaptadas sem um planejamento adequado com as condicionantes necessárias de uma edificação voltada para os aspectos da região. O que se observa é o uso esporádico de materiais locais, muito mais para agradar o turista do que uma preocupação em buscar uma linguagem integrada com a natureza.

Os aspectos descritivos da tipologia arquitetônica voltada para o ecoturismo, excetuando algumas iniciativas, são limitados, levando em conta a abundância de possibilidades existentes à mão do empreendedor, para o uso nas edificações que caracterizaria um diferencial na atividade, com custos e facilidades de adaptação.

Os efeitos de uma descaracterização edilícia no Pantanal já se fazem sentir no turismo, mais especificamente sobre os hotéis e pousadas, por causa da diferenciação quanto à qualidade dos serviços prestados e o enfoque dado à programação turística para as quais são colocados à disposição.

É necessário um planejamento racional e sistemático quanto à implantação de pousadas na região, não somente com enfoque ao ecoturismo e sua sustentabilidade, como também ao projeto de edificações, com atenção à mobília e a outros acessórios de interior, que podem ser fabricados com recursos locais, como o trabalho de artesões e artistas da região; recorrer sempre à matéria-prima e energia disponíveis localmente, desde que compatíveis com a conservação; evitar o uso de produtos e equipamentos que consumam grande quantidade de

energia e envolvem materiais perigosos; construir de forma planejada e monitorar as etapas construtivas; incentivar a participação dos moradores locais, como forma de obter informações para o arquiteto; os elementos da paisagem devem ser posicionados de forma a propiciar ventilação natural nas instalações, para evitar o consumo desnecessário de energia; considerar o uso de energias alternativas, como solar e eólica, entre outras, que já foram citadas no decorrer do trabalho.

Estar atento às condicionantes que a região impõe como requisitos para o projeto de arquitetura, pois irá trazer benefícios ao empreendimento, e só assim será possível a construção de uma linguagem arquitetônica com aspectos e características regionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não chamarei este capítulo de conclusão e sim de considerações finais porque o desenvolvimento de uma arquitetura regional ou a busca do vernáculo, voltada para o ambiente do Pantanal, ainda está começando, e vai ser concretizada quando os empreendedores, privados e governamentais, tomarem consciência de sua importância para um desenvolvimento sustentável para a região. É de fundamental importância que se tentem delinear novos rumos para essa tendência arquitetural por meio de pesquisas científicas sob vários pontos de vista, como o social, cultural, político, econômico, tecnológico, sistema construtivo e ambiental, ou até mesmo a relação entre esses aspectos.

O objetivo deste trabalho foi estudar como as ações voltadas para o turismo se relacionam com arquitetura, a adaptabilidade do ambiente construído dentro de um ecossistema frágil e às vezes com aspectos selvagens, suporte material desse meio, o Pantanal.

Para este estudo, foi necessária uma fundamentação teórica e conceitual que desse suporte às análises interpretativas.

Por meio dessa fundamentação, foi possível compreender que na dinâmica do meio estudado nem tudo permanece; tende-se mais à transformação, do que à conservação. Nesse sentido, o ambiente construído e natural não é estático, mas permanece à medida que adquire valores e reflete significados.

A disponibilidade de materiais e técnicas regionais é um problema em algumas regiões do Brasil, não por falta de matéria-prima, e sim por falta de incentivo e conhecimento a sua produção. Esse aspecto é agravado pela carência de mão-de-obra especializada e a valorização do regional.

As mudanças conceituais que desenvolveram a partir da década de 1960 permitiu um novo olhar sobre o ambiente construído, e o conceito de cultura regional passou a ter uma abordagem material e simbólica, voltando a reconhecer na arquitetura a sua capacidade intrínseca de significar. Nesse contexto, a arquitetura deixou de basear-se no paradigma do “plano” para basear-se no paradigma do “lugar”, onde as preexistências e o contextualismo ambiental foram associados ao reconhecimento da necessidade de manter-se o conteúdo social dos espaços existentes. Os aspectos culturais e emocionais passaram a ser entendidos como uma necessidade para a organização da vida coletiva. Entretanto, rompeu-se com o mito do

novo; o aspecto econômico levou ao reconhecimento das permanências, inseridas no seu contexto, como detentoras de valor, além de cultural e social.

Neste estudo evidenciaram-se atribuições de valores dados ao regionalismo vernáculo, onde, por meio de conhecimento da região e de condicionantes importantes a serem observadas, torna a arquitetura local integrada ao meio. A idéia do regionalismo se faz presente com a abordagem holística, uma vez que os aspectos condicionantes das obras estabelecem uma linguagem e refletem as características históricas ou não do lugar onde está inserida. Essa abordagem não se resume à mera aplicação de técnicas e mão-de-obra do local. A estratégia de concepção tem que passar pelo clima, pelas condições geográficas, entre outros fatores, fazendo com que a arquitetura local seja mais uma adequação consciente do que o retrato de um local.

Uma boa arquitetura localizada e adequada é a que tem bases e soluções dosadas de arquitetura vernacular, que já experimentou e conseguiu respostas inteligentes para a vida da região, pois vem de longe sua prática.

Sem copiar soluções e sim captar aspectos e elementos importantes que podem ser reutilizáveis. Como o telhado curvo pode ter vindo de uma oca indígena, que possui a cobertura curva e se prolonga até o chão. O piso elevado lembra as casas de pescadores ou da população ribeirinha, que castigados pelas enchentes, todo ano, já constroem suas edificações protegidas das águas. Assim como o uso da palha ou da telha de cavaco, usadas pela facilidade ou pelo conforto que proporciona em épocas quentes.

Essa apropriação dos elementos regionais não é um saudosismo barato, mas sim adoção de soluções práticas que, usadas com novas tecnologias, podem valorizar e reduzir custos da edificação, já que o desenvolvimento da arquitetura tem um processo dinâmico e mutável. A adoção pode ainda contribuir para o equilíbrio entre homem e meio físico, que é o objeto maior da arquitetura.

A inserção de elementos acontece de um jeito ou de outro, consciente ou não, o importante é que sejam reinterpretados como episódios dentro de um todo, e não caricaturas de uma arquitetura antiga presente hoje, como leitura e valorização do passado, criando uma falsa simulação sentimental do vernáculo local.

Esses elementos podem ser buscados em várias fontes, na lembrança, na cultura regional e até mesmo em fontes estrangeiras. Será um empenho em cultivar a cultura contemporânea voltada para o lugar sem estar tornando uma referência formal.

O mais importante é a adequação, buscar a harmonia entre o meio ambiente e o meio construído, a compreensão do comportamento humano se dá na sua relação com a região.

A capacidade de estabelecer padrões é perigoso, pois em projetos para áreas tão inconstantes como o Pantanal é inviável. O certo é estabelecer uma certa dose de bom senso que orientará o projeto ambiental. Se o homem, como espécie, tem certas características, e se faz certas coisas por um longo período de tempo, então deve haver motivos para tal comportamento.

É importante compreender tanto a constância como a inconstância do homem e do meio onde está inserido, ou onde será edificado o projeto, já que nossa cultura mostra um grau exagerado de mudanças.

É preciso repensar o conceito tradicional da arquitetura no sentido de proporcionar um enfoque ecológico na área projetual. Um projeto ecologicamente correto deve preocupar-se mais com os aspectos sociais, enquanto o projeto tradicional visa à sistemática estética e funcional.

O projeto deve ter a preocupação das conseqüências ecológicas derivadas do emprego dos materiais no meio edificado e seus impactos. O meio edificado é um produto potencial do desenho, e sua responsabilidade é satisfazer as aspirações tradicionais de estética e função, como também conter manifestação física e simbólica do impacto ambiental do projeto proposto. Um projeto responsável pelo ambiente, onde será inserido, terá um espaço arquitetônico essencialmente integrado, dinâmico e criativo. É necessário que essa tomada de consciência cultural e de valores simbólicos do espaço não fique restrita a estruturas específicas, como em pousadas, mas que determine a configuração do ambiente global.

A teoria do regionalismo adotada pelo movimento moderno insistia na necessidade de que tal arquitetura fosse autêntica. Não seria então conseguida pelo método dos românticos, que haviam invocados aspectos mediante a mimese de suas formas – não seria por esses métodos que se recuperaria a essência das arquiteturas regionais, mas com a descoberta das relações casuais existentes entre as formas e seu entorno.

O entorno no caso do Pantanal é de suma importância para o desenvolvimento de uma arquitetura adequada, mesmo que seja com materiais tradicionais. A construção de uma arquitetura com aspectos regionalistas passa pela tipologia existente, o que não foi levantado nesta pesquisa, pois somente por meio de sua investigação que poderíamos classificar uma verdadeira existência de uma arquitetura regional para o Pantanal.

O que foi visto são elementos que precisamos estar atentos para projetar em ambientes tão diversificados como essa região. Ambiente este que é preciso levar em conta suas particularidades existentes, uma gama de tradições diversificadas, um número de imigrantes maior ainda e uma civilização indígena grande e minorizada pela exploração de terras e

aculturação, ainda indefinida na modernidade. Um problema não só da população indígena local, mas de todo o Brasil.

Nesse sentido, a relação entre pesquisa e a realidade ainda tem muito que avançar, pois o tema de estudo – hotel –, como objeto de análise e sua relação com o meio e como se estabelece, deriva-se de uma necessidade de impor-se e explorar um ambiente ainda pouco estudado e sem uma legislação definida para orientá-lo e conduzi-lo no caminho certo.

O Pantanal possui um valor turístico intrínscico, valorizado pela mídia nacional e internacional, e se não for observado a tempo, questões como pousadas e hotéis na região poderão causar o mesmo mal causado nas regiões litorâneas brasileiras. Estabelecimentos turísticos sem qualquer controle de implantação e relação com o meio.

A paisagem, a habitação e os costumes são típicos de cada lugar e constituem o principal indicador para mostrar que o turista está realmente em outro lugar que não aquele onde vive. Não há lugares iguais, o modelo de turismo que se vem implementando teima em homogeneizar lugares, paisagens e culturas.

No Capítulo I, foi visto que o Pantanal é uma região em franco desenvolvimento e que oferece grandes possibilidades de estudo e perspectivas tanto na área de turismo como de pesquisas científicas para conhecermos nosso próprio ambiente. Com uma cultura rica e diversificada nos dá possibilidades de desenvolver uma arquitetura diferenciada e original.

Nos conceitos sobre o Ecoturismo foi visto que hoje se configura como uma importante alternativa de desenvolvimento social nas comunidades em que se desenvolve de maneira consciente e equilibrada, valorizando a proteção e conservação no ambiente natural de suas belezas cênicas e seus exemplares da flora e fauna.

Sobre o regionalismo, a busca por uma identidade é de suma importância para uma realidade como a que estamos vivendo hoje, a da pós-modernidade, onde todos os valores passaram a ser global e sinônimo de negócio, cuja etimologia implica na negação do ócio, mas também como meio de satisfação das necessidades básicas do ser humano, principalmente do homem urbano..

O espaço construído, onde é necessário o equilíbrio entre a natureza e arquitetura, em que o primeiro constitui a matéria-prima do segundo, necessita ser regulado e disciplinado. Dentre as ações destinadas a promover um relacionamento harmonioso, é preciso seguir alguns parâmetros para um desenvolvimento arquitetônico consciente e integrado. Se conseguirmos tirar o melhor proveito do conjunto das circunstâncias que envolvem a atividade turística, esta poderá ser uma força positiva no desenvolvimento da arquitetura e no enriquecimento da região.

É notável que a arquitetura de pousadas e hotéis não é tão simples como era no passado, onde o ambiente era apenas para hospedar. Foi visto que a necessidade é muito maior que apenas um pouso, é a relação entre o social, cultural e o meio edificado, propiciando uma satisfação e integração onde o hóspede se sinta em casa de uma maneira diferenciada.

E isso se dá por uma mudança de valores que o homem antigo não presenciou, enquanto o homem moderno necessita de espaços onde possa desfrutar o seu “tempo livre”, a comunhão entre a natureza e a configuração formal do edifício.

A arquitetura de pousadas no Pantanal está começando a se desenvolver; é preciso que se estabeleçam critérios para um desenvolvimento consciente e caracterizado. Para isso foram colocados exemplos de arquitetos e como o tema foi tratado por eles, sua importância tipológica e a preocupação com a interface homem e edifício.

A partir da base teórica e das pesquisas de campo, foi possível compreender que o conjunto de pousadas relacionadas e estudadas possui uma relação construtiva com o meio, e que detém valores que são reconhecidos pela comunidade que ali está estabelecida e que depende sua permanência, em geral muito mais por meio da necessidade ambiental que a região obriga do que por consciência projetual.

A partir das evidências e dos dados analisados no desenvolvimento deste trabalho, constatou-se que as edificações das pousadas possuem uma capacidade de integração pela classificação de sítio, pela necessidade de que muitas fazendas ainda continuam desenvolvendo suas atividades agrárias e o turismo apenas uma forma de renda a mais. Quanto à classificação programática vem ao encontro para atender as necessidades que o turismo impõe e classifica; onde não atendidas, não entram no programa das grandes operadoras. Verificou-se que as novas necessidades adaptam-se às características dos edifícios já construídos e que possuem a função para hospedagens, sem necessidade de elevados investimentos financeiros nas ações de intervenção, fazendo o que o turismo atual já está colocando como defasado, onde o turista não se importa com as instalações desde que o ambiente natural compense a falta de conforto.

No entanto, os aspectos referentes à adaptabilidade das edificações, principalmente aqueles relacionados com o conforto higrotérmico e uso de materiais, não têm sido contemplados nas intervenções ou mesmo nas construções novas, acréscimos ou modificações que as casas de fazendas vêm sofrendo. Embora, evidente que as soluções que propiciem a ventilação natural dos ambientes são fundamentais para atender aos padrões de conforto, seguem preservando a tipologia existente do local, como pé-direito alto, pátios,

varandas, ainda que necessitem de fechar com telas, pelo motivo de insetos e mosquitos. Os materiais construtivos usados hoje, tanto nas intervenções como nas construções novas, foram observados que ainda não fazem uso dos recursos da região. Em alguns casos, como nas Pousadas Rio Negro, passaram por uma grande intervenção: a substituição de materiais antigos por novos, na busca pelo conforto sem se ater a busca por materiais regionais.

No caso do Hotel Park Pantanal é totalmente desistuído de caracterização com o entorno e contexto, seja na classificação em função do sítio, programática e tipológica. Passando a sensação que o edifício poderia estar em qualquer região.

Os itens de condicionantes não são uma cartilha, mas sim parâmetros que precisam ser levados em conta no exercício projetual, na conscientização de que o meio ambiente interfere na edificação, e como essas interferências podem ser tratadas e melhoradas, pois possuímos estratégias e tecnologias, com pouco impacto para amenizá-las.

As pousadas que usam materiais locais, mesmo que em pequenos espaços, como área de lazer, entorno da água, ficam diferenciadas, fazendo com que essa técnica passe a ser utilizada em outras dependências do edifício.

A arquitetura acompanhou o desenvolvimento do homem, sua relação com o universo, a descoberta progressiva de si mesmo, das leis da natureza e da vontade de manipulá-la. As identidades nacionais estão homogeneizadas, entretanto, como visão do futuro, há uma fascinação com o diferente, com a mercantilização da etnia, da particularidade, da paisagem primitiva. Com o impacto do global, um novo interesse pelo local, que explora a diferenciação, pode ser perigoso. Em nome de um turismo diferenciado ou integrado, tende a ter uma fantasia sobre o nativo e lugares exóticos apenas como intocados, mas esses locais também estão vivendo o efeito mercantil de exploração, embora em um ritmo mais lento e desigual. Se não possuir um conhecimento sobre o que pode influenciá-lo de maneira prejudicial, o que causa mais impacto, será desastroso futuramente.

Apesar de a sociedade contemporânea enfatizar a efemeridade e a transitoriedade dos espaços e dos lugares, a maioria das soluções e das tecnologias aplicadas na construção do ambiente edificado não é de caráter provisório ou temporário, pois o ambiente bem construído, normalmente, dura mais que uma geração.

REFERÊNCIAS

ABDEL WAHAB, Salah-Eldin. **Introdução à administração do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1977.

AB'SÁBER,

ADAM, Roberto Sabatella. **Princípios do ecoedifício**: interação entre ecologia, consciência e edifício. São Paulo, SP: Editora Aquariana, 2001.

ALAYABA, Marlene Milan; FISCHER Siylvia. **Arquitetura moderna brasileira**. Projeto São Paulo, SP: Editores Associados Ltda., 1982.

ALCÂNTARA, Sobek de. **Teoria turística**. Brasília, DF: Senado Federal/Centro Gráfico, 1982.

_____. _____. São Paulo, SP: Moderna, 1986.

ALLSOPP, Bruce. **A modern theory of architecture**. London: Henley & Boston; Routledge & Kegan Paul, 1973.

_____. _____. London: Henley & Boston; Routledge & Kegan Paul, 1977.

AMARAL, Aracy A. **Artes plásticas na Semana de 22**. (S. l.: s. n., s. d.).

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 5. ed. São Paulo, SP: Ática, 1998.

ARANHA, Maria L. de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo, SP: Moderna, 1986.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. (S. l: s. n.), 1992.

_____. On the typology of architecture. **Architectural Design**, v. 12, 1963.

_____. **Projeto e destino**. São Paulo, SP: Atica, 2004.

ARGUELLO, Katie. **O ícaro da modernidade**. São Paulo, SP: Editora Acadêmica, 1997.

ARNHEIM, Rudolf, **Art and visual perception**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1974.

ARQUITETURA NO BRASIL: depoimentos. São Paulo, SP: Editora USP, 1978.

BAPTISTA, Mario. **Turismo**: competitividade sustentável. Lisboa, Portugal; São Paulo, SP: Editora Verbo, 1997.

BENDIX, R. **Max Weber**: um perfil intelectual. Brasília, DF: Editora UnB, 1986.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna.** (S. l.: s. n., s. d.).

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo, SP: Editora Senac.

BERTELLI, Antonio de Pádua. **O paraíso das espécies vivas no Pantanal de MT.** São Paulo, SP: Cerita Editora, 1984.

BRASIL. **Constituição.** República Federativa do Brasil. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2000.

_____. Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. **O Turismo no Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (Pantanal): sócio economia de Mato Grosso do Sul.** Brasília, DF, 1997.

_____. Resolução Normativa CNTur nº 09. **Diário Oficial da União.** Brasília, 13 de fev. 1984. Seção I, p. 2.171-2.177. Disponível em: <www.embratur.gov.br>.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** São Paulo, SP: Perspectiva, 1997.

CARVALHO, Benjamin de. **Ecoarquitetura: onde e como vive o homem.** Porto Alegre, RS: Editora Globo, 1984.

_____. **História da arquitetura.** Rio de Janeiro, RJ: Editora de Ouro, 1978.

CARVALHO, Caio Luiz; BRITO, Gilvan de. **Destino Brasil: novos caminhos para o turismo.** Rio de Janeiro, RJ: Gráfica Editora Hamburg Ltda, 1997.

CASSIRER, Ernst. **The philosophy of symbolic forms.** London: Yale University Press, 1955.

CASTELLI, Geraldo. **Administração hoteleira.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1992.

CERASI, Maurice. **La lectura del ambiente.** Buenos Aires, Argentina: Ediciones Infinito, 1977.

CERRI, Luis Fernando. **Regionalismo e ensino de história.** São Paulo: Ática, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

COLLINS, Peter. **Changing ideals in modern architecture.** Kingston and Montreal: McGill-Queen's University Press, 1965.

COLQUHOUM, Alan. **Modernity and the classical tradition.** London, England: The MIT Press, 1987.

_____. O conceito de regionalismo: ensaio e pesquisa. **Revista Projeto,** (S. l.), v. , n., p. 8, (s.d.).

CONSIGLIERI, Victor. **A morfologia da arquitetura: 1920 a 1970.** 2. ed. Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1995.

COSTA, Lúcio. **Arquitetura.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

- _____. **Registro de uma vivência**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Empresa das Artes, 1997.
- CURTIS, William J.R. **La arquitectura moderna desde 1900**. Madri: Graficinco S.A. Fuenlabrada, 1986.
- DELMAR, Silvia. **Mantenimiento de hoteles**. México D.F.: Editorial Trillas, 1995.
- DREW, David. **Homem: meio ambiente**. 4. ed. Tradução de João Alves dos Santos. São Paulo, SP: Bertrand Brasil, 1995.
- DUARTE, Vladir Vieira. **Administração de sistemas hoteleiros: conceitos básicos**. São Paulo, SP: Editora Senac, 1996.
- ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. (S. l.: s. n., s. d.).
- EMBRATUR. INMETRO: **Regulamento e matriz de classificação dos meios de hospedagem e turismo**. (S. l.): EMBRATUR/INMETRO, (s. d.). Disponível em: <www.embratur.gov.br>.
- NOVÍSSIMA Delta Larousse: enciclopédia e dicionário. São Paulo: Delta, 1982.
- ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 14., 1991, (S. l.): Reunião de textos.
- EUFRÁSIO, M. A. **A estrutura da teoria dos lugares centrais de W. Christaller**. 1981. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. (S.l: s. n., s. d.).
- FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem como paradigma ecológico**. São Paulo, SP: Annablume, 1997.
- _____. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. (S. l.: s. n., s. d.).
- FUÃO, Fernando Freitas. **O sentido do espaço: em que sentido, em que sentido?** 2. parte (1). 049.02 ed., jun. 2004. Disponível: <www.vitruvius.com.br>.
- GANDELSONAS, Mario. **From structure to subject: the formation of and architectural language**. New York: Published in P. Eisenman, 1982.
- GARMS, Armando. **O turismo no Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai**. (S. l.: s. n., s.d.).
- GIDDENS, E. S.; SANTOS, M. **Noção antiga de região**. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- GODOI FILHO, Luiz Gonzaga. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- GOMBRICH, Ernst. **Art and illusion**. London: Phaidon Press, 1959.

GRAY, Willian S.; LIGNORI, Salvatore S. **Hoteles y moteles: administracion y funcionamiento.** México D.F.: Editorial Trillas, 1995.

GUERRA, Abilio. **Lucio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: síntese entre arquitetura e natureza tropical.** Campinas: (s. n.), 2002. (Texto especial, 150). Disponível em: <www.vitruvius.com.br>.

GUTIERREZ, Ramon. **Arquitetura latino americana.** São Paulo, SP: Nobel, 1989.

HAROUEL, Jean Louis. 1945. **História do urbanismo.** Tradução de Ivone Salgado. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HAWKINS, Donald E.; LINDBERG, Kreg. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão.** 2. ed. São Paulo, SP: Editora Senac, 1999.

HERTZ, B. John. **Ecotécnicas em arquitetura.** São Paulo, SP: Editora Pioneira, 1998.

HITCHOCK, Henry-Russel et al. **Arquitetura y desarrollo urbano.** Buenos Aires, Argentina: Ediciones Marymar S.A., 1975.

HOGAN, Daniel Joseph; VIEIRA, Paulo Freire (Orgs.). **Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentáveis.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

IGNANA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** São Paulo, SP: Pioneira, 1999.

INTERPAN. Secretaria Estadual do Meio Ambiente. **Conservação do Pantanal.** Campo Grande, MS: Gráfica da EMPAER, 1989.

JANSON, H.W. **História da arte.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1986.

KOCK, Wilfried. **Estilos arquitetônicos.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing turístico e de hospitalidade: fonte de empregabilidade e desenvolvimento para o Brasil.** São Paulo, SP: Makron Books, 2000.

LATTIN, Gerald W. **Administracion moderna de hoteles y moteles.** México D.F.: Editorial Trillas, 1996.

LEÃO, Lopes Carneiro Silvia. **Hotel: origens e formas atuais: caso de Florianópolis, SC.** Florianópolis, SC: PROPAR-UFRGS, 1995.

_____. **O hotel na obra de Oscar Niemeyer.** (S. l.: s. n., s. d.).

LEFEBVRE, Henri. **The production of space.** Oxford and Cambridge: Blackwell, 1974.

LEMONS, Amália Inês G. de (Org.). **Turismo: impactos socioambientais.** São Paulo, SP: Hucitec, 1999.

_____. _____. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.

LEUPEN, Bernard et al. **Proyecto y analisis: evolucion de los principios en arquitectura.** Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gilli, 1999.

LIEBMANN, Hans. **Terra um planeta inabitável?** Rio de Janeiro, RJ: Editora Biblioteca do Exército, 1979.

LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão.** Tradução de Leila Cristina de M. Darin.. São Paulo, SP: Editora Senac, 1995.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** (S. l.: s. n., s. d.).

MAGALHÃES, W. Nícia. **Conheça o Pantanal.** São Paulo, SP: Unida Editora Ltda, 1992.

MAGALHÃES, Nícia W. **Pantanal.** São Paulo: Terragraph S/C, 1992b.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva.** Belo Horizonte: Ed. Imprensa Universitária/Universidade Federal de Viçosa, 1995.

MARTÍ ARÍS, Carlos. **Las variaciones de la identidad.** Barcelona: Ediciones del Serbal, 1993.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona. **Ensayo sobre el proyecto.** Argentina: Kliczkwski Publisher, 1998.

MASCARÓ, Lúcia. **Iluminação natural na arquitetura.** (S. l.: s. n., s. d.).

_____. **Luz, clima e arquitetura.** Porto Alegre, RS: GG Editora Técnicas, 1991.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Turismo. Fundação de Turismo. **Cartilha de procedimento para exploração de empreendimentos de turismo na zona rural.** Elaborada por Jaqueson Borges. Campo Grande, MS, 1992.

_____. Secretaria de Estado de Meio Ambiente. **Projeto Pantanal.** Campo Grande, MS: SEMA, 1999.

MESQUITA, Zila; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências.** (S. l.): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade de Santa Cruz do Sul, 1993.

MONTANER, Josep Maria. **La modernidad superada: arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX.** Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gilli, 1997.

MORAIS, João Souza. **Metodologia de projecto em arquitetura.** Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1995.

MORALES-SOLA, Ignasi. **Diferencias: topografía de la arquitectura contemporánea.** Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gilli, 1995.

NOGUEIRA, Albana Xavier. CEAU/UFMS.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Aproveitamento de recursos faunísticos do Pantanal.** Brasília: EMBRAPA/DDT, 1984a.

_____. **Pesquisas necessárias e desenvolvimento de sistemas de produção mais adequados à região do Pantanal.** Brasília, DF: EMBRAPA/DDT, 1984b.

- PAPANEK, Victor. **Ecologia humana y cambio social**. Rosario, Madri: H. Blume Ediciones, 1997.
- PEVSNER, Nikolaus. **Historia de las tipologias arquitectonicas**. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, 1979.
- _____. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982.
- PINTO, Maria Novaes (Org.). **Cerrado**. Brasília, Distrito Federal: Editora UnB/SEMATEC, 1982.
- PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**. Barueri, SP: Manole Ltda., 2001.
- PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo, SP: Editora Senac, 2002.
- PUPPO, Ernesto; PUPPO, Giorgio. **Acondicionamento Natural y Arquitectura: ecologia en arquitectura**. Espanha: Marcombo Boixareu Editores, 1972.
- QUINCY, Quatremère. **And the invention of a modern language of architecture**. (S. l.: s. n., s. d.).
- RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos da forma urbana**. (S. l.: s. n., s. d.).
- READ, Herbert. **A educação pela arte**. (S. l.: s. n., s. d.).
- REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Brasília, DF: Ministério da Cultura/IPHAN, n. 23, 1994.
- REVISTA PROSA CULTURA E ARTE. v. 2, n. 1, Campo Grande, MS: UNIDERP, 2002.
- RODRIGUES, Ayr Balastrieri (Org.). **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo, SP: Hucitec, 1997.
- _____. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo, SP: Hucitec, 1999.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1985.
- ROVO Mirian Keiko Ito; OLIVEIRA, Beatriz Santos. **Por um regionalismo eco-eficiente: a obra de Severiano Mario Porto no Amazonas**. 2004. (Arquitextos Especiais, 226). Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>.
- RUSCHAMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- _____. **Turismo no Brasil: análise e tendências**. Barueri, SP: Manole Ltda., 2002.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo, SP: Hucitec, 1986.
- SEGRE, Roberto. **Fim de milênio raízes e perspectiva de sua arquitetura**. (S. l.: s. n., s. d.).

SERRANO, Célia M. Toledo; BRUHNS, Heloisa T. **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente.** São Paulo, SP: Papyrus, 1997.

SILVEIRA, Geraldo Tadeu Rezende. **Turismo ecológico.** São Paulo: Escola Superior de Turismo/Editora USP, 1999.

STEINER, Rudolf. Título. (S. l.: s. .n., s. .d)

STROETER, João Rodolfo. **Arquitetura & teorias.** São Paulo, SP: Nobel, 1986.

SULLIVAN, Nome. Título. Local: Editora, 1924

SUMMERSON, John. **A linguagem clássica da arquitetura.** Tradução de Sylvia Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

SUNKEL, O.; GLIGLO, N. **Estilos e desarrollo y medio ambiente en la America Latina.** México: Fundo de Cultura Econômica, 1997.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico.** 2. ed. São Paulo, SP: Editora Senac, 1998.

_____. _____. São Paulo, SP: Editora Senac, 1995.

_____. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas.** Campinas, SP: Papyrus, 1993.

URRY, John. **O olhar do turista.** (S. l.: s. .n., s. .d).

VENTURI, Título. (S. l.: s.n.), 1972.

VTRUVIUS. Disponível em: < www.vitruvius.com.br>. Acesso em:

WRIGHT, Frank Lloyd. **In the cause of architecture: essays by F.Ll.W. for architectural record, 1908-1952.** New York: Mc Graw-Hill, 1975.

YEANG, Ken. **Proyectar con la naturaleza.** Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gilli, 1995.

_____. **Proyectar con la naturaleza: bases ecológicas para el proyecto arquitectnico.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1999.

YURGEL, Marlene. **Urbanismo e lazer.** São Paulo, SP: Nobel, 1983.

ZEVI, Bruno. **Architettura in Nuce: uma definição de arquitetura.** Tradução de Rafael Moneo. Madrid, Espanha: Editora Aguilar, 1969.

ANEXOS

ANEXO A - Organismos e fontes de informações na questão do turismo⁶⁴

Instituições políticas ou não que servem de apoio ou fonte de informação para parâmetros de análise, consulta e apoio para o segmento do turismo e seu desenvolvimento.

BANCO CENTRAL DO BRASIL

Compete ao Banco Central, depositário das reservas oficiais de ouro, moeda estrangeira e DES, o controle de capitais estrangeiros e regulação do mercado cambial.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO - EMBRATUR

O governo federal reconheceu a importância das atividades turísticas para o país e por meio do Decreto nº 55 foi criada a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), passando à condição de Autarquia a partir de 1991. Tem por objetivos formular, coordenar e fazer executar a política Nacional de Turismo, cooperando como instrumento de desenvolvimento regional sustentável, e, mais, ultimamente, criar e melhorar a imagem do país a fim de possibilitar o aumento das atividades turísticas brasileiras conforme suas potencialidades naturais.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES)

Instituição bancária governamental que tem por objetivo atender a demanda de financiamentos a empresas privadas e do setor público.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (WTO)

Organização intergovernamental que serve como fórum global para as políticas do setor turístico. É constituída de 133 países e territórios, com afiliados originados da iniciativa privada e pública. Tem por missão promover e desenvolver o turismo como meio significativo de transformação social e econômica.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)

Criada em 1945 com o objetivo de manter a paz e a segurança nacional, além de promover a cooperação socioeconômica em nível internacional. Edita estudos estatísticos sobre comércio e indústria internacional.

⁶⁴KUAZAQUI, Edmir. **Marketing turístico e de hospitalidade**: fonte de empregabilidade e desenvolvimento para o Brasil. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2000.

WWF

Organização não-governamental que integra uma das maiores redes de conservação da natureza do mundo. Atua em projetos que procuram harmonizar a atividade humana com a preservação da biodiversidade e utilização racional de recursos naturais. Por meio de apoio a pesquisas científicas, projetos de campo, comunicação e educação ambiental, por exemplo, desenvolve modelos alternativos e soluções que tornem realidade a preservação e conservação do meio ambiente.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HOTÉIS

Órgão técnico e consultivo no estudo e solução dos problemas do setor hoteleiro, fomentando o desenvolvimento das indústrias turísticas e hoteleira nacional.

THE INTERNATIONAL AIR TRANSPORT ASSOCIATION (IATA)

Fundada em Havana em 1945 como importante veículo de cooperação e promoção de segurança e econômica, com claros benefícios para companhias aéreas e consumidores de todo mundo.

GREEPEACE

Importante e famosa organização não-governamental internacional, independente e não política, dedicada à proteção do meio ambiente, que visa ao equilíbrio da natureza com significado pacifistas.

ANEXO B – Estrada-Parque.



ANEXO C - Meio físico – Pantanal.

CLIMA

O tipo de tempo na época da chuva é influenciado pela massa de ar Equatorial que, originária da Amazônia, invade o Pantanal. Durante essa época ocorrem chuvas frequentes, devido ao forte calor diurno, que provoca a evaporação e a formação de nuvens.

Localizada na porção centro-sul do Continente sul-americano, a região não sofre influências oceânicas, mas está exposta às massas frias, com penetração pelas planícies dos pampas e do Chaco.

Durante os meses de agosto e setembro ocorre maior aquecimento do solo, causando a subida do ar quente que carrega partículas sólidas e fumaça das queimadas até altitudes de 4 mil metros. Mais ou menos nesta época a Equatorial avança sobre o Pantanal e empurra o tipo Tropical para o sul e para o leste, ocorrendo a formação da "Névoa Seca" sobre a região. Este período provoca dificuldades de visibilidade para a aviação, dias abafados e nevoentos.

No inverno predominam as massas de ar vindas do Sul com grandes quedas de temperatura. São ondas passageiras com duração de mais ou menos uma semana.

As temperaturas médias anuais estão entre 23°C e 25°C; as máximas ultrapassam os 45°C e as mínimas chegam a 0°C.

SOLO

A parte norte do Pantanal é formada predominantemente por solos que possuem o horizonte subsuperficial de textura mas argilosa.

A parte central é formada por sedimentos de natureza arenosa, transportados pelo rio Taquari, resultando no chamado leque do taquari (Cunha 1981), cujo solo de maior ocorrência é o Podzol Hidromórfico seguido de Areias Quartzosas e outros.

A parte sul do Pantanal é formada por sedimentos de natureza argilosa, depositados principalmente pelos rios Miranda, Negro e Paraguai, dando origem a Planossolo, Vertissolo, Solodizado e outros.

Vários solos do Pantanal são formados com sedimentos carregados pelos rios das terras altas e, as variações no tipo de solo dessas terras baixas, relacionam-se aos tipos de rocha e de solos das terras altas. O grau de suscetibilidade à erosão e à capacidade de infiltração dos solos das terras altas influenciam a quantidade de sedimento depositado no

Pantanal, onde o estágio de desenvolvimento do solo relaciona-se com a extensão e frequência das inundações.

Em resumo o solo do Pantanal são de dois tipos generalizados: arenosos e argilosos. Os arenosos dominam o grande leque aluvial do rio Taquari, formando as sub-regiões Nhecolândia e Paiáguas. Os argilosos predominam nas sub-regiões de Poconé, Miranda e Nabileque. As sub-regiões de Cáceres, Barão de Melgaço, Aquidauana e Abobral tem de ambas as texturas, mais argilosos próximo aos rios e mais arenosa longe dos cursos fluviais. Evidentemente, há a textura média, dos solos siltosos, freqüentes nas últimas sub-regiões e nas transições areia-argila. Há lugares, como no centro de Nhecolândia, em que a camada de areia atinge mais de 400m.

VEGETAÇÃO

A vegetação da bacia do Alto Paraguai pode ser dividida em 3 sub-regiões principais : "Chaco" e "Cerrado" nas planícies inundáveis e "Florestas de Transição ou Amazônica" ao norte. A vegetação do Chaco cresce numa argila pesada e impermeável; a vegetação do cerrado cresce em solos arenosos profundos, permeáveis e leves que ocorre nos afloramentos. Dentro dessas faixas maiores de vegetação, ocorrem comunidades, associações e misturas de cerrado e Chaco que coexistem de acordo com as condições do solo local e da água subterrânea.

Os ecossistemas podem ser reconhecidos pelas suas características morfológicas, sem identificação das espécies individuais. Esses tipos morfológicos supõem-se ser o reflexo dos fatores de controle ambiental, embora o estudo da vegetação reconhecida deste modo não seja suficiente para permitir interpretações definitivas das inter-relações entre vegetação e os fatores ambientais.

As três comunidades vegetais são divididas da seguinte maneira: **70%** - Província do Cerrado - representada pelos tipos estruturais constituídos pelos campos limpos e sujos, campo cerrado e cerradão, cobrindo 97.388 km quadrados da área pantaneira; **21%** - Florestas de Transição ou Amazônica - corresponde às várzeas e bosques em galeria do rio Paraguai, e cursos inferiores dos seus afluentes com uma área de 29.213 km quadrados na grande baixada de inundação; **9%** - Província Chaquenha - com bosques densos de quebracha e urundaí (em zonas relativamente bem drenadas) e savanas de carandaí, com uma área de 12.520 km quadrados.

Nos rios, lagoas e corixos estão presentes as plantas aquáticas como o aguapé, uma planta flutuante, que segue o curso dos rios e se ajunta em aglomerados chamado camalotes,

que ficam parados nas baías, lagoas e cursos d'água. Os aguapés, além de servirem de alimento para algumas espécies, funcionam como "filtros" de água e do meio ambiente em que vivem de um modo geral.

A vegetação e a flora pantaneira tem um alto potencial econômico para a região - como as pastagens nativas, plantas apícolas, comestíveis e medicinais, além de tudo ser extremamente diversificada e adaptada as condições da região, onde se alternam alta umidade e seca acentuada, conforme a época do ano e o tipo de solo considerado. Em espaços pequenos, podem ser identificadas muitas formações vegetais diferentes, constituindo verdadeiros mosaicos de espécies, com trechos de florestas, cerrados, campinas, caatinga, chacos. Estes elementos permeiam-se pela planície afora ora alagada ora seca, desenvolvendo uma flora exótica e uma vegetação típica.

FAUNA

Devido a sua facilidade de deslocamento, aproveita ao máximo os ciclos de enchentes e vazantes e com isso determinam o comportamento alimentar e reprodutivo não apenas das aves como de toda a fauna.

As inundações periódicas e o clima, aliados a outros fatores, criaram um ambiente diverso de rara beleza, além de condições para o desenvolvimento de variadas formas de vida. É a região com maior densidade faunística das Américas, representada por 650 espécies de aves, 405 de peixes (destacando-se a piranha, o pintado, o pacu, o curimatá e o dourado), 80 de mamíferos, 50 répteis (dos quais os mais famosos são as cobras sucuri, jararaca, boca-de-sapo, etc.), além dos jacarés que vivem ao redor das lagoas e baías e dentre os insetos são mais de mil espécies de borboletas. Essa quantificação é uma análise prematura, pois considerando que a região esta em constante evolução e não há um conhecimento de todas as espécies catalogadas em estudos e pesquisas científicas, não pode ser afirmado com certeza.

Segundo o Biólogo Eliezer José Marques, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, observa que: as regiões limítrofes exercem grande influência na formação da fauna e da flora pantaneira, mas acha difícil precisar a dimensão exata em que essa influência ocorre.

Muitas espécies ameaçadas de extinção em outras regiões do País ainda apresentam populações vigorosas como é o caso da capivara, tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim, lobinho, veado-mateiro, entre outros.

Dentre a riqueza animal, destacam-se os enormes rebanhos de bovinos e eqüinos.

De acordo com as condições do meio geográfico e em consequência de migrações, se agrupam determinadas espécies de fauna. Praticamente todos os animais da região de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso estão aí representado.

Apesar da caça indiscriminada, da devastação e das queimadas das matas, vamos encontrar uma considerável riqueza animal. Esse número vai se tornando menor, em consequência do desequilíbrio ecológico, originado pela devastação que altera deste modo o habitat animal. Para isso contribuiu o aumento da população rural, o grande número de fazendas, implantação de lavouras, turismo sem orientação, as queimadas, as caçadas, etc. Mesmo assim ainda é a região mais rica em fauna.

A região, que experimenta basicamente duas estações anuais - a chuvosa e a seca, além da variedade da vegetação, topografia e a imensa quantidade de água, cria condições propícias para uma infinidade de nichos ecológicos, que permitem a cada espécie local multiplicar-se naturalmente.

Uma parte dessa fauna vive, praticamente, nos mesmos locais durante todo o ano, deslocando-se para capões, em áreas mais elevadas, somente durante as cheias. Nesses espaços restritos ou refúgios naturais, animais de espécies diferentes que, normalmente não ocupariam as mesmas áreas, são capazes de conviver no ambiente comum, que lhes oferece abrigo contra a subida das águas.

O porte e a variedade da vegetação, a topografia e a imensa quantidade de água encontrados no Pantanal criaram condições para o aparecimento de uma fauna diversificada e abundante em toda a planície e arredores.

ELEMENTOS DA PAISAGEM (campos, matas, serras, morros e outros)

O Pantanal é uma planície sedimentar, periodicamente alagavel em função da sua baixíssima declividade, em partes chegando a ser de apenas 10cm por quilômetro.

No Pantanal há pequenos desníveis (as vezes sutis, de menos de 1m a 4m) que em interação com a distribuição da vegetação, resultam em três unidades geomorfológicas principais : a "cordilheira" (livres de inundação). interação com a distribuição da vegetação, resultam em três unidades geomorfológicas principais : a "cordilheira" (livres de inundação).

Nos trechos, onde acompanham o rio, possuem mata ciliar, mas também ocorrem esparramadas, por todo o Pantanal, sempre cobertas de vegetação arbórea e arbustiva. Muitas vezes são tão indefinidas que acabam apenas insinuando a antiga presença de um rio pelo alinhamento das moitas e mata. É onde os animais procuram asilo durante as grandes cheias;

o "campo ou largo" (sempre sujeita a inundação periódica) largo   campo amplo, que tem extensão de lado a lado, área revestida por capim e gramíneas.

Os campos são as formações mais freqüentes no Pantanal, podendo se apresentar sob dois aspectos diferentes: em regiões não inundáveis, e os campos cerrados, onde a vegeta o pouco densa   representada por espécies permanentes e ef meras. Em regiões mais baixas, sujeitas a inundações, os campos cerrados são substituídos por campos limpos ou campinas, normalmente sem  rvores.

Os cap es são pequenos bosques - ilha de mata semidecídua. Um capão t pico, encontrado em quase todo Pantanal,   formado por três estratos de vegeta o. Todos os cap es espalhados pela planície ficam um pouco acima da cota zero da  gua. Na época da cheia, encontra-se nos cap es a fauna e o gado. Em alguns grande concentra o de animais silvestres.

Há ainda as matas, serras e morros isolados. As matas do tipo ciliar ou galeria   a mais comum, margeando os rios, as baías e lagoas. Sobressaindo por entre a vegeta o dos campos, são conjuntos diversificados de vegeta o, formados por árvores de grande porte, arbustos, vegeta o rasteira e trepadeiras.

E a forma deprimida do terreno, são as chamadas lagoa ou ba a, corixos que podem ser permanente ou temporária, as vazantes .Há ainda as salinas, que são de água salobra, circundada de cordilheiras (com mata), sem liga o com outras  guas.

No Pantanal há lagoas de dimensões enormes como as lagoas Vermelha, Mandior , Ga ba e Uberaba, alcançando cerca de 30 Km de largura.

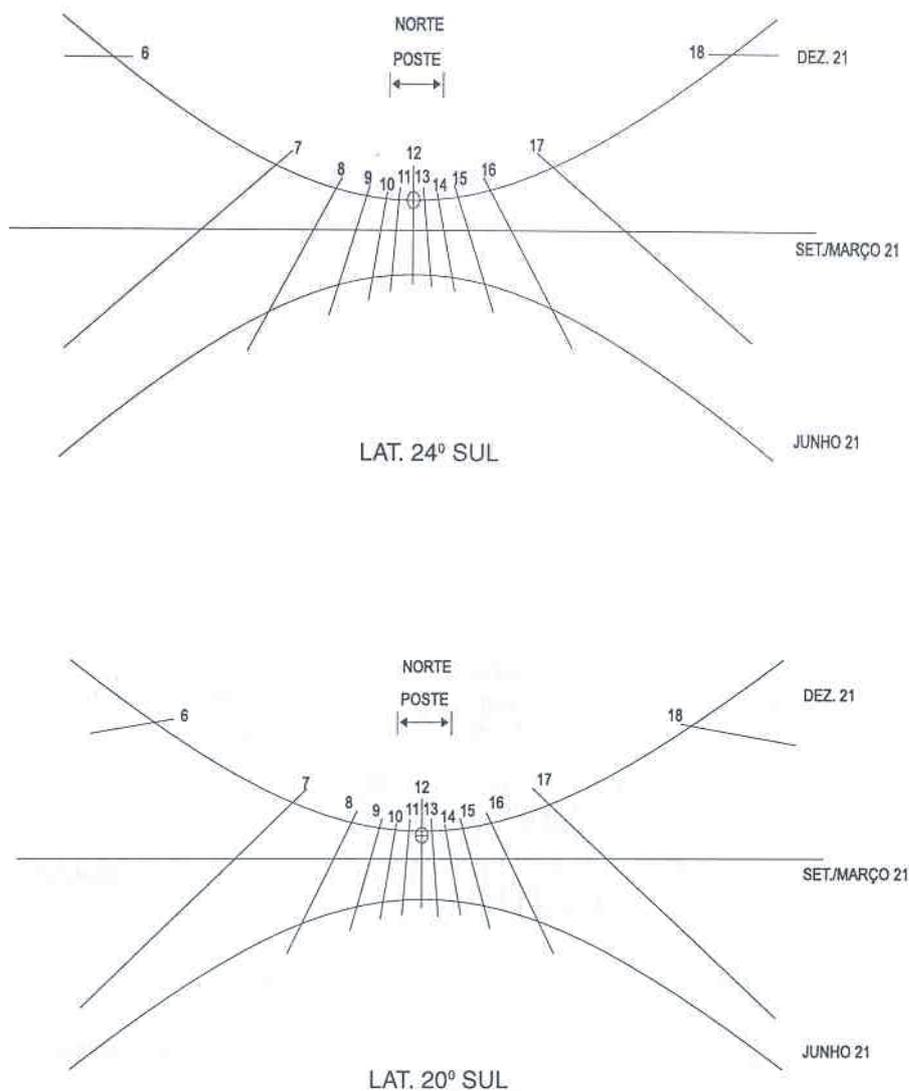
O rio Paraguai figura como o principal responsável pelo fenômeno cíclico das cheias, desempenhando, no dizer de L cio Gomes de Souza, "o papel de calha coletora do sistema potamogr fico regional".

O rio Paraguai, como os demais da planície, nasce fora da região, na qual curiosamente, jamais foi encontrada uma nascente sequer.

O rio Paraguai   um t pico rio de planície, dispondo de importantes reservas d'água na planície aluvial, para alimenta o no período da vazante. Além disto, os pequenos desníveis e a regularidade da pluviosidade permitem caracterizar o seu regime, em território brasileiro. No Paraguai Superior e seus afluentes ocorre o regime tropical austral, com cheias em dezembro/janeiro a março; no Médio Paraguai as cheias são outonais (nos meses de maio e junho), com retardamento decorrente da reten o d'água, no Pantanal de Mato Grosso e do fraco declive.

ANEXO D – Gráfico solar.

Seguindo a Latitude do Pantanal, entre os meridianos 20 e 24 Sul, este é o gráfico solar para analisar projeção e controle de luz, para um projeto de conforto ambiental adequado.



Fonte: Ecotécnicas em Arquitetura, John B. Hertz

ANEXO E - Tipos e categorias de meios de hospedagem.

A classificação hoteleira proposta pela empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), sistematiza os meios de hospedagens em quatro categorias.⁶⁵

HOTEL (H) - Meio de hospedagem do tipo convencional e mais comum, normalmente localizado em perímetro urbano e destinado a atender turistas tanto em viagens de lazer quanto em viagens de negócios.

HOTEL HISTÓRICO (HH) - Meio de hospedagem instalado, total ou parcialmente, em edificação de valor histórico ou de significado regional ou local reconhecido pelo poder público e que, em razão disto, está normalmente sujeito a restrições de natureza arquitetônica e construtiva.

HOTEL DE LAZER (HL) - Meio de hospedagem normalmente localizado fora dos centros urbanos, com áreas não edificadas amplas e aspectos arquitetônicos e construtivos, instalações, equipamentos e serviços visando especificamente 'a recreação e ao entretenimento, o que o torna prioritariamente destinado ao turista em viagem de lazer. Inclui-se no tipo de hotel de lazer o empreendimento denominado Resort, como tal entendido o que: (a) esteja localizado em área de conservação ou equilíbrio ambiental; (b) tenha tido sua construção precedida por estudos de impacto ambiental e pelo planejamento da ocupação do uso do solo, visando 'a conservação ambiental; (c) tenha áreas total e não edificadas, bem como infra-estrutura de entretenimento e lazer, significativamente superiores às do empreendimentos similares; (d) tenha condição de se classificar nas categorias luxo e luxo superior (4 ou 5 estrelas.

POUSADA (P) - Meio de hospedagem com arquitetura, instalações, equipamentos e serviços mais simples, geralmente limitados a garantir o mínimo necessário à hospedagem do turista. Na maioria das vezes, as Pousadas situam-se junto a um atrativo turístico.

TIPOS DE UNIDADES

HABITACIONAIS (UH) - Quartos, apartamentos, suítes e quartos ou apartamentos conjugados.

TIPOS DE ACOMODAÇÕES - Unidades habitacionais para solteiro, duplo, triplo e quádruplo.

TIPOS DE DIÁRIAS - Simples, com café da manhã, meia pensão e pensão completa.

⁶⁵ BRASIL. Resolução Normativa CNTur nº 09. **Diário Oficial da União**. Brasília, 13 de fevereiro de 1984. Seção I, p. 2.171-2.1717.

ANEXO F - Documentos necessários para legalização de instalação de um hotel ou pousada na região do Pantanal.

6.0 DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA LICENCIAMENTO AMBIENTAL DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

6.1. Licença Prévia (LP)

- Requerimento Padrão (Formulário FEMAP);
- Cadastro de atividade Turística (Formulário FEMAP);
- Documento da Prefeitura Municipal, atestando que o local e o tipo de atividade estão de acordo com as normas municipais de uso do solo;
- Ata de eleição da atual diretoria, quando se trata de Sociedade Anônima ou contrato Social registrado, quando se trata da sociedade por quotas de responsabilidade limitada, se houver firma constituída, e quando pessoa física, CIC/MF e registro de identidade-RG;
- Compromisso do empreendedor de constituir pessoa jurídica quando da habilitação para Licença subsequente, quando o pedido de LP for formulado por pessoa física e o empreendimento tiver fins comerciais;
- Publicação da súmula do pedido da licença no Diário Oficial do Estado e em periódico de circulação local/regional conforme modelo fornecido pela FEMAP;
- Comprovante da taxa de recolhimento no valor da respectiva licença, conforme guia preenchida pela FEMAP;

Obs - o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e respectivo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) quando exigência legal assim impuser ou a critério da FEMAP, bem como Estudo Ambiental Preliminar –EAP, ou ainda outros estudos ambientais, deverão ser apresentados como pré-requisito nesta fase da Licença.

EDITAL

....., torna público que requereu à
 Fundação Estadual de Meio Ambiente – Pantanal/SEMA-MS, a Licença
para atividade de
 localizadano município de.....
 Não foi determinado Estudo de Impacto Ambiental.

EDITAL

....., torna público que requereu à
 Fundação Estadual de Meio Ambiente – Pantanal/SEMA-MS, a Licença
para atividade de
 localizadano município de.....
 Foi determinado Estudo de Impacto Ambiental.

6.2. Licença de Instalação (LI)

- Requerimento padrão (Formulário FEMAP);
- Projeto Executivo do empreendimento, incluindo o Sistema de Controle Ambiental – SCA, assinado e rubrica pelo(s) técnico(s) responsável(is);
- Documento de responsabilidade técnica – ART do (s) responsável (is) pela elaboração do projeto;
- Publicação da súmula do pedido da Licença do Diário Oficial do Estado e periódico de circulação local/regional conforme modelo fornecido pela FEMAP;
- Comprovante da taxa de recolhimento no valor da respectiva licença, conforme guia preenchida pela FEMAP;
- Cópia da Licença anterior;
- Compromisso de cumprimento e execução das obras, incluindo o SCA, firmado pelo empreendedor ou representante legal constituído;
- Documento cartorário de propriedade ou posse da área.

Obs: Para entrega da LI ao empreendedor será necessário a apresentação do documento de responsabilidade técnica do(s) profissional(is) responsável(is) pela execução do projeto aprovado.

EDITAL

....., toma público que requereu à
Fundação Estadual de Meio Ambiente – Pantanal/SEMA-MS, a Licença
.....para atividade de
localizadano município de.....

6.3. Licença de Operação (LO)

- Requerimento padrão (Formulário FEMAP);
- Cópia da licença anterior;
- Publicação da Súmula do pedido da Licença de Operação no Diário Oficial do Estado e pedido de circulação local/regional, conforme modelo fornecido pela FEMAP;
- Declaração do(s) técnico(s) responsável(is) pela execução atestando que as obras foram realizadas em conformidade com o projeto aprovado pela FEMAP;
- Comprovante da taxa de recolhimento no valor da respectiva licença, conforme guia preenchida pela FEMAP.

EDITAL

..... toma público que requereu à
Fundação Estadual de Meio Ambiente – Pantanal/SEMA-MS, a Licença
.....para atividade de
localizadano município de.....

6.4. Renovação de Licença (RL)

- Requerimento padrão (formulário FEMAP);
- Cópia da Licença a ser renovada;
- Publicação da súmula do pedido da Licença a ser renovada no Diário Oficial do Estado e periódico de circulação local/regional, conforme modelo fornecido pela FEMAP;
- Comprovantê da taxa de recolhimento do valor da respectiva Licença, conforme guia preenchida pela FEMAP.

EDITAL

....., torna público que requereu à
Fundação Estadual de Meio Ambiente – Pantanal/SEMA-MS, a Renovação de
Licença.....para atividade de
localizadano município de.....

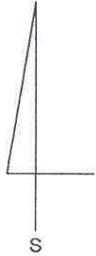


GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE – SEMA/MS
FUNDAÇÃO ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE
PANTANAL/FEMAP

SISTEMA ESTADUAL DE LICENCIAMENTO DE ATIVIDADES POLUIDORAS

✳ CADASTRO DE ATIVIDADES TURÍSTICAS

1. RAZÃO SOCIAL				
2. NOME PARA CONTATO	3. CARGO	4. DDD	5. FAX	6. TELEFONE
7. ENDEREÇO	8. BAIRRO	9. MUNICÍPIO	10. CEP	
10. NOME DO EMPREENDIMENTO				
12. TIPO DO EMPREENDIMENTO <input type="checkbox"/> Hotel <input type="checkbox"/> Rancho pesqueiro <input type="checkbox"/> Balneário <input type="checkbox"/> Camping <input type="checkbox"/> Embarcação de turismo pesqueiro <input type="checkbox"/> Passeio ecológicos <input type="checkbox"/> Pousada <input type="checkbox"/> Clube <input type="checkbox"/> Parque temático <input type="checkbox"/> Autódromo <input type="checkbox"/> Kartódromo <input type="checkbox"/> Pista de motocros <input type="checkbox"/> _____		13. FINALIDADE		
		14. COORDENADAS GEOGRÁFICAS (Em graus, minutos, segundos) LATITUDE: LONGITUDE:		
		15. ÁREA TOTAL (Há)	16. ÁREA OCUPADA (m ²)	
		17. N° DE LEITOS	18. N° MÁX. PESSOAS POR GRUPO:	
		19. VEGETAÇÃO	20. TIPO DE SOLO	
21. ENDEREÇO	22. BAIRRO	23. MUNICÍPIO	24. CEP	
25. DESTINO FINAL DO ESGOTO	26. BACIA HIDROGRÁFICA <input type="checkbox"/> Paraná <input type="checkbox"/> Paraguai	28. REDE DE ABASTECIMENTO: <input type="checkbox"/> Sanesul <input type="checkbox"/> Captação superficial <input type="checkbox"/> Poço artesiano		
	27. SUB-BACIA HIDROGRÁFICA			
29. CAPACIDADE DE ABSORÇÃO DO SOLO (l/m ² /dia)	30. PROFUNDIDADE DO LENÇOL FREÁTICO (m ²)	31. DESTINO FINAL DO LIXO <input type="checkbox"/> Coleta municipal <input type="checkbox"/> Queima <input type="checkbox"/> _____		

32. CROQUI DE SITUAÇÃO		Obs. Respeitar esta posição para o Norte Verdadeiro N.V.
		
<p>Informar corretamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Curso d'água mais próximo do empreendimento com indicação do sentido do fluxo - Citar e localizar as vias de acesso - Mencionar a ocupação das áreas circunvizinhas 		
33. SOLICITO A EMISSÃO DE LICENÇA PRÉVIA (), REGULARIZAÇÃO () DESTA ORGANIZAÇÃO, BASEADO NOS DADOS APONTADOS, AOS QUAIS ATESTO E DOU FÉ.		
34. APONTAR A FORMA DE ENTREGA DO DOCUMENTO SOLICITADO () VIA CORREIOS () A RETIRAR NA SEMA/MS () ENCAMINHAMENTO PELA SEMA/MS		
35. LOCAL E DATA		
36. NOME POR EXTENSO		
37. CPF	38. ASSINATURA	

DIÁRIO OFICIAL

DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

ANO XX Nº 4749

CAMPUS GRANDE, QUINTA-FEIRA, 08 DE ABRIL DE 1998

R\$ 1,00 44 PÁGINAS

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

RESOLUÇÃO SEMADES/Nº 331 DE 01 DE ABRIL DE 1998.

Dispõe sobre o licenciamento ambiental dos empreendimentos turísticos e, dá outras providências.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 93, parágrafo único, inciso II da Constituição Estadual e, considerando o que estabelece o artigo 10 da Lei nº 90, de 02 de junho de 1980, bem como as prerrogativas constantes do artigo 1º, parágrafo único do Decreto nº 4.625, de 07 de junho de 1988.

RESOLVE:

Art. 1º Ficam sujeitos ao licenciamento ambiental a ser fornecido pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - SEMADES, os empreendimentos turísticos e/ou recreativos a seguir especificados:

I - aqueles situados e/ou praticados na zona rural, nas áreas de proteção de mananciais, nas unidades de conservação e no entorno destas inclusive, tais como:

- a) hotéis;
- b) ranchos pesqueiros;
- c) balneários;
- d) campings;
- e) embarcações de turismo pesqueiro;
- d) passeios ecológicos em áreas de fragilidade ambiental;
- e) pousadas;
- f) clubes; e
- g) similares, assim considerados pela SEMADES;

II - parques temáticos;

III - autódromo;

IV - kartódromo;

V - pista de motocross;

Art. 2º O licenciamento ambiental do empreendimento turístico observará as etapas de Licença Prévia - LP, Licença de Instalação - LI e Licença de Operação - LO na forma em que define o Art. 6º do Decreto nº 4.625, de 07 de junho de 1988.

§ 1º - Quando da análise da Licença Prévia, observado os requisitos de natureza, porte e localização do empreendimento, considerando as características ambientais da área, a SEMADES poderá dispensar o empreendimento da etapa de LI.

§ 2º - Na hipótese do parágrafo anterior, o empreendimento deverá satisfazer nos procedimentos de análise da LP, as instruções documentais solicitadas pela SEMADES.

Art. 3º No licenciamento ambiental, serão observados os seguintes critérios:

- I - os elementos e processos capazes de provocar impacto ambiental;
- II - o risco de possibilidades de acidentes, determinando as restrições e condições para a implantação da atividade;
- III - as informações e documentos técnicos apresentados pelo empreendedor e responsável técnico pela atividade.

Art. 4º A SEMADES fornecerá as orientações necessárias para os procedimentos do licenciamento ambiental do empreendimento turístico, bem como tornará pública a concessão das licenças solicitadas.

Art. 5º A LP tem por objetivo:

- I - avaliar a conveniência sócio-econômica ambiental de implantação da

III - Certidão da Prefeitura Municipal, atestando que o local e o tipo da atividade estão de acordo com as normas municipais de uso do solo;

IV - Contrato Social registrado, ata de eleição da atual diretoria, CGC/MF e Inscrição Estadual, se pessoa jurídica, e quando pessoa física, CIC/MF e Registro de Identidade - RG;

V - compromisso do empreendedor de constituir pessoa jurídica quando da habilitação para a Licença subsequente, quando o pedido de LP for formulado por pessoa física e o empreendimento tiver fins comerciais;

VI - simula do pedido publicado no Diário Oficial do Estado e em periódico local, conforme modelo fornecido pela SEMADES;

VII - comprovante de pagamento da licença.

§ 1º Os documentos deverão ser apresentados em original ou reprodução com autenticação cartorária de no mínimo 3(três) meses de carência.

§ 2º A ausência de quaisquer dos documentos descritos ou o não atendimento da condição estabelecida no parágrafo anterior resultará em indeferimento do processo.

Art. 7º Tendo por base o porte e/ou se peculiaridades do ambiente assim o exigirem ou ainda, em decorrência de imposição legal, será determinado como pré-requisito para a análise do pedido de LP o Estudo de Impacto Ambiental e respectivo Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA.

Art. 8º Para a concessão da LP serão observadas as seguintes condições:

I - o atendimento ao zoneamento de atividades econômicas fixado para o Estado de Mato Grosso do Sul;

II - a disponibilidade de área de terreno suficiente para abrigar as instalações do empreendimento, de maneira a guardar os limites das áreas de preservação permanente estabelecidas no artigo 2º da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965 e em todas que assim forem consideradas por normas federais, estaduais e municipais;

III - compatibilidade da atividade com outros usos e ocupações em seu entorno;

IV - instalação do Sistema de Controle Ambiente - SCA de maneira a não comprometer a qualidade dos recursos hídricos, tendo-se por base, no casos dos superficiais, os respectivos enquadramentos por classe;

V - não comprometimento de áreas reconhecidas como de relevância ambiental;

Parágrafo Único - Constitui o Sistema de Controle Ambiental - SCA, no conjunto de operações e/ou dispositivos destinados ao controle dos impactos negativos das intervenções físicas, efluentes líquidos, emissões atmosféricas e resíduos sólidos gerados pela atividade, de modo a corrigir ou reduzir os impactos de sua atuação sobre a qualidade ambiental.

Art. 9º Poderão ser determinadas condições mais restritivas para a implantação da atividade em regiões de fragilidade ecológica, tais como:

I - áreas especialmente protegidas, as unidades de conservação, e as marginais destas.

II - planície pantaneira;

III - locais em bacias de preservação para captação de água para fins de abastecimento público.

§ 1º - Consideram-se áreas especialmente protegidas os locais sob regime de controle de uso e exploração definidas em regulamento.

§ 2º - As áreas marginais às Unidades de Conservação são as faixas de terreno num raio de dez quilômetros ao seu entorno.

Art. 10 A concessão de LP com exigência de EIA/RIMA será efetuada pelo Conselho Estadual de Controle Ambiental - CECA, conforme dispõe o Art. 2º do Decreto nº 4.625, de 07 de junho de 1988.

Parágrafo Único - Os processos serão encaminhados à apreciação do CECA após correta instrução, análise e emissão dos pareceres técnicos da SEMADES.

Art. 11 A SEMADES determinará os pontos prioritários a serem abordados no EIA e no RIMA, os quais embasarão o Termo de Referência a ser elaborado sob a responsabilidade do empreendedor.

§ 1º - A Audiência Pública poderá ser solicitada pela SEMADES, por entidade civil, pelo Ministério Público, por 50 (cinquenta) ou mais cidadãos ou ainda, pelo próprio empreendedor.

§ 2º - Correrão a conta do empreendedor todas as despesas e custos referentes a realização da Audiência Pública.

Art. 13 A LI, que antecede a implantação, alteração ou ampliação do empreendimento turístico detentor de LP, tem por objetivo:

I - avaliar o projeto relativo ao empreendimento, incluindo o SCA, proposto pelo requerente;

II - autorizar o início das obras de instalação, alteração ou ampliação, bem como estabelecer as etapas sujeitas à inspeção pela SEMADES.

Art. 14 Os pedidos de LI deverão estar instruídos com os seguintes documentos:

I - requerimento do interessado ou representante legal constituído, conforme formulário/modelo fornecido pela SEMADES;

II - Projeto Executivo do empreendimento, incluindo o Sistema de Controle Ambiental - SCA, assinado e rubricado pelo pelo(s) técnico(s) responsável(eis);

III - documento de responsabilidade técnica do(s) responsável(eis) pela elaboração do Projeto;

IV - compromisso de cumprimento e execução das obras, incluindo o SCA, firmado pelo empreendedor ou representante legal constituído;

V - documento cartorário de propriedade ou posse da área, exceto quando envolver atividades constante das alíneas "d" e "e", inciso I do Art. 1º;

VI - súmula do pedido publicado no Diário Oficial do Estado e em periódico local conforme modelo fornecido pela SEMADES;

VII - comprovante de pagamento da licença.

§ 1º Para entrega da LI ao empreendedor será necessária a apresentação do documento de responsabilidade técnica do(s) profissional(is) responsável(eis) pela execução do projeto aprovado.

§ 2º Aplicam-se a este artigo as disposições constantes dos §§ 1º e 2º do Art. 6º.

Art. 15 Durante o processo de análise, a SEMADES poderá solicitar alterações no(s) projeto(s) apresentado(s), mas sempre sob a responsabilidade do técnico ou empresa projetista.

Parágrafo Único - Somente poderão ser introduzidas modificações no(s) projeto(s) já analisado(s) e aprovado(s), se previamente autorizadas pela SEMADES.

Art. 16 A LO, que antecede o início do funcionamento da atividade, tem por objetivo constatar se as condições e restrições estabelecidas na LP e/ou LI foram integralmente satisfeitas.

Art. 17 Os pedidos de LO deverão estar instruídos com os seguintes documentos:

I - requerimento do empreendedor ou representante legal constituído, conforme formulário/modelo fornecido pela SEMADES;

II - declaração do(s) técnico(s) responsável(eis) pela execução do projeto atestando que as obras foram realizadas em conformidade com o projeto aprovado pela SEMADES;

III - súmula do pedido da licença publicada no Diário Oficial do Estado e em periódico local, conforme modelo fornecido pela SEMADES;

IV - comprovante de pagamento da licença.

Parágrafo Único - Aplicam-se a este artigo as disposições constantes dos §§ 1º e 2º do Art. 6º.

Art. 18 O empreendedor deverá providenciar a renovação da LP, LI ou LO, cujo prazo de validade apresente-se em decadência.

§ 1º - As solicitações de renovação da LP ou LI deverão ser providenciadas, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias em relação às respectivas datas de vencimento.

§ 2º - A renovação da LO deverá ser requerida com antecedência mínima de 120 (cento e vinte dias) dias de seu vencimento, ficando este prazo automaticamente prorrogado até a manifestação definitiva da SEMADES.

tenha sido protocolado, a atividade do empreendimento deverá ser suspensa, sem prejuízo da aplicação de multa.

Art. 19 Os documentos básicos para renovação de licenças são os seguintes:

I - requerimento do empreendedor ou representante legal constituído, conforme formulário/modelo fornecido pela SEMADES;

II - súmula do pedido da renovação publicada no Diário Oficial do Estado e em periódico local, conforme modelo fornecido pela SEMADES;

III - licença objeto da renovação;

IV - comprovante de pagamento da renovação;

V - quaisquer dos documentos exigidos quando da emissão da licença, cujos dados fornecidos tenham sofrido alteração(ões).

Parágrafo Único - Aplicam-se a este artigo as disposições constantes dos §§ 1º e 2º do Art. 6º.

Art. 20 As LP e LI, poderão ser renovadas por 2 (duas) vezes, desde que não ultrapassem os prazos máximos de 5 (cinco) e 6 (seis) anos, respectivamente.

Art. 21 Para qualquer alteração ou ampliação do empreendimento licenciado, deverá ser requerida a LP para a parte a ser alterada ou ampliada, sendo adotados os mesmos procedimentos e critérios do licenciamento estabelecidos nesta Resolução.

§ 1º - Para os efeitos deste artigo será(ão) concedida(s) nova(s) licença(s) ao empreendimento, incluindo a parte já licenciada e a(s) recém incorporada(s).

§ 2º - À(s) alteração(ões) e/ou ampliação(ões) realizada(s) sem o prévio licenciamento, a SEMADES promoverá a adoção das mesmas medidas de que trata o § 3º do Art. 18.

Art. 22 Na eminência de mudança de razão social do empreendimento licenciado e desde que não ocorra(m) alteração(ões) ou ampliação(ões) da(s) atividade(s), o empreendedor deverá solicitar substituição da última Licença que o empreendimento detiver.

§ 1º - A licença a ser concedida será do mesmo tipo e observará as condições e validade da Licença substituída.

§ 2º - A solicitação de substituição deverá ser encaminhada pelo empreendedor ou representante legal constituído, bem como vir acompanhado da nova denominação do empreendimento, juntamente como o comprovante oficial da mesma.

Art. 23 Durante os procedimentos de análise do pedido de licença os esclarecimentos e complementações solicitadas pela SEMADES para instrução processual deverão ser atendidas dentro do prazo máximo de 4 (quatro) meses, a contar do recebimento da respectiva notificação.

§ 1º - O prazo de que trata este artigo poderá ser prorrogado, desde que justificado pelo empreendedor e com a concordância da SEMADES.

§ 2º - O não cumprimento do prazo estipulado neste artigo acarretará em arquivamento do pedido de Licença.

§ 3º - O arquivamento do processo de licenciamento não impedirá a apresentação de nova solicitação de Licença, que deverá obedecer os procedimentos de instrução processual referente ao pedido arquivado, constantes dos Arts. 6º, 7º, 14, 17 e 19 desta Resolução.

Art. 24 Os prazos de validade das licenças são:

I - Licença Prévia - LP: até 2 (dois) anos;

II - Licença de Instalação - LI: até 3 (três) anos;

III - Licença de Operação - LO: mínimo 4 (quatro) anos e máximo 10 (dez) anos.

Art. 25 A SEMADES promoverá diretamente ou em convênio com órgãos e entidades afins, o levantamento dos empreendimentos turísticos em operação, notificando-os para que, no prazo de 1(um) ano a partir da publicação desta Resolução, procedam a regularização da atividade.

§ 1º - Os empreendimentos notificados, observado o prazo estipulado neste artigo, e que cumprirem com os procedimentos estabelecidos pela SEMADES, não sofrerão sanções.

§ 2º - Ficam isentos de sanções os empreendimentos que, independente de notificação e no prazo estabelecido neste artigo, procederem a regularização dos

empreendimentos em operação.

Art. 26 Poderão ser estabelecidos procedimentos simplificados de licenciamento para os empreendimentos, com pequeno potencial de impacto ambiental, que estejam em implantação ou em operação até a data de publicação desta Resolução.

Art. 27 Verificada a ocorrência de implantação ou operação de empreendimento em local sob restrição de uso a SEMADES poderá conceder o prazo máximo de 1 (um) ano para que seja promovida a realocização.

Parágrafo Único – Para os empreendimentos com situação prevista neste artigo será concedida a LO com prazo de vigência estabelecido para a realocização.

Art. 28 A SEMADES, mediante decisão motivada, poderá modificar os condicionantes e as medidas de controle e adequação, suspender ou cancelar licença expedida, quando ocorrer:

I – violação ou inadequação de quaisquer condicionantes ou normas legais;

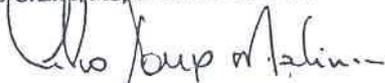
II – superveniência de graves riscos ambientais e de saúde.

Art. 29 Ficam aprovados os quadros de tabelas referentes aos custos de análise e valor da Licença, constante do Anexo Único desta Resolução.

Parágrafo Único – Para a concessão das licenças constantes desta Resolução, o requerente deverá promover a quitação dos débitos porventura existentes junto à SEMADES ou inscritos em Dívida Ativa.

Art. 30 Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campo Grande, MS, 01 de abril de 1998.


CELSO DE SOUZA MARTINS
Secretário de Estado de Meio Ambiente
e Desenvolvimento Sustentável

ANEXO ÚNICO

I Empreendimentos de turismo e/ou recreativos situados na zona rural, nas áreas de proteção de mananciais, nas unidades de conservação e no entorno destas inclusive, tais como:

ATIVIDADES	PORTE				
	MP	P	M	G	E
Hoteis, pousadas, ranchos pesqueiros - NL	<= 10	> 10 E <= 30	> 30 E <= 150	> 150 E <= 300	Demais
Embarcações de turismo pesqueiro - LM	<= 10	> 10 E <= 30	> 30 E <= 150	> 150 E <= 300	Demais
Balneários, campings, clubes - AT	<= 1	> 1 E <= 3	> 5 E <= 25	> 25 E <= 50	Demais
Serv. De passeios ecológicos em áreas de fragilidade ambiental- PG	<= 20	> 20 E <= 50	> 50 E <= 150	> 300 E <= 600	Demais

II. Outros, independentemente da localização, tais como:

ATIVIDADES	PORTE				
	MP	P	M	G	E
Parques temáticos - AT	<= 1	> 1 E <= 3	> 5 E <= 25	> 25 E <= 50	Demais
Autódromo - AT	<= 1	> 1 E <= 5	> 5 E <= 50	> 50 E <= 100	Demais
Kartódromo e Pista de motocross - AT	<= 0,5	> 0,5 E <= 1	> 1 E <= 10	> 10 E <= 25	Demais

Onde:

MP - MUITO PEQUENO

P - PEQUENO

M - MÉDIO

G - GRANDE

E - EXCEPCIONAL

AT - ÁREA TOTAL EM HECTARE

LM - LOTAÇÃO MÁXIMA DE PESSOAS

PG - Nº MÁXIMO DE PESSOAS POR GRUPO

NL - Nº DE LETIOS

LP - LICENÇA PRÉVIA

LI - LICENÇA DE INSTALAÇÃO

LO - LICENÇA DE OPERAÇÃO

CUSTOS DAS LICENÇAS

Porte do Empreendimento	Valores em UFERMS		
	LP	LI	LO
MUITO PEQUENO	10	10	10
PEQUENO	20	15	20
MÉDIO	40	20	40
GRANDE	60	30	60
EXCEPCIONAL	80	40	80

RESOLUÇÃO SEMADES/Nº 332, DE 01 DE ABRIL DE 1998.